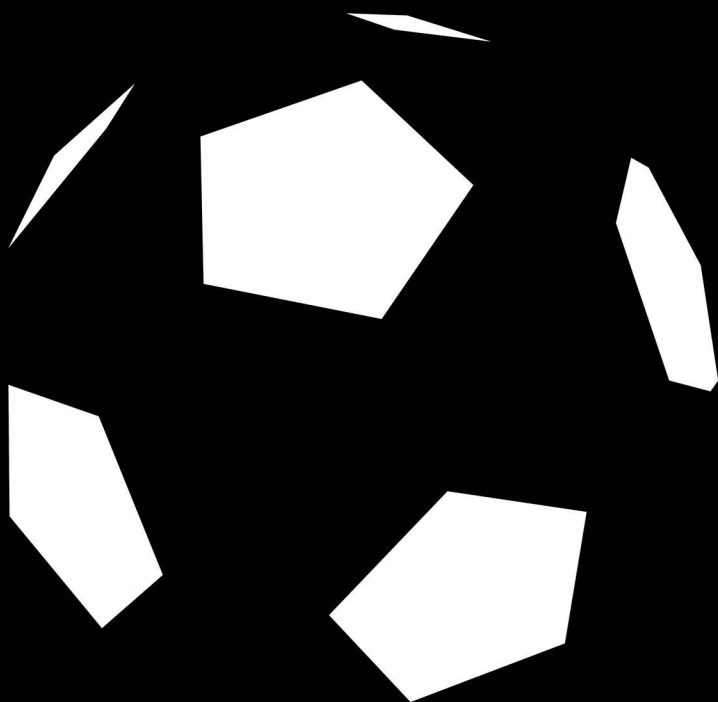


As pioneiras do futebol
pedem passagem:
conhecer para reconhecer



Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral

*As pioneiras do futebol
pedem passagem:
conhecer para reconhecer*



Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral

Copyright © 2022 das autoras

1ª edição - 2022

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Carlos André Bulhões Mendes

Vice-reitora: Patrícia Pranke

Pró-reitora de Extensão: Adelina Mezzari

Vice-Pró-Reitor de Extensão: Eduardo Cardoso

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - ESEFID

Diretora: Luciana Laureano Paiva

Vice-diretor: Rogério Voser

Título: As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer

Autoras: Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral

Revisão: Vera Fernandes

Capa: Francine Alexandra Moreira Aires

Ilustração: Francine Alexandra Moreira Aires

Projeto Gráfico: Francine Alexandra Moreira Aires

Diagramação: Tiago Dillenburg e Francine Aires

Esta obra é resultante das ações do Programa de Extensão Futebol e Mulheres – conhecer para reconhecer, vinculado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A iniciativa provém do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História e recebeu financiamento do programa Academia & Futebol da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor.

G595

Goellner, Silvana Vilodre

As pioneiras do futebol pedem passagem : conhecer para Reconhecer. / Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

UFRGS, 2018.

216p.

(Coleção: Academia Ludopédio)

ISBN 978-65-84540-06-4

1. Futebol. 2. Mulher. I. Goellner, Silvana Vilodre II. Cabral, Juliana Ribeiro. III. Título.

Elaborada pela equipe da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS



*Dedicamos este livro a todas as mulheres que
fizeram e fazem o futebol acontecer*

*O preconceito é um fardo que confunde o passado,
ameaça o futuro e torna o presente inacessível.*

– Maya Angelou

Sumário

Apresentação · 11

Começa o nosso jogo · 13

A atacante que comeu a grama
do Olímpico (Ketty) · 17

A goleira de duas metas (Meg) · 31

Eu não sou resto, sou sua atleta (Cenira) · 47

Charmosas e belas dentro do campo: não é para
isso que eu estou jogando futebol (Márcia Tafarel) · 63

A zagueira que matou a fome
jogando bola (Soró) · 79

O futebol que só era possível
à luz do luar (Ita Maia) · 95

É este esporte que eu quero
para mim (Patrícia) · 109

O futebol para as mulheres não era uma profissão.
E a história comprova isso (Suzana Cavalheiro) · 125

A primeira brasileira no
calcio italiano (Lucia Feitosa) · 141

Mais que musa, uma craque (Bel) · 155

Não sou mulher só em março nem
negra só em novembro (Dilma Mendes) · 169

Euforia é uma sensação que
só quem ganha sabe (Helena Pacheco) · 185

CBF, cadê a coroa da nossa Imperatriz? (Sissi) · 201

Apresentação

Da parceria entre Silvana Goellner e Juliana Cabral surge um livro que narra fragmentos da história de mulheres que ousaram jogar futebol num contexto que insistia em adjetivar seus corpos como inaptos e dissidentes. A herança de um passado de interdições e preconceitos produziu, além de um forçoso atraso no desenvolvimento da modalidade, marcas naquelas que bravamente desafiaram o instituído. Esse livro é fruto da generosidade de um grupo de mulheres que viveram o futebol e decidiram divulgar suas memórias. Entre resistências e negociações, as histórias aqui contadas são capazes de nos levar para um outro tempo, nos permitindo conhecer a inventividade da vida de mulheres atletas.

Silvana e Juliana, obrigado por essa obra sensível e inspiradora.

Esse livro integra as ações do projeto de extensão “Futebol e Mulheres – conhecer para reconhecer” (ESEFID/UFRGS), coordenado por mim e financiado pelo programa Academia & Futebol da Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor.

André Luiz dos Santos Silva

Começa o nosso jogo

A ideia deste livro começou a ser esboçada em 2020 quando a Editora Ludopédio publicou *Democracia Fútbol Club: o jogo de bola além das quatro linhas*, de Roberto Jardim. Desde então, ficou claro o desejo de produzir um material contendo histórias de mulheres que integraram o que denominamos de “geração pioneira”, isto é, que se dedicaram ao futebol tão logo ele foi regulamentado no início da década de 1980. Que fique absolutamente claro: esse marco é meramente simbólico porque as mulheres sempre estiveram no futebol, mesmo quando ele foi oficialmente proibido em nosso país. A regulamentação apenas oficializou essa presença, o que contribuiu para tirá-la das zonas de sombra e da ilegalidade, ainda que timidamente.

Para escalar nossa equipe tivemos que fazer opções. Quisera nós pudéssemos contemplar todas as mulheres que, a despeito de tudo e de todos, ousaram jogar bola contribuindo para que hoje possamos ter um futebol mais visível e estruturado. Por mais que esse fosse o nosso desejo, estamos cientes da sua impossibilidade e, por isso, decidimos escolher onze jogadoras, cujas histórias possibilitam discutir temas relativos à história da modalidade como, por exemplo, profissionalização, maternidade, migração para o exterior, machismo, relação com entidades gestoras e dirigentes, racismo, várzea, regionalismos, objetificação e sexualização das mulheres, entre outros. Além das jogadoras, resolvemos inserir a primeira treinadora a conquistar um título nacional como forma de homenagear todas as mulheres que atuaram extracampo e que, assim como as atletas, enfrentaram muitos obstáculos para estar no futebol. Esse foi nosso primeiro projeto, no entanto, ao

pesquisar sobre essa geração e sobre o futebol de mulheres pós-regulamentação decidimos, no último texto deste livro, destacar a jogadora que representa essa geração pelas suas conquistas dentro de campo e pela resistência fora dele. Nosso ato é político e, ao reclamar a falta de reconhecimento da entidade máxima do futebol brasileiro a essa precursora, reivindicamos as devidas homenagens a ela e à geração pioneira, cujas histórias foram apagadas, silenciadas e esquecidas.

A escrita deste livro apesar de ser feita a quatro mãos é também coletiva e contempla vários processos. Não escrevemos sobre elas, mas com elas. Cada texto começou a ser construído a partir da entrevista que realizamos com quem o protagoniza, momento que partilhamos com as demais integrantes do Grupo de Pesquisa Mulheres do Futebol¹. Passada essa etapa, mergulhamos nos relatos autobiográficos de cada pioneira, os quais foram complementados por meio de pesquisas que realizamos em jornais, fotografias, acervos pessoais e institucionais e vídeos. Uma vez analisadas essas fontes, elencamos os principais pontos a serem abordados em cada narrativa e nos dedicamos a escrever juntas cada parágrafo, mesmo que uma de nós resida em São Paulo e outra em Porto Alegre. Ao longo de dez meses, nos encontramos de modo remoto pelo menos três vezes por semana, e entre cafés e chimarrão, lapidamos juntas todos os títulos, palavras, ideias, citações, destaques, críticas e reivindicações.

Concluído o texto, convidamos cada protagonista para uma reunião, também remota, na qual lemos aquilo que escrevemos, dando-lhe liberdade para fazer os acréscimos e as supressões que desejasse. Não houve alterações senão pequenas correções relativas a datas ou nomes de equipes e competições. Todas, sem exceção, se sentiram identificadas nas nossas palavras e, ao ouvi-las, se emocionaram e nos emocionaram. Rimos e choramos

1 · O Grupo de Estudos Mulheres do Futebol (GEMF) foi criado em novembro de 2020 e sua formação inicial foi composta pelas autoras deste livro, a jornalista Lu Castro e as ex-jogadoras Dilma Mendes, Leda Maria, Márcia Tafarel e Thaís Picarte. Em função de outras atividades, Lu, Leda e Thaís se desligaram do Grupo em 2021.

ao rememorar com elas momentos de alegria, conquista, realização, tristeza, frustração e desencanto. A intimidade, confiança, cumplicidade e sororidade partilhada nesses encontros fortaleceram nossos laços e nosso compromisso com essa geração que, mesmo sendo tão importante para a história do esporte brasileiro, não é conhecida nem reconhecida. Por fim, queremos registrar que este livro focaliza a história de 13 mulheres do futebol, mas tem como intenção homenagear todas.

ketty



A atacante que comeu a grama do Olímpico (Ketty)

Porto Alegre, 17 de abril de 1983. A cidade se mobilizou para receber um clássico do futebol brasileiro. Grêmio e São Paulo se enfrentaram em pleno Estádio Olímpico para disputar uma partida da terceira fase da Taça de Ouro, denominação do Campeonato Brasileiro daquele ano. O público presente no estádio, 40.820 pessoas para a capacidade máxima de 51.081, não sabia que, naquele dia, presenciava um momento histórico: a entrada em campo das jogadoras do Sport Clube Rio Grande e do Clube Esportivo Bento Gonçalves que na preliminar disputaram o que talvez tenha sido o primeiro jogo oficial entre equipes de mulheres no Brasil. Isso aconteceu porque, cinco dias antes, o Conselho Nacional de Desportos (CND) autorizou as federações e associações esportivas a organizarem jogos e campeonatos. Até então, isso era proibido porque existia um Decreto que oficializou a interdição às mulheres “de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Esse documento ficou vigente por quase quarenta anos, sendo revogado apenas em abril de 1979. Mesmo não nomeando os esportes contraindicados, sua existência provocou várias interpretações e serviu de justificativa para o surgimento de discursos e práticas que limitaram a presença delas no futebol, tornando-o, muitas vezes, uma prática proibida. A publicação no Diário Oficial da União, no dia 11 de abril de 1983, do decreto que regulamentou o futebol feminino no país foi determinante para sua estruturação e desenvolvimento. Essa decisão aplicou um cartão vermelho no preconceito existente na época e tornou visível que, mesmo não

sendo legalmente autorizadas, as mulheres há muito tempo já praticavam este esporte e nele inscreviam suas histórias.

No Rio Grande do Sul, antes da realização desse jogo inaugural, já aconteciam torneios de futebol de campo e de salão, muitos deles noticiados na imprensa gaúcha. Uma matéria publicada no dia 15 de março de 1983 pelo jornal O Pioneiro dá indícios de que o futebol delas não só existia como era abundante. Intitulada “Mulheres com a Bola Cheia”, divulgava dados de um levantamento feito pela Federação Gaúcha de Futebol que indicava a existência de aproximadamente 4.500 jogadoras distribuídas em 300 times com atuação no Estado. A abundância de equipes facilitou a celebração da tão almejada preliminar, cuja realização partiu de uma aposta entre dois homens envolvidos com futebol: João Giugliani Filho, Presidente da Federação, e Moacir Agatti, treinador de uma equipe de mulheres na cidade de Bento Gonçalves, onde residiam.

Inconsolado com não regulamentação da modalidade, em uma conversa informal, Moacir se colocou à disposição para viajar até Rio de Janeiro com o intuito de dialogar com autoridades do CND e conseguir que assinassem a documentação necessária para regularizar essa prática. Se tivesse êxito, a sua equipe deveria participar do primeiro jogo oficial do Rio Grande do Sul, ficando a cargo da Federação escolher o time adversário. Agatti tinha conhecimento, experiência e argumentos para apresentar aos gestores do esporte nacional, até mesmo porque, à despeito da legislação, sua equipe já participava de competições, conforme declarou o Jornal Folha da Tarde ao vencer uma delas: “Nesse campeonato mostramos que o futebol feminino é uma realidade. Ele só não existe na cabeça dos que acham que ele não existe!”

O fato é que alguns dias depois dessa visita, o CND regulamentou a modalidade e o prometido confronto aconteceu. As duas equipes que protagonizam o espetáculo já acumulavam experiência em amistosos e jogos recreativos. O Sport Clube Rio Grande, fundado em 1900, era considerado o time mais antigo de futebol no Brasil e desde 1980 mantinha uma equipe de mulheres, apelidada de Loucurinhas do Vovô. Já o time de Moacir, o Bento

Atlético Clube, apesar de não ter nenhum vínculo clubístico, era conhecido na cidade e para melhor representá-la assumiu o nome do Clube Esportivo Bento Gonçalves criado no ano de 1919.

O jogo no Estádio Olímpico foi vitorioso para a equipe do Esportivo que teve o apoio caloroso da torcida gremista por usar a mesma cor em seu uniforme. Vestidas com uma camisa azul, as jogadoras entraram em campo, demonstraram seu talento e golearam o adversário. Ketty foi o grande destaque do jogo, levando o público à loucura quando conduzia a bola com as duas pernas e, com muita categoria, driblava as oponentes. Pelo seu estilo, foi caçada em campo e, aos 35 minutos do segundo tempo, cansada de apanhar, foi expulsa depois de revidar uma falta sofrida. Aguerriada, não temia os golpes e agressões, sentia como se fossem o combustível que a impulsionava para jogar mais e melhor. - Fiquei com o corpo dolorido por dias. Levei muita pancada e em um momento desses eu acabei mordendo a grama do Olímpico e comendo o gramado porque, por mais que eu apanhasse, eu queria jogar futebol e ver meu time ganhando esse jogo. E foi o que aconteceu. Placar de 8 x 0, com 3 gols de Ketty!

Um clássico a desconstruir: meninos x meninas

Claudete Anderle, apelidada pela irmã de Ketty, nasceu em Bento Gonçalves no dia 20 de janeiro de 1965. Descendente de imigrantes italianos, é a quinta filha de uma família de quatro irmãos e duas irmãs. Sua infância foi vivida na mesma casa na qual reside hoje com sua mãe e de onde nunca saiu. Naquela época, a cidade era diferente, assim como seu bairro e sua rua. Não havia asfalto e foi no chão de terra batida que começou a jogar bola, com aproximadamente 10 anos, quando brincava com seus vizinhos. Como era a única menina, essa prática desde cedo foi recriminada tanto dentro quanto fora de sua casa. Ketty foi uma criança muito ativa, gostava de se divertir e de participar de atividades que eram associadas aos meninos como bola de gude, bafo, futebol, entre outras. Os gestos comedidos, tão indicados para as garotas, não faziam parte do seu universo e isso fazia com que se sentisse

estranha. - Eu era a única menina da turma que jogava futebol na rua, mas eu não estava nem aí porque para nós, crianças, a gente não via essa diferença entre o que é masculino e o que é feminino. Deus não vê essa diferença!

Ketty gostava de movimento, praticava várias modalidades esportivas e o futebol jogado com bola de meia, papel, plástico ou de qualquer outro material, apesar de não ser considerado como coisa de menina, deu ao seu corpo capacidades que posteriormente soube usar muito bem. Sua experiência corporal diversificada favoreceu a formação da jogadora, cuja escola foi a rua, assim como a de tantas outras pioneiras do nosso futebol. Por muito tempo não existiam escolinhas esportivas nem categorias de base voltadas para o desenvolvimento das meninas e essa privação fazia com que acessassem tardiamente o futebol. Quando acessavam.

A falta de oportunidades fez com que nossa atacante ingressasse em seu primeiro time quando tinha 17 anos. Em 1982, driblou os preconceitos e ingressou no Bento Atlético Futebol Feminino a convite de Moacir Agatti. Esse acontecimento se configurou como um rito de passagem em sua vida. Pela primeira vez jogou só com mulheres, treinava sistematicamente, estava aprimorando suas habilidades, viajava para participar de competições, enfim, conseguia vislumbrar a possibilidade de se tornar aquilo que queria ser: jogadora de futebol. No jogo contra o Rio Grande, em 1983, protagonizou um dos momentos mais marcantes de sua carreira quando, em pleno Estádio Olímpico, teve seu talento reconhecido pelo público e pela mídia, chegando a ser comparada com Renato Gaúcho por conta de seu estilo e desempenho em campo. Ainda no estádio, concedeu entrevistas, seu nome foi estampado em várias reportagens e um dos seus gols foi exibido em uma das vinhetas da abertura da novela Guerra dos Sexos, então veiculada pela Rede Globo. A comparação com o ídolo gremista, que para muitos parecia ser um prêmio, para a jogadora não tinha sentido, pois ela não se sentia representada na figura de um homem. - Eu não tinha referência de jogador. Eu queria ser igual a mim.

Esse tipo de associação era recorrente naquele tempo e perdura até a atualidade, secundarizando o protagonismo das mulheres, como se seu desempenho em campo não fosse qualificado para se tornarem referências esportivas, inclusive para eles. Ketty era craque: ambidestra, corria muito, tinha o dom do drible para o desespero das zagueiras, dominava a bola no peito com propriedade, dava cambalhotas em campo, antevia as jogadas e tinha habilidades de sobra para colocar a redonda onde quisesse. - Eu era habilidosa, eu não gosto de dizer isso porque sou uma pessoa simples, nunca quis ser melhor que ninguém. Eu amava futebol e ainda curto muito.

No entanto, esse amor não foi suficiente para transpor a grande barreira de sua vida, aquilo que a fez negar o convite para integrar a Seleção brasileira e conseqüentemente realizar o seu grande sonho.

O patriarcado e a soberania do pai

Ketty nasceu em uma família de imigrantes italianos residentes em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. O peso da tradição, aliado à subvalorização da mulher no contexto de uma sociedade patriarcal, foi o maior adversário que enfrentou em diferentes campos de sua vida. Seu pai nunca apoiou seu desejo de jogar futebol, ao contrário da mãe que a acompanhava em jogos, viagens e competições. Como ele era a autoridade máxima da casa, Ketty viveu vários enfrentamentos e, muitas vezes, se dividiu entre viver o que queria e aquilo que o pai impunha. Assim foi com o futebol. Ao longo de sua carreira, que durou 17 anos, teve que fazer muitas escolhas, algumas arrojadas, outras dolorosas. Em 1985, com a extinção da equipe do Esportivo, passou a jogar pelo Independente F. C., onde permaneceu por dez anos, dois no futebol de campo e oito no de salão. Em 1986, integrou a equipe que representou o Rio Grande do Sul no campeonato brasileiro de seleções realizado na cidade de Campinas, em São Paulo, e lá foi convidada para disputar algumas partidas pelo Saad Esporte Clube, uma equipe de referência na década de 1980.

Morar longe de Bento Gonçalves não era algo possível naquele momento porque Ketty era funcionária da empresa do pai e tinha muitas demandas a cumprir. Não foram poucas as vezes que trabalhou até de madrugada para compensar as horas que utilizava para viver seu maior desejo.

- Joguei poucas partidas porque eu não tinha liberdade. O meu pai não me deixava ir porque eu tinha que trabalhar. Eu só ia no final de semana e de ônibus, às vezes chegava em São Paulo e da rodoviária eu ia direto para o Morumbi ou para o estádio que tinha o jogo. Eu me fardava e entrava em campo sem descansar, sem almoçar às vezes, até porque dependendo do horário não dava tempo.

Como patrão, Luiz Anderle não flexibilizava as exigências que fazia para a filha, ao contrário do que acontecia com os filhos homens, que tinham privilégios que ela nunca conheceu. Dono de uma transportadora de grãos, cuja sede era na própria casa onde a família residia, Ketty exerceu várias atividades na empresa. Seu empenho com as tarefas que estavam sob sua responsabilidade impediu que concluísse o curso de graduação em Administração porque, às vezes, passava mais de um mês fora de Bento Gonçalves. Ainda assim, sua dedicação à transportadora não lhe garantiu direitos e nem o reconhecimento do pai. Diferente dos filhos homens, ela nunca teve sua carteira de trabalho registrada e muitos funcionários da empresa sequer sabiam que ela era a filha do proprietário.

Além da experiência no Saad, sedenta pela bola, fez outras investidas para jogar futebol. Por cinco meses, atuou no Atlético Montesi, em São Miguel do Oeste, Santa Catarina e, posteriormente, foi convidada para compor o elenco do Coritiba, clube que permaneceu apenas uma semana por não concordar com a filosofia daqueles que o comandavam e por perceber que não receberia o salário que foi prometido. A decisão de sair de casa para defender a camisa do clube paranaense tinha provocado uma terrível briga com seu Luiz, o que fez com que o retorno fosse muito mais penoso: - Achei melhor recuar e voltei para casa com o rabinho entre as pernas pedindo desculpa para o meu pai. Voltei

para a empresa onde eu trabalhei mais de 15 anos sem carteira assinada. Como eu não tinha vínculo com a empresa eu também tinha liberdade e por isso, como não tinha nada escrito, às vezes eu me dava o prazer de poder transpor certas linhas.

Apesar de identificar certa liberdade nas suas escolhas, parece que essa sensação se relacionava apenas com seu vínculo de trabalho. Por vezes ela ousava, mas essa ousadia tinha limites e estes eram estabelecidos pelas convenções sociais e pela autoridade paterna. Um acontecimento muito marcante em sua vida e que relembra com tristeza foi a pichação com giz feita na fachada da sua casa, onde foi agredida com palavras pejorativas e preconceituosas pelo fato de jogar futebol. O pai viu a filha naquelas palavras, não a acolheu nem contestou o que foi escrito. Ao contrário, acatou o xingamento. Ketty tinha uma grande admiração por seu Luiz, ansiava pelo seu reconhecimento e não queria desapontá-lo, mesmo sendo impedida de viver algumas experiências que tanto almejava. Respeitava sua autoridade e, para não a transgredir, abdicou do que teria sido a concretização de seu maior desejo. Certo dia o telefone tocou em sua casa, era um convite para integrar a Seleção. - Minha mãe disse vai, e o meu pai, quando eu disse que teria que ir para o Rio de Janeiro, me olhou e disse: “se tu sair por essa porta nunca mais tu entra. Tu pode jogar seu futebol aqui, mas se tu for para fora a porta está aberta só para tu sair, mas não para voltar. Eu te renego”.

Ketty estava aprisionada às convenções que estruturavam a sociedade naquele momento centralizadas no poder dos homens sobre as mulheres. Não se afastar nem desagradar a família a fez rejeitar o convite, frustração com a qual ainda convive. Ela sabia que tinha muito a contribuir para a Seleção e se sentia plenamente capaz de ocupar aquele espaço. - Aquilo me doeu, me rasgou por dentro porque meu maior sonho era vestir a camisa da Seleção brasileira”.

O fato de abdicar da Seleção não a impediu de continuar esbanjando seu talento com a bola. Se destacava nas competições que disputava, foi artilheira em muitos campeonatos, arrancava aplausos do público ao executar seus dribles, fintas e gols.

Além do campo, também fez história no futsal, modalidade na qual encerrou a carreira depois de conquistar o terceiro lugar no Campeonato Gaúcho em 1999 pelo Galera, da cidade de Nova Prata. Essa vitoriosa trajetória, reconhecida por quem jogou ou viu Ketty jogar, não amenizou as dores que suportou para ser quem era e para fazer o que queria. Em um momento de profunda tristeza, nossa atacante destruiu vários troféus que comprovariam suas conquistas. Impulsionada pela tentativa de extirpar um sofrimento que calava fundo em seu coração, a aniquilação de algo material pode ter apagado alguns registros de sua memória ou ainda dificultado seu acesso. No entanto, aquilo que ela viveu está inscrito em suas carnes, faz parte de sua história que, uma vez lembrada, revela episódios de tristeza e alegria, de dor e superação, de raiva e amor.

Esse misto de sentimentos foi vivido por Ketty no ano de 2012, já longe do futebol, quando seu pai foi acometido por uma doença grave e durante os três meses que se estenderam entre o diagnóstico e o seu falecimento, foi a filha que ele tanto desprezou que se dedicou a cuidá-lo. Ketty viveu esse período sob tensão, seja pela relação conturbada que existia entre eles, seja pelo que aflorou em seu coração.

- Eu me rebelei contra mim mesmo. A raiva que eu tinha e o desprezo que ele me deu eu transformei tudo isso em amor. Ele vai morrer, eu pensava, mas eu quero que ele veja que o amor é mais importante que o dinheiro, que ser homem ou ser mulher e de tantas outras coisas.

Essa convivência parece ter surtido algum efeito em seu pai, que nos últimos dias de vida lhe disse que tinha consciência do quanto a havia prejudicado. Se valorizou ou não o amor, a dedicação e o respeito da filha não há como saber, o fato é que ainda acamado solicitou a Ketty que nunca abandonasse a mãe e que não brigasse com os irmãos que, diferente dela, poucas vezes contestaram o pai. E assim se fez!

Foi apenas com 40 anos que Ketty conseguiu retirar seu Luiz do pedestal no qual ela mesmo o havia colocado, e no processo de desconstrução da centralidade do poder paterno na condução da

família, é que passou a ter uma outra percepção sobre a mãe. Por anos ela quis ser como o pai e, ao se perceber diferente dele, viu que dona Fiorinda era sua maior inspiração. A ancestralidade que lhe deu forças não estava nele, mas na mãe que sempre esteve ao seu lado e que, como ela, enfrentou vários impedimentos apenas por ser mulher. Elas tinham muitas coisas em comum, inclusive o amor pelo futebol.

Não acredito que vou te perder para eles

Desde sua infância, vivida na década de 1930 nos arredores de Bento Gonçalves, dona Fiorinda já frequentava estádios e campos para assistir ao futebol, mesmo que esses fossem espaços de domínio dos homens. Cumpridora de seus deveres no matrimônio, como era comum, passou a vida circunscrita aos cuidados do lar e da família, o que significava deixar a casa organizada, providenciar a alimentação, a limpeza, a educação dos filhos, enfim, todas as tarefas domésticas que eram impostas às mulheres. Esse trabalho, apesar de exaustivo, era invisível, até para Ketty que, mesmo sendo mulher, não reconhecia o valor da mãe e nem se sentia representada por ela. Dona Fiorinda nunca pensou em jogar bola, mas como era apaixonada por esportes, não viu empecilhos quando a filha decidiu ser jogadora. - Quando ela era criança não queria boneca, só queria bola. Jogava com os irmãos de pequena e eu achava bonito ver ela jogar. E nunca disse: Claudete tu não vai jogar! Eu sempre incentivei. Quando ela dizia que ia em tal lugar jogar, eu deixava inclusive quando começou a ir nos finais de semana para Porto Alegre.

Dona Fiorinda acompanhou de perto a carreira da filha: assistia aos jogos e treinos, viajava sozinha para prestigiá-la em campo, excursionou para Buenos Aires junto com a equipe do Independente e testemunhou a conquista da sua última medalha, em 1999. O suporte afetivo da mãe só foi percebido por Ketty quando o pai saiu de cena: - Eu não vou mentir. Eu achava o meu pai mais importante, só que com o passar do tempo eu vi que ela era mais importante que o pai. Se eu sou a pessoa que sou, 50%

é porque ela me ensinou a ser assim. Me deu uma boa educação, sempre tentou me mostrar o que é certo ou errado.

Sua mãe fez muito mais do que isso. Esteve junto de Ketty no momento mais sombrio de sua vida, quando passou por uma depressão profunda e, sem forças para reagir, queria morrer. - Eu realmente já tinha tomado a decisão que eu não queria mais viver. A dor era tão grande, eu estava sangrando tanto por dentro que eu achava que morrendo essa dor ia estancar.

A indiferença do pai e dos irmãos afetou profundamente Ketty que, por cinco dias, se manteve deitada em um sofá sem comer, tomar banho e fumar, o que era um prazer para ela. Mesmo residindo na mesma casa, seu Luiz desconsiderou a tristeza da filha e ignorou seu adoecimento. Se Ketty sobreviveu é porque dona Fiorinda não desistiu dela. Em um dia frio e chuvoso, ela se sentou em uma mesinha à frente do sofá no qual a filha estava prostrada, lhe ofereceu um suco de laranja e chorando disse: “Minha filha, toma esse suco pelo amor de Deus senão eu vou te perder por causa deles. Tu tem que levantar daí e tomar um banho”. Ao ver sua mãe, com 70 anos, implorando pela sua vida, Ketty reagiu e gradativamente retomou suas atividades com a ajuda de uma profissional e o apoio de algumas pessoas com as quais matinha laços afetivos.

Quando Ketty desistiu de atender à convocação para atuar na Seleção, sua maior frustração, dona Fiorinda ficou desolada. - Me doeue até o estômago. Meu marido disse: “Se tu vai, não volta mais!” Atordoada em seus sentimentos, nossa atacante não reconheceu como potente a voz de sua mãe, que declarou: “Ele não vai te aceitar, mas eu vou te pegar de volta”.

O peso do patriarcado atingiu duplamente dona Fiorinda: primeiro, pelo fato de a filha não ter ido para a Seleção; segundo, porque não conseguiu que a filha fosse. Por não identificar como legítima a autoridade da mãe, Ketty abdicou do que era seu maior desejo: vestir a amarelinha. A tristeza que sentiram naquele momento foi amenizando com o passar do tempo e se transformou em algo que elas partilham com certa leveza, assim como a vida que levam hoje, juntas, valorizando o amor incondicional que as

une. O futebol ainda faz parte de suas vidas, gostam de assistir aos jogos pela televisão e, muitas vezes, o fazem até de madrugada, desfrutando a companhia uma da outra e as emoções de ver rolar a bola.

Muito mais do que apenas “A sensação do Olímpico”

A atacante que comeu a grama do Olímpico e que durante anos foi a sensação nos jogos que participou, afastou-se dos gramados pela falta de estrutura desse esporte e pelas questões que enfrentou dentro de casa. Assim como ela, muitas mulheres não conseguiram se manter no futebol no início da década de 1980, que em nosso país dava seus primeiros passos como modalidade regulamentada. - Eu nasci para ser atleta, mas eu não consegui evoluir em função de família. Nunca ganhei dinheiro jogando futebol, muito pelo contrário, eu sempre tirava do bolso para ter essa minha paixão.

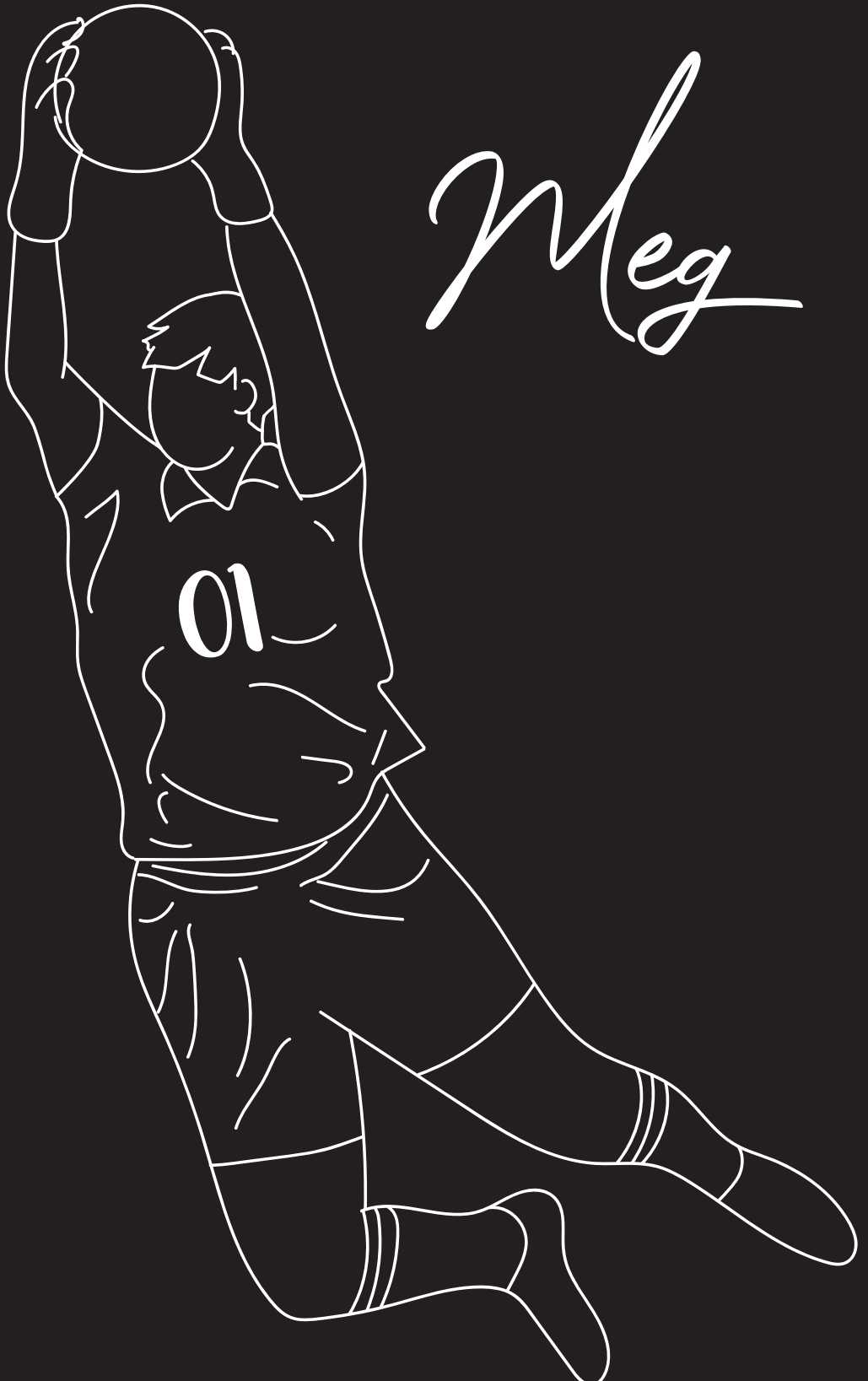
Se na atualidade é mais comum vermos meninas jogando futebol com o apoio familiar é porque jogadoras como Ketty desbravaram os campos encarando preconceitos, impedimentos e desagравos. Como várias outras pioneiras, sua carreira poderia ter alçado voos mais altos, no entanto, a precariedade da modalidade impossibilitou muitos avanços. Em determinado momento, percebeu que era necessário parar. Não que quisesse, nem que tivesse planejado. Apenas aconteceu, sem que conseguisse fazer um jogo de despedida, algo que gostaria muito de ter vivenciado. Entrar em campo para o derradeiro confronto assinalaria o ponto final de uma trajetória vivida com muito amor, doação e superação de adversidades. Mesmo sendo um ritual, o valor simbólico atrelado a um jogo de despedida, tem muito valor para quem viveu intensamente o futebol. É um momento de celebração mesmo que seja um rompimento. Assim como Ketty, quase todas as mulheres que construíram a história do futebol brasileiro não vivenciaram essa emoção. Deixaram os gramados nas sombras, invisíveis. A própria Confederação Brasileira de Futebol, entidade responsável pela gestão da modalidade, só oficializou a despedida de uma atleta no ano de 2021, em um jogo que aconteceu durante o Torneio

Internacional de Manaus quando Formiga, que vestiu a amarelinha por 234 vezes e tornou-se a única atleta do futebol mundial a disputar todas as edições olímpicas, entrou em campo para dar adeus à Seleção. Ketty não desfrutou desse sonho, no entanto, o reconhecimento de seu triunfo perdura de outros modos.

No dia 5 de dezembro de 2021, as pioneiras do Clube Esportivo organizaram um encontro festivo com o objetivo de reunir o grupo que iniciou o futebol de mulheres na cidade de Bento Gonçalves. O almoço, celebrado com o tradicional churrasco, agregou mulheres que não se viam há mais de trinta anos. Ketty esteve presente, juntamente com sua mãe que, aos 92 anos, foi recebida com muita alegria por grande parte das jogadoras que relembrou o seu entusiasmo ao apoiar e acompanhar a filha durante o período em que esteve no futebol. O ambiente estava decorado com as cores do clube, azul e branco, foram expostos troféus, medalhas, bolas, camisetas, uniformes e nas paredes foram afixadas fotografias e reproduções de matérias jornalísticas da época. O nome de Ketty se sobressaiu tanto nesses registros quanto na narrativa das companheiras que não deixaram dúvidas: ela era a sensação dos jogos.

O fato de Ketty não ter chegado à Seleção de forma alguma desmerece a jogadora que foi e a mulher que se tornou. Apesar de não ter vivido do futebol, pelos clubes que passou, sua postura sempre foi regada por dedicação e profissionalismo. Como jogadora, foi reconhecida pelo talento, espírito aguerrido, senso de coletividade e por seu protagonismo. O pedido que nos fez para que inseríssemos no texto o nome de todas as jogadoras do Esportivo, que com ela entram em campo no inesquecível jogo no Estádio Olímpico, revela a mulher que é.

P.S. Jaqueline Breda, Natalina Gheno (Kika), Ana Pompermeyer, Rosemeri Conte (Rose), Beatriz Pompermeyer, Marlene Pedretti (Marleninha), Alda Pedrotti, Inelva Agati, Márcia Tafarel, Noemi Pedrotti Marinello (Mimi), Geni Gabrielli, Nelita Doroles Checato e Vânia de Oliveira.



Meg

A goleira de duas metas (Meg)

No início da década de 1980, o futebol de mulheres no Brasil ainda engatinhava em função da sua não regulamentação. As federações e associações esportivas não podiam e nem demonstravam interesse em oficializar a modalidade. Ainda assim, apesar do impedimento legal, elas ocuparam esse espaço e, desafiando as regras e convenções sociais, fizeram o futebol acontecer nas suas mais distintas regiões. Em jogos preliminares, eventos beneficentes, nas ruas, praias, praças, parques, ginásios e campinhos as mulheres se apropriaram desse esporte e, nas suas diferentes manifestações, demonstraram que ele também podia ser seu. Sem estrutura ou orientação específica de treino, a grande maioria das jogadoras buscou por si mesmas formas de se aprimorar técnica, tática e fisicamente. Por força das circunstâncias, se tornaram autodidatas em meio à escassez de iniciativas voltadas para o fomento do seu futebol, que só sobreviveu por conta da desobediência e da insistência delas.

No Rio de Janeiro, cidade sede de várias entidades gestoras do esporte, o futebol era praticado por mulheres desde a década de 1930, sobretudo nos subúrbios. A profusão de equipes, campeonatos e eventos mobilizou setores conservadores da sociedade que, articulados com o poder instituído, implementaram ações de cerceamento a algumas modalidades esportivas. Essa reação culminou com a instituição, por parte do Conselho Nacional de Desportos, do decreto que, por quase quatro décadas, tentou coibir a presença das mulheres nos esportes e que, por força da resiliência delas, não conseguiu.

Com a abertura política do fim dos anos 1980, a ascensão dos movimentos sociais, a entrada em cena dos feminismos e de uma série de outras alterações no contexto pós-ditadura militar (1964-1985), a paisagem urbana da cidade maravilhosa se modificou. As mulheres ocuparam espaços outrora proibidos, e o futebol fez parte desse processo. Se manteve nas periferias, mas também invadiu a zona sul. O futebol disputado nas praias de Copacabana se tornou um atrativo, mobilizando atletas e público que passaram a lotar a orla para ver as jogadoras em ação.

Nossa protagonista vivenciou esse movimento quando chegou ao Rio de Janeiro no ano de 1979. Margarete era goleira da Seleção paranaense universitária de handebol, já tinha experiência e destaque, o que lhe valeu o convite para atuar nas arenas cariocas. Foi lá que conheceu o futebol de areia, modalidade na qual se inseriu a convite de amigas. Um detalhe: atuava na linha e não no gol. - Eu era centroavante, eu não era goleira, mas era uma perna de pau, porém eu gostava daquilo, correr atrás da bola.

Eurico Lira, organizador dos campeonatos de areia de Copacabana e dirigente do Esporte Clube Radar, ao observar as características daquela mulher alta, magra e ágil, viu nela a oportunidade de ter uma muralha no gol de sua equipe e a induziu a mudar de posição. Foi assim que Margarete passou a atuar simultaneamente como goleira de handebol e de futebol. Suas qualidades, talento e dedicação fizeram com que chegasse a algo impensável: integrar a Seleção nacional e disputar campeonatos mundiais em duas modalidades distintas.

O menino do Nísio

Paranaense, nascida em Toledo, no primeiro dia do ano de 1956, Margarete Maria Pioresan, filha de Dionísio, mais conhecido por Nísio, e de Teresa, é a primogênita entre quatro irmãs e dois irmãos. Quando criança, adorava brincar de peteca, queimada, bolinha de gude, subir em árvores, nadar em rios, enfim, viver com liberdade várias experiências lúdicas próprias da infância. O futebol fazia parte de seu repertório corporal, pois acontecia

dentro da sua família onde brincava junto com o pai, irmãos e tios sem ser recriminada por isso. Fora de casa não era bem assim ao ponto de, por vezes, ser chamada de “o menino do Nísio”, expressão que a incomodava porque, mesmo quando criança, não se identificava dessa forma. - Isso ficava no meu coração e eu pensava: Que história é essa? Eu não sou menino, sou uma menina que gosta de fazer coisas, não de menino, mas que gosta de brincar. Qual o problema?

A inquietação de Margarete em não reconhecer essas formas de se divertir como sendo deles ou delas está profundamente enraizada nas representações de gênero que desde a infância moldam comportamentos, atitudes, sentimentos e pensamentos a partir do que culturalmente se considera adequado para cada sexo. Sua família não a reprimia nem cerceava essa infância de estímulos variados, mas, em contrapartida, na medida em que foi crescendo, precisou atender a algumas convenções sociais. Fora do universo privado, no convívio em comunidade, tinha que parecer e se comportar com o que era esperado de uma menina: usava vestidos e saias, sapatos femininos e, antes de ir para escola, passava na casa da avó que esticava e penteava seu cabelo “para eu ir que nem menina, bem arrumadinha. Ela chegava a me arrancar o couro do pescoço, sabe”.

Além de morar em uma cidade do interior da região Sul, Margarete cursou a primeira etapa de sua formação em um colégio de freiras e o ensino médio em uma escola regida por padres. Esse contexto, permeado pelo conservadorismo e pelo peso da religião, reforçava os papéis de gênero, e o futebol jogado em casa era impensável na escola. - Imagina, uma menina jogar futebol no colégio das freiras, era o demônio correndo atrás de uma bola.

No ambiente escolar, Margarete praticou vários esportes, no entanto, foi no voleibol que teve maior envolvimento disputando campeonatos estudantis na região. A somatória das experiências corporais vividas na infância e a participação em competições despertaram nela o interesse em cursar Educação Física. Entre 1972 e 1974, participou de algumas edições dos Jogos Abertos do Paraná, representando sua cidade em modalidades como

pingue-pongue e vôlei. Como não existia faculdade em Toledo, em 1975, aos 19 anos, partiu rumo a Maringá para realizar esse desejo e foi lá que iniciou sua carreira como atleta. Foi também na universidade que teve seu primeiro contato com o handebol, ao cursar a disciplina ministrada pelo professor João Marim Mechia, o grande responsável por introduzi-la à frente das balizas. - Todos os meus técnicos foram muito importantes, mas aquele que me viu e olhou lá atrás na faculdade que eu tinha talento e agilidade para eu ir no gol foi ele. Acho que ele foi como um pai para mim, foi meu criador.

Como era de costume, a cada início do curso João fazia um grande jogo e, na ausência de alguém para atuar no gol, Meg se dispôs a ocupar essa posição. Lembra o professor: - Ela falou: eu jogo voleibol. Eu falei: opa, então vai dar certo porque no gesto de defesa baixa você faz como se fosse fazer uma manchete com o afastamento da perna e vai somente com o braço para fazer o movimento de defesa. O time adversário não conseguia fazer gol porque além de ser grande, ela tinha flexibilidade, velocidade e destreza, praticamente tudo o que era necessário para uma goleira.

Ainda em 1975, Margarete foi convocada para a Seleção paranaense de handebol e fez sua estreia nos Jogos Universitários Brasileiros (JUB 's) sediados em Maceió. Nos três anos que frequentou a Universidade Estadual de Maringá (UEM), defendeu a instituição em vários campeonatos nas modalidades de handebol, voleibol e salto em altura. No entanto, foi no ano de 1978, nos JUB 's de Curitiba, que sua história inaugurou um novo capítulo. Ao disputar o jogo final entre as equipes do Paraná e do Rio de Janeiro seu desempenho foi notado por representantes da Sociedade Universitária Augusto Motta (SUAM) que, encantados com o que viram na quadra, a convidaram para morar na Cidade Maravilhosa e integrar a equipe dessa faculdade. Para tanto, ofereceram uma bolsa de estudos para cursar Fisioterapia e um emprego com carteira assinada junto a um colégio vinculado à instituição. Margarete viu ali a oportunidade de fazer um segundo curso superior e de imediato aceitou o desafio. - Misericórdia, saí de lá do interior, só tinha saído para um bate e volta para campeonatos. Eu só tinha 23 anos.

Essa mudança provocou muitas alterações em sua vida, até mesmo no nome que passou a ser conhecida no cenário esportivo. Margarete se transformou em Meg, apelido dado pelo seu técnico de handebol, William Felipe, assim que chegou ao Rio. Nessa cidade, nossa arqueira se confrontou com muitas novidades, além daquelas que são inerentes a quem mora em uma metrópole. Uma delas foi o envolvimento com o futebol, iniciado nas areias de Copacabana, de onde partiu para voos mais altos e sequer imaginados. Meg não poupou esforços para aprender novas técnicas de defesa. Até então, se divertia embaixo de uma baliza que media 2 metros de altura e 3 metros de largura. Ao entrar no futebol, teve que aprender outros gestos no intuito de defender uma meta cujo tamanho era muito maior: 7,32 metros de largura e 2,44 metros de altura. Além dessas especificidades técnicas, enfrentou vários desafios extracampo para se manter como atleta na dupla função, e mais do que isso, para realizar seu maior sonho dentro do esporte: representar o Brasil nos Jogos Olímpicos, o que aconteceu em 1996 quando, aos 40 anos, vestiu a amarelinha como goleira titular da Seleção brasileira de futebol.

O sonho olímpico e o não reconhecimento da CBF

O intercâmbio esportivo entre escolas e universidades foi intensificado na segunda metade da década de 1960 com a instauração da Ditadura Militar. O governo investiu em um sistema de gestão no qual o esporte escolar constituía a base de uma pirâmide cujo topo era reservado ao alto rendimento. A parte intermediária era ocupada pelo esporte de massa, que abrangia as atividades de lazer, recreação e o aprimoramento físico da população. Esse modelo, que em sua aplicação era excludente porque poucas pessoas chegavam ao nível mais elevado, contemplava o investimento em infraestrutura, equipamentos básicos e realização de competições. Os Jogos Escolares Brasileiros (JEB 's) e os Jogos Universitários Brasileiros (JUB 's) ganharam destaque nessa conjuntura revelando talentos que representaram o Brasil mundo afora. Meg se tornou atleta nesse período e, de certo modo,

é fruto dessa política. Sua trajetória esportiva iniciou na escola, teve sequência na universidade, expandiu-se no esporte clubístico e culminou no pódio onde subiu várias vezes para receber medalhas que até hoje guarda com muito carinho e cuidado. - Eu peguei a Seleção brasileira de handebol em 1983 e fiquei até 1989. E joguei futebol de campo em 1982, no Rio, com o Radar e fui até a Olimpíada de Atlanta em 1996. Atuando pelas duas modalidades juntas eu fui de 1983 até 1989.

Sua inusitada carreira deslanchou no Rio de Janeiro, onde participou do esporte universitário e clubístico. No handebol, defendeu a meta do Flamengo, Olaria, Radar, Petropolitano, da cidade de Petrópolis, e Mauá, de São Gonçalo, e no futebol integrou o elenco do Radar e do Vasco da Gama. Meg chegou à cidade com 23 anos, de Toledo a São Paulo viajou de ônibus com sua mãe, Teresa, onde encontraram seu tio, irmão da mãe, e sua esposa e seguiram de carro até o Rio de Janeiro. Ao contatar as pessoas que a convidaram para jogar pela SUAM, percebeu que as condições que esperava encontrar não existiam. Não havia nada definido no que diz respeito à moradia e alimentação, e o diretor da faculdade sequer sabia de sua existência. Meg, dona Teresa e tia só choravam, mas destemida e ousada como era, resolveu ficar. De modo emergencial, foi hospedada na casa da família de uma estudante de Pedagogia. - Foi difícil para minha mãe me deixar lá, porque você conviver com pessoas que nunca tinha visto, morar numa cidade enorme, não tinha carro, estava iniciando a carreira, tinha que pegar ônibus de cidade grande, para dar aula e voltar, então foi *bem* difícil.

Esses foram alguns dos muitos obstáculos que transpôs até realizar o sonho de participar dos Jogos Olímpicos. Durante o tempo em que esteve no esporte de rendimento não recebeu salário, e seu sustento foi provido pelo seu próprio trabalho. Viver no Rio de Janeiro demandava altos custos, o que fez com que morasse em espaços nos quais pudesse arcar com o aluguel. O primeiro deles não era nem um quarto, era um sofá que ficava na sala de uma senhora que tinha mais de 80 anos e que nossa goleira só ocupava depois que ela desligava a televisão e ia para a sua cama. Depois de residir um ano nessas condições, conseguiu local um quarto

na casa de uma viúva, onde permaneceu até 1982 quando dividiu as despesas de um pequeno apartamento em Copacabana com outras estudantes universitárias. Além da moradia, Meg arcava com as despesas de alimentação, transporte e gastos pessoais e, para tanto, se desdobrava em mil. De 1979 a 1994, dava aulas em um colégio particular. Em 1986, passou em um concurso para o cargo de professora de Educação Física na Prefeitura do Rio de Janeiro, feito que repetiu em 1992, quando assumiu outra matrícula, ou seja, atuava simultaneamente em três empregos. Esse excesso de atividades interferiu no seu processo de treinamento porque não tinha condições de se dedicar integralmente ao esporte. - Eu não podia treinar todos os dias porque trabalhava todo dia. Eu treinava quando dava, final de semana, uma manhã que eu não dava aula, eu ia treinar e depois voltava. Quando eu jogava no Vasco, cansei de treinar às sete horas da manhã com os goleiros de base, com o Helton que atuou pelo FC do Porto entre 2005 e 2016 e que é meu amigo até hoje. Eu nem tomava banho, eu pegava as minhas coisas e ia direto para o trabalho que era na Vila Isabel.

Em 1984, quando completou 28 anos, deixou de jogar handebol pela faculdade porque essa era a idade limite para a participação nos JUB's. No entanto, continuou brilhando na Seleção brasileira criada em 1983 para disputar o I Campeonato Sul-Americano de Handebol sediado em Buenos Aires, onde se tornou campeã em cima da Argentina com diferença de um gol. Naquela altura, também fazia bonito no futebol, esporte no qual se inseriu em 1982 quando vestiu o uniforme do Radar. Apesar de se dividir entre esses dois esportes, o handebol era a sua preferência, nele se sentia bem e poderosa. Meg é dona de um currículo vitorioso na modalidade: tornou-se campeã em mais dois Sul-Americanos (Caxias do Sul, 1984 e Novo Hamburgo, 1986), conquistou a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos de Indianápolis (1987) e de Colorado Springs (1989) e representou o Brasil o Campeonato Mundial do Grupo B em 1989, ambos realizados na Bulgária, onde ficaram na 15ª colocação. - Eu era apaixonada por handebol, eu não via nada na minha frente, eu amava handebol, não ganhava nada para jogar.

O sucesso que a equipe teve em nível continental não se repetiu nas competições mundiais nem na classificação para os Jogos Olímpicos, o que acabou acontecendo apenas no ano 2000, em Sydney. Mas foi tarde demais para a arqueira, que deixou a Seleção em 1989 com 35 anos carregando consigo essa frustração. Meg já não contava com essa possibilidade até que um novo convite a fez redirecionar sua meta, tanto a que defendia em campo quanto a que teve que traçar para alcançar o sonho olímpico. O anúncio de que o futebol de mulheres seria incluído nos Jogos Olímpicos de Atlanta bateu fundo em seu coração, e o desejo de estar lá fez com que deixasse o handebol de lado e passasse a se dedicar unicamente ao futebol. Nesse esporte também fez história à frente do gol. Apesar de ter jogado em poucos clubes, foi pioneira na equipe multicampeã do Radar que em várias oportunidades representou o Brasil em torneios internacionais no início da década de 1980. Foi com esse clube que recebeu ajuda de custo para jogar e fez sua primeira viagem internacional, em 1982, para disputar um torneio na Espanha. Por integrar essa equipe, foi convocada para participar do Torneio Experimental da China em 1988, convite que não aceitou por visar à disputa do Campeonato Mundial de Handebol que aconteceu na Bulgária no ano de 1989. Em 1991, foi novamente convocada, dessa vez, para compor a equipe que representou o Brasil na I Copa do Mundo de Futebol Feminino que aconteceu na China. Assim, ela relembra o diálogo que teve com Eurico Lira que na época, além de dirigente do Radar, era o responsável pela Seleção nacional:

- “Vamos para China, em 1991?” E eu: “Eurico, não! Eu parei, estou com 35 anos.” “Vamos para a China, porque vai ter Olimpíadas em 1996”. Eu falei: “Em 1996 eu vou estar com 40 anos, você tá maluco?” “Não, mas vamos”. E para ir para uma Olimpíada que a gente nunca conseguiu no handebol, eu falei: “Caraca, eu vou enfrentar essa. Será que eu consigo?” Aí eu larguei o handebol e falei: “Então vamos!”

Nossa arqueira não poupou esforços para ocupar a titularidade da posição em Atlanta. Foram anos de muita dedicação e empenho. Ela corria contra o tempo, pois o avançar da idade, se

por um lado a favorecia pela experiência, por outro demandava muito do seu corpo. À frente da meta brasileira, Meg participou, entre 1991 e 1996, de dois Campeonatos Sul-Americanos (Maringá, 1991 e Uberlândia, 1995), sagrando-se bicampeã, além de duas edições de Copa do Mundo (China, 1991 e Suécia 1995) terminando ambas as competições no nono lugar.

Esses resultados precisam ser contextualizados: apesar de a modalidade já estar bem desenvolvida em vários países desde meados da década de 1970, por aqui a realidade era outra, pois a CBF não investia em seu desenvolvimento e estruturação. A campanha das brasileiras na China, em 1991, desagradou seus dirigentes, e Ricardo Teixeira, então presidente, foi a público manifestar seu descontentamento, declarando que iria extinguir a realização dos campeonatos oficiais. Para ele, de nada adiantou a CBF ter investido em nove meses de preparação da Seleção porque a campanha da equipe foi insatisfatória.

A frustração do dirigente pode ter relação com a expectativa que nutria por causa do sucesso que as jogadoras tiveram três anos antes no Torneio Experimental da China. Aquele grupo teve apenas quarenta dias de preparação e se defrontou com uma série de dificuldades, desde uniforme, alimentação, assistência médica e condições de treinamento. Em busca da realização de um sonho e do amor que carregavam com a bola nos pés, enfrentaram seleções com mais tempo de treinamento, histórico de competições e estrutura adequada para o desenvolvimento da modalidade em seus países. Mesmo assim, conquistaram algo impensável diante de tanto descaso e abandono. Elas voltaram da China ostentando o terceiro lugar que, se considerarmos todo o contexto, deveria ter sido comemorado como uma medalha de ouro.

Mas não foi, e a CBF só voltou a olhar para a Seleção, ainda de modo muito tímido, em 1991 em função da disputa da I Copa do Mundo. Lembremos que nesse período o presidente da FIFA era um brasileiro, João Havelange, sogro de Ricardo Teixeira, relação que talvez tenha sido uma peça fundamental para que os gestores do futebol, mesmo a contragosto, olhassem para o futebol de mulheres. Meg é certa quando fala de sua

percepção sobre a participação brasileira na China. - Nós fomos para o Mundial como um dos patinhos feios porque estávamos iniciando. Vínhamos de décadas no limbo com a proibição pelo decreto do Vargas. Treinamos um período relativamente curto e fomos para ver o que nos esperava. Primeiramente a estranheza da comida, a maior parte das meninas não comia o que tinha lá. E isso já foi um déficit alimentar. Da minha parte foi o seguinte: eu não tinha uma luva com aderência adequada e um dirigente da CBF saiu comigo por Guangzhou para comprar uma porque a CBF não havia disponibilizado luvas. Eu também sentia muita responsabilidade por ser uma veterana, estava com 35 anos. Eu fiquei sozinha no quarto e nele ficava treinando, correndo, fazendo polichinelo e abdominal porque eu sabia que vinha pedrada pela frente.

Seu relato demonstra que a expectativa da CBF não condizia de modo algum com o que ofertava para a nossa Seleção. O discurso de Ricardo Teixeira deixava claro que a entidade não tinha interesse na modalidade, e o desempenho no Mundial parece ter sido a oportunidade que encontrou para justificar a desvalorização e a desestruturação do futebol das mulheres que em nosso país vivia de migalhas.

Fato é que a Seleção só voltou a ser convocada em 1994 porque em 1995 teve a Copa do Mundo da Suécia que era classificatória para os Jogos Olímpicos. Inicialmente, o Brasil não conseguiu o resultado necessário para a classificação, o que acabou acontecendo porque a Inglaterra, que havia conquistado uma vaga olímpica, foi considerada inelegível pelo Comitê Olímpico Internacional. Nessa edição dos Jogos Olímpicos, estava prevista a participação de oito equipes. Como havíamos terminado o Mundial na nona posição, com a exclusão da Seleção inglesa, fomos para Atlanta e lá nos tornamos a quarta melhor seleção do mundo. Reconhecimento este que não aconteceu por parte da CBF que, desde o início da competição, não acreditava que a equipe teria um bom desempenho. Exemplo disso é que as passagens de retorno foram compradas em uma data anterior aos jogos eliminatórios o que criou uma grande confusão porque não

havia voos em função da alta demanda, e por essa razão as atletas voltaram para casa no avião que havia sido fretado para a Seleção dos homens. Ao desembarcar no Brasil, as jogadoras, apesar de conquistarem uma esplendorosa quarta colocação, foram ignoradas pela entidade que nem as recebeu. Em entrevista para o Museu Virtual do Futebol, Meg rememora com emoção o significado dessa vitória:

- A nossa “chave” foi difícilíssima. Tínhamos a Alemanha, a Noruega (campeã do Mundo em 1995) e o Japão. Mesmo assim fizemos uma grande primeira fase, empatamos com as norueguesas (2-2), vencemos o Japão (2-0), e no último jogo, ante as alemãs, precisávamos apenas de um empate para chegar realmente a Atlanta. Isto porque, convém referir, que o torneio olímpico de futebol numa primeira fase foi jogado fora da cidade onde decorriam as Olimpíadas, em locais como Washington, ou Birmingham, por exemplo, sendo que só as semifinalistas seguiam para a sede dos Jogos para disputar as medalhas. E nós conseguimos esse empate (1-1) contra as alemãs, as quais foram mais cedo para casa, enquanto nós fomos para Atlanta! Aquele momento, a presença entre as quatro seleções que iriam lutar pelas medalhas olímpicas, foi a coroação da minha geração. Foi uma enorme emoção quando o jogo contra a Alemanha, que tinha uma super equipe, terminou. Eu caí no gramado e só pensava: “nós vamos para Atlanta, nós vamos para Atlanta”. Já em Atlanta a emoção subiu de tom quando chegamos à Vila Olímpica, com todo aquele aparato. Nunca ninguém tinha conseguido tal feito, era a primeira vez na história do futebol feminino. Quanto a mim, concretizei um sonho...

Além das metas: pioneirismo e representatividade

O espírito aguerrido, corajoso e destemido tão necessário para quem defende o gol fez com que Meg chegasse aonde chegou. Saiu de casa para estudar, se mudou para o Rio de Janeiro, jogou até os 44 anos, cursou duas faculdades, foi aprovada em mais de um concurso público, se tornou professora, fisioterapeuta,

preparadora de goleiras, comentarista esportiva, enfim, exerceu uma série de atividades dentro e fora dos campos e quadras. Para conseguir alcançar as metas que almejou para cada etapa de sua vida trabalhou de forma árdua e persistente. Além de não ter conseguido viver do esporte, nossa camisa 1 encarou muitos problemas para nele permanecer como, por exemplo, a rotina de treinos. Estes, muitas vezes executados sem a adequação de volume e carga, deixou marcas em seu corpo. O excesso de esforço físico que vivenciou ao longo de sua carreira, grande parte vivida com dor, lhe causou vários danos e, em 2007, teve que fazer uma cirurgia para a colocação de uma prótese completa de quadril. Além disso, quebrou alguns dedos, teve problemas de coluna, tendões, distensões musculares, entre outros. Depois que parou de jogar, precisou andar dois anos com o auxílio de muletas devido a problemas articulares.

O término de sua carreira aconteceu no Vasco, clube que passou a integrar logo depois de voltar do Mundial da China. Ali teve sua primeira técnica, Helena Pacheco, uma pioneira na função com a qual trabalhou por dez anos. Foi nesse clube que, pela segunda vez em sua vida, recebeu pagamento para estar no futebol quando atuou na equipe que foi criada pelo clube em 1996, depois dos Jogos Olímpicos de Atlanta. Meg com 40 anos continuou vestindo a camisa cruzmaltina e a defendeu por mais quatro anos. Em 2000, passou a exercer outra ocupação no clube até 2004 quando abandonou de vez os campos, inclusive em função das dores.

Sua inserção no futebol não se encerra aí: em 2008, foi convidada para ser comentarista de jogos do futebol de mulheres no canal SporTV. Ainda que temerosa, enfrentou o desafio e exerceu essa função em várias competições como a Copa do Brasil, o Campeonato Mundial sub-17 e sub-20, o Campeonato Mundial de 2007 e os Jogos Olímpicos de Pequim (2008) e de Londres (2012).

Meg já era um rosto conhecido dos programas esportivos e tinha certa experiência à frente das câmeras. Quando jogava no Radar e no Vasco por várias vezes foi indicada para conceder entrevistas porque as outras atletas não gostavam nem se

sentiam confortáveis com essa exposição. Entrar em um estúdio e comentar jogos assistindo-os apenas por meio de um monitor foi uma aventura para a qual nossa goleira se preparou para desempenhar com competência - Me virei nos 30, eu não sabia como fazer, então, desenhei os campinhos em casa em umas folhas de papel sulfite e comecei a pesquisar todos os países que estavam classificados, colocando em uma outra folha as atletas de cada país, os destaques, as artilheiras, enfim, fazendo um resuminho do lado como se fosse uma cola para falar sobre aquela atleta durante a transmissão. Ao relembrar essa atuação, que manteve até 2013, declara: - Foi uma experiência fantástica, a gente só aprende fazendo, essa que é a verdade, porque nesse caso nem a teoria eu tive, nem um curso nem nada. A prática foi jogando e vendo, que é bem diferente de você comentar.

No ano de 2017, Meg foi assistente pontual da Seleção sub-17, em uma de suas convocações, cargo criado pela CBF para valorizar mulheres que fizeram história representando a Seleção. Em dezembro de 2021, Meg viajou de Salvador, cidade na qual reside desde 2012, para receber uma homenagem da CBF em um evento comemorativo aos 30 anos da realização da I Copa do Mundo. O encontro aconteceu na Granja Comary e reuniu as pioneiras que vestiram a amarelinha nesse Mundial e no Torneio Experimental de 1988. Dentre as festividades, houve um jogo entre as participantes e Meg voltou a se posicionar à frente das balizas, o que não fazia desde que encerrou a carreira como jogadora. Tivemos o privilégio de assistir a essa partida e ficamos impactadas com a sua postura em campo executando gestos técnicos, defesas, leitura de jogo, posicionamento na meta e orientação da sua equipe como se não tivesse parado.

Todas as vezes que questionamos Meg sobre as diferenças técnicas necessárias para atuar em duas metas tão diferentes, ela reforçava que no handebol se utilizava muito da defesa em X (braços e pernas abertos) que é feita em pé. Muito diferente do futebol que exigia quedas e saídas baixas na tentativa de proteger a baliza que é mais larga. Mencionamos essa especificidade porque em um determinado momento do jogo presenciamos

nossa arqueira na execução perfeita de uma ponte. Ela projetou seu corpo num salto preciso para a esquerda espalmando a bola com a mão trocada, defendendo o que seria um belíssimo gol da equipe adversária no ângulo. Parecia que Meg estava no seu auge físico e técnico, pois não considerou a sua idade, o tempo inativo e muito menos a sua prótese no quadril. O que nos chamou a atenção foi a plasticidade do gesto. Meg não deu um saltinho, ela voou em direção a bola como se dali nunca tivesse saído. Foi uma defesa inesquecível como tantas outras que executou ao longo de sua carreira. Assim como essa defesa, o nome de Meg também é inesquecível na história do esporte brasileiro, não só por ter atuado com êxito em duas modalidades, mas porque foi uma desbravadora. Sua história é um exemplo de dedicação, empenho, profissionalismo e superação. Meg esteve à frente dos gols e de tantas outras situações com as quais se deparou ao longo da vida. Em entrevista para o Ludopédio, afirma que não foram apenas as dores físicas que enfrentou, houve ainda outras: “A dor emocional, a dor da alma, a dor do sangrar, de quebrar esses tabus. Mas essa dor fica na lembrança. Ela fez parte de um caminhar, que só podia ser caminhado com isso. Ou você caminhava com isso ou você não caminhava. E se eu não caminhasse, eu não iria conseguir chegar ao meu objetivo”.

Meg não só caminhou, como seu andar serviu e serve de referência para tantas outras meninas e mulheres que vislumbram no esporte um modo de viver e se realizar.



Cenira

*Eu não sou resto, sou
sua atleta
(Cenira)*

O ano de 1991 é muito significativo para a história do futebol de mulheres. A FIFA organizou a I Copa do Mundo de Futebol Feminino, três anos depois de ter promovido um torneio experimental para avaliar se a modalidade tinha público e aceitação. Sediada na China, o Mundial aconteceu entre os dias 16 e 30 de novembro, reunindo 12 seleções, dentre as quais, a canarinho. Esse campeonato, que para os homens já acontecia desde 1930, foi determinante para que outras entidades criassem competições voltadas especificamente para elas como, por exemplo, os campeonatos classificatórios promovidos pelas confederações continentais. Em função desse contexto, coube à Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) promover o I Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino que, em 1991, reuniu três seleções: Brasil, Chile e Venezuela. O evento teve como sede a cidade de Maringá, no Paraná, e os quase 20 mil torcedores que compareceram ao estádio Willie Davis viram o Brasil sagrar-se campeão ao golear o Chile por 6 a 1 e a Venezuela por 6 a 0, garantindo sua vaga para o Mundial. Além de celebrar o título, tiveram ainda o privilégio de conhecer o talento das mulheres que deram o pontapé inicial na trajetória da nossa Seleção rumo à China.

Participar de uma Copa do Mundo integra os sonhos de grande parte das atletas que se dedicam ao futebol. Esse desejo fez com que nossas pioneiras enfrentassem com coragem e determinação as três potências que, junto com o Brasil, formaram o Grupo

B da competição. Nos jogos que disputaram, foram guerreiras até o último minuto, suportando com dignidade a precariedade das condições ofertadas pelas instituições gestoras do futebol em nosso país, quando comparadas às seleções adversárias. As brasileiras deixaram tudo em campo e, apesar da vitória de 1 x 0 diante do Japão no jogo de estreia, não conseguiram frear a forte Seleção americana, sofrendo uma goleada de 5 x 0. Pressionadas pela busca de um resultado que garantisse sua continuidade no campeonato, foram derrotadas pela Suécia por 2 x 1, equipe que contava com a participação da Pia Sundhage, atual técnica da Seleção brasileira. A reportagem que o Jornal dos Sports publicou no dia anterior à realização desse jogo merece ser referenciada porque há uma informação bastante relevante: a de que as jogadoras se rebelaram contra o técnico Fernando Pires e decidiram não seguir sua orientação tática.

Cenira fez parte do elenco que vestiu a amarelinha nesse Mundial, mesmo não tendo disputado as duas principais competições que o antecederam. Em 1988, jogava no Vasco da Gama e não foi convocada para participar do Torneio Experimental da China por causa de uma desavença com aquele que era o principal nome à frente da Seleção brasileira, Eurico Lira, que também era presidente do Radar, equipe que formava a base da Seleção naquele período. Nossa protagonista defendeu a camisa dessa equipe entre os anos de 1982 e 1986 e seu desligamento foi marcado pela gestação do seu primeiro filho, Guilherme, que nasceu em março de 1987:

- Joguei até os cinco meses de gravidez. Fui mandada embora do time só porque estava grávida. Tive muitos aborrecimentos neste clube e fui para o Vasco, revelou Cenira ao Jornal dos Sports.

Apesar de se sentir em plenas condições do ponto de vista técnico e tático para integrar o elenco que pela primeira vez representou o Brasil em uma competição oficial promovida pela FIFA, Cenira não viajou para a China em 1988. Ela também esteve ausente do Campeonato Sul-Americano de Maringá. Motivo? Sua segunda gravidez. Natália veio ao mundo em fevereiro de 1991 e a competição teve início três meses depois, quando ainda estava

amamentando e em período de recuperação física. A determinação da nossa camisa 8 era tanta que o nascimento da filha apenas lhe afastou provisoriamente dos campos, não a impedindo de participar do período preparatório para a disputa do Mundial. Quatro meses depois do parto, Cenira deixou Natália e Guilherme, então com 4 anos, aos cuidados de seus pais e retornou aos gramados para fazer o que mais gostava: jogar futebol. Esse torneio era particularmente significativo para ela, era a chance de pleitear uma vaga na Seleção que iria representar o Brasil na primeira edição de uma Copa do Mundo.

Cenira já era prestigiada pelo seu talento em campo e por sua postura ética e crítica fora dele. Ao longo de sua carreira, bateu de frente com os principais gestores do futebol nacional, sempre reivindicando melhorias para as jogadoras e para a modalidade. Quando jogava no Vasco da Gama, enfrentou com bravura um de seus dirigentes mais temidos, cobrando os salários atrasados e rebatendo uma fala que diminuía as mulheres que encarnavam o clube dentro das quatro linhas.

- Ele começou de birrinha comigo, de briguinta. Eu fiquei um ano sem receber pagamento no Vasco. Até o Eurico Miranda fazer uma reunião com a gente e dizer que ia pagar o Romário e que o resto era resto. Eu simplesmente me levantei da cadeira e falei: eu não sou resto, eu sou sua atleta e defendo as cores do seu time, então, dá licença! Levantei da cadeira e saí.

Apesar desses e de tantos outros enfrentamentos, nossa protagonista era muito respeitada pelos “pais do futebol”. Nesse episódio com Eurico Miranda, no dia posterior à sua insurgência, as jogadoras receberam o pagamento atrasado. Com Eurico Lira, vivenciou algo inesperado: mesmo tendo vários conflitos com ele durante o tempo em que atuou pelo Radar e pela Seleção, o dirigente a chamou ao hospital às vésperas de sua morte, momento no qual reconheceu sua importância para o futebol brasileiro e admitiu que havia sido injusto com ela em algumas etapas de sua carreira.

Cenira não se deixava levar pela conversa fácil nem pelo desrespeito. Ela manifestava suas opiniões sem temer represálias.

Era, digamos assim, uma mulher boa de briga: - Eu era uma pessoa muito brigona. Eu assumo que eu era brigona, mas eu brigava pelos nossos ideais. Defendendo as nossas coisas, não por mim, mas por todo mundo. Eu não tinha esse problema em relação às meninas porque muitas não gostavam de brigar, mas eu não estava nem aí. Eu brigava mesmo e não queria nem saber. Eu brigava!

A craque insurgente

Cenira Sampaio Pereira nasceu em Niterói no dia 12 de fevereiro de 1965. Como tantas outras pioneiras, foi na rua, aos 7 anos, que deu seus primeiros chutes na bola ao lado de parentes e da garotada do bairro onde residia. Na casa da família Sampaio, a mãe, Raimunda, sempre foi a sua maior incentivadora, enquanto o pai, Jerônimo, não apoiava seu envolvimento com o futebol e queria que ela jogasse basquete como sua irmã. - Uma vez eu estava jogando futebol no campo. Quando eu vi, tinha uma pessoa chegando, era meu pai. Ele parou o jogo, me tirou do campo, para eu jogar basquete porque a minha irmã tinha machucado o pé. Eu fui chorando até a quadra, entrei para jogar, ganhamos o jogo, eu fui embora e fiquei sem falar com ele por uma semana.

Apesar de ter vivência em outras modalidades esportivas, o futebol era sua grande paixão e no fim de 1980, quando tinha 15 anos, foi jogar no Flamengo que recém havia montado uma equipe. Em 1981, teve uma rápida passagem pelo Madureira. No entanto, foi atuando no futebol de areia pelo Leminho Praia Clube que sua trajetória adquiriu novos rumos. Em 1982, Cenira foi a artilheira e o grande destaque da partida final de um campeonato de verão sediado em Búzios, quando sua equipe tirou a invencibilidade do poderoso Radar. Seu futebol despertou a atenção do adversário e de imediato foi convidada para defender este clube, cuja sede era em Copacabana, local de grande visibilidade do futebol de areia na época. Nessa transferência, há um fato que diz muito sobre o caráter e a personalidade de Cenira. Para participar da equipe, fez uma exigência a Eurico Lira: pediu para levar junto

todas as jogadoras do Leminho: - Aí ele aceitou numa boa e nós fizemos uma junção com as meninas que já estavam no Radar.

Coelha, apelido que ganhou nessa equipe, era uma jogadora diferenciada: atuava na meia-direita com destreza e sofisticação, tinha o dom de fazer gols, era dona de um passe de muita qualidade, tinha um senso de colocação em campo dificilmente visto em uma equipe de mulheres, executava com facilidade o drible da meia lua e, além da exuberância técnica, tinha a capacidade de realizar muito rapidamente uma excelente leitura de jogo. Essas eram algumas das características mais marcantes do seu modo de jogar, seja no campo, seja na areia. Não podemos esquecer que no início da década de 1980 a atuação simultânea nessas duas modalidades era comum no futebol do Rio de Janeiro. Aliás, a própria história do Radar é marcada por essa peculiaridade.

O clube foi fundado em 1952, contudo, foi somente em 1981 que organizou um time de mulheres para participar de torneios de futebol de praia e gradativamente de campo. Eurico Lira era um empresário muito conhecido no cenário carioca. Tinha amizades com políticos, frequentava uma ampla roda social e era próximo de pessoas influentes como, por exemplo, João Havelange, então presidente da FIFA, que sugeriu ao empresário a criação de uma equipe de mulheres. Essas relações facilitaram a obtenção do patrocínio de empresas e marcas consolidadas, como: Pão de Açúcar, Banco do Rio de Janeiro, Mondaine, American Denin entre outras, proporcionando ao clube a contratação de jogadoras de destaque, bem como a realização de viagens para participar de competições internacionais. Em 1982, o Radar foi a primeira equipe brasileira de futebol de mulheres a jogar no exterior, conquistando de forma invicta o Torneio Mundial de Clubes realizado na Espanha em paralelo à Copa do Mundo dos homens. No ano seguinte, excursionou pelo Chile e pelos EUA, onde disputou nove jogos, dos quais venceu oito e empatou um. Em 1984, venceu o I Torneio Internacional do Suriname e, em 1985, o I Mundialito do Estado do Rio de Janeiro, que aconteceu em Cabo Frio. Em 1986, conquistou a Copa Internacional La Amistad sediada no México, foi vice-campeão do Torneio da Cidade da Itália e nesse mesmo

país foi campeão do IV Mundialito de Futebol Feminino realizado em Tórtora. No Brasil, somava vitórias e títulos tanto em amistosos quanto em campeonatos. Cenira era uma das principais jogadoras dessa equipe, sendo, inclusive, a artilheira de várias dessas competições. O fato de atuar em um time que tinha grande visibilidade contribuiu para que seu talento fosse reconhecido tanto no Brasil quanto no exterior, o que colaborou para que se tornasse uma referência para muitas atletas da sua geração.

Sua passagem pelo Radar, mesmo que bem-sucedida, foi marcada por muitas divergências, sobretudo, quando o tema era relacionado a questões financeiras. Coelho reclamava muito sobre as condições ofertadas pelo clube não apenas para si, mas para a equipe como um todo. Contestava Eurico Lira, pois sabia que os patrocínios rendiam dinheiro e estes, na maioria das vezes, não eram revertidos em salários justos para as atletas. Em junho de 1987, já migrando para o Vasco da Gama, declarou ao Jornal dos Sports: - Eu recebia 800 cruzados, mesmo tendo permanecido tanto tempo. O Radar recebe uma grande ajuda de um de seus patrocinadores, que é o Pão de Açúcar, mas não paga as suas jogadoras como deveria.

Não era apenas a remuneração que motivava as suas contestações. - Eu brigava sempre com o Eurico, era com negócio de dinheiro porque uma vez nós fomos jogar em Belém do Pará e ele veio de avião e nós viemos de ônibus. De Belém ao Rio em um ônibus cheio de barata, a gente nem tinha dormido porque tinha muita barata. Aí quando eu cheguei no Rio ele me chamou: “Coelha vem cá”. Eu fui e ele começou a chorar. Eu disse: “Eu não quero que você chore, cara. Você veio de avião e nós viemos de ônibus, você não nos deu condições, você deu 50 cruzeiros para a gente viajar do Pará para o Rio de Janeiro”. Eu fui mesmo brigar com ele porque eu não achava isso certo.

Nossa craque estava coberta de razão. Circulava muito dinheiro em torno do Radar e um modo de arrecadá-lo eram as excursões que realizavam para exibir seu futebol. Em agosto de 1986, o Jornal dos Sports noticiou que o clube, depois de ter vencido o Mundialito na Itália, receberia 24 mil dólares para disputar

doze partidas em nova viagem à Europa. A matéria informava ainda que vários clubes italianos fizeram propostas para contratar jogadoras da equipe, dentre elas, Cenira, cujo passe havia sido cotado em 30 mil dólares.

Esse tema permeia a história do futebol de mulheres em nosso país. A grande maioria dos times da época, e muitos até hoje, tratavam as jogadoras sem o menor profissionalismo. Elas se dedicavam ao futebol acatando muitos deveres e usufruindo poucos direitos. Não havia contratos assinados, os acordos eram verbais, muitas ganhavam apenas uma ajuda de custo ou um valor irrisório para despesas com transporte, não tinham plano de saúde, nem garantias de continuidade na carreira. Essa situação fez com que a grande maioria delas tivesse que exercer outras atividades para manter seu sustento. Mesmo assim, elas encaravam o futebol como se fossem profissionais: cumpriam uma rotina sistemática de treinos, participavam de competições nos fins de semana, viajavam com a equipe, enfim, executavam todas as tarefas estipuladas pelos clubes, envolvendo ainda questões relacionadas à alimentação, uso de uniforme, entre outras. A insurgência de Cenira não era em vão. Ao contrário, ela denunciava as condições de existência das jogadoras e, por esse motivo, incomodava quem tentava sutil ou explicitamente mascarar essa situação.

Cenira, diferente de muitas mulheres da sua geração, conseguiu viver do futebol enquanto esteve dentro dos campos. Depois de ser dispensada pelo Radar, foi para o Vasco da Gama, retornando ao clube de Copacabana depois de disputar o Mundial da China. Migrar de um clube para outro era uma forma de garantir sua sobrevivência, se manter viva na modalidade com chances de disputar uma vaga na Seleção e também participar dos campeonatos que aconteciam em diferentes regiões do país. Ao longo de sua trajetória, Coelho exibiu seu futebol em várias agremiações esportivas: em Joinville, reforçou o elenco da Associação Atlética Tupy em apenas um torneio no ano de 1984; na década de 1990, vestiu o manto de equipes como Portuguesa, Corinthians e Palmeiras/Sabesp, vivenciando um dos momentos

de maior organização da modalidade no Estado de São Paulo ao disputar competições significativas como a Paulistana, o Torneio Primavera, o Torneio Início, entre outras.

Se no Rio de Janeiro se dividia entre a praia e o campo, em São Paulo se desdobrava entre as equipes de campo e de quadra, onde defendeu a Sabesp, uma equipe de referência do futsal delas, a qual projetou muitas mulheres que fizeram história nos campos. Essa é outra especificidade das gerações pioneiras que, por força das circunstâncias, tiveram que atuar concomitantemente nas duas modalidades. A ausência de campeonatos regulares no campo fez com que boa parte das jogadoras se dedicassem ao futebol de salão para se manter atuando e receber alguma remuneração. Essa dupla jornada hoje praticamente não existe, seja pela estruturação da modalidade, seja pela organização e sistematicidade dos campeonatos promovidos pelas entidades gestoras do futebol. Ainda assim, é importante frisar que, tanto quanto nossa protagonista, muitas atletas que representaram o Brasil nos Campeonatos Mundiais e nos Jogos Olímpicos viveram essa situação e nela lapidaram suas habilidades técnicas e táticas.

As experiências acumuladas por Cenira nos diversos modos de jogar futebol fortaleceram sua liderança e, em função de seu perfil, acabou por tornar-se uma das capitãs de nossa Seleção. Em 1995, exerceu essa função no Campeonato Sul-Americano de Uberlândia, no qual o Brasil conquistou o título diante do Chile, da Bolívia, do Equador e da Argentina, carimbando seu passaporte rumo à Copa do Mundo da Suécia. Como de costume, reivindicou melhorias para o coletivo, o que resultou em vários desentendimentos com Paulo Dutra, dirigente da CBF que, na época, era o responsável pela Seleção. Esses enfrentamentos gradativamente foram fechando as portas para a nossa craque insurgente. No Mundial da Suécia, perdeu a tarja de capitã, mesmo sendo reconhecida pelo técnico Ademair Júnior como a jogadora mais experiente da equipe, uma meio-campista polivalente, que já havia jogado na lateral direita, apresentando bom rendimento e liderança sob as demais jogadoras. Ao descrever Cenira, Dema, como

era conhecido, declarou ao Jornal dos Sports que nesse Mundial a deslocaria para a posição de líbero com o intuito de aproveitar a sua inteligência e a qualidade que apresentava na distribuição do jogo. Coelho foi taticamente obediente e cumpriu com maestria a nova função, tornando-se uma das jogadoras de destaque da competição.

O ano seguinte deveria ter sido especial para nossa meia-direita: o futebol de mulheres daria o seu pontapé inicial como modalidade olímpica em Atlanta. Diante do excelente desempenho que demonstrou no Sul-Americano e no Mundial, o seu nome era dado como certo na lista das representantes do Brasil. No entanto, foi excluída da Seleção devido a disputas entre os poderosos do futebol de mulheres da época. Em matéria veiculada na Revista Placar em setembro de 1996, Cenira afirmou que ficou fora dos Jogos Olímpicos por conta da briga entre os cartolas: “O Romeu Castro, do Saad e da Sport Promotion, é quem manda na seleção. Ele me deixou fora porque sou amiga de Eurico Lira”. Ao tomar conhecimento das declarações da jogadora, o dirigente diz: “Colaborei apenas em uma primeira lista, provisória, na época em que o Zé Duarte não conhecia as meninas”.

A pergunta que ainda hoje ecoa é: como justificar que esta mulher de 31 anos, com o talento e a experiência que tinha, ficou fora dos Jogos Olímpicos em 1996? As respostas podem ser múltiplas, mas na nossa leitura tem um só motivo: Cenira, como várias outras jogadoras, foi retirada dos campos por retaliação. A baixinha que se agigantava quando conduzia a bola nos pés, provocou a ira de muitos mandatários do futebol e pagou caro por isso. Os desgastes decorrentes da sua postura combativa, as represálias sofridas e a falta de mudanças estruturais no contexto da gestão do futebol foram gradativamente corroendo seu desejo de permanecer e acompanhar o esporte que fez dela a referência que é. - Eu não quero saber de futebol feminino, esses caras me fizeram odiar o futebol feminino em relação a dirigentes.

Enganou-se quem achava que Cenira, depois de levar tanta pancada, desistiria do futebol. Altiva como sempre, mudou de

rota e inscreveu seu nome na história do futsal ao tornar-se uma respeitada e reconhecida árbitra da modalidade.

A estrela e o guardião de memórias

A infância e a adolescência de Cenira foram vividas em Niterói e foi lá que, aos 14 anos, conheceu Sérgio Luiz do Prado com quem, aos 21, se casou. Frequentando a mesma escola e com amigos em comum, o futebol foi um dos responsáveis pelo estreitamento dos laços e, além dos filhos, é um dos pilares que os mantém unidos até hoje. Suas vidas foram produzidas nesse esporte, Cenira como jogadora e, posteriormente, árbitra e Sérgio inicialmente como técnico, ascendendo para outros cargos. A cumplicidade do casal extrapolou a esfera doméstica e se estendeu para o futebol, iniciando no Radar, quando Coelha, ao aceitar atuar na equipe, levou o namorado para trabalhar no clube. Por obra do destino, eis que um dia o massagista não compareceu ao trabalho e Sérgio aproveitou a brecha para ingressar na função. Apesar de jovem, ele tinha conhecimentos para assumir a tarefa porque já havia feito um curso específico na Marinha, por pura curiosidade e para aproveitar a oportunidade, visto que seu pai era militar. Essa foi a porta de entrada para atuar na comissão técnica do Radar, onde desempenhou várias atividades: - Eu fui massagista, roupeiro, supervisor e até motorista de Eurico Lira que não gostava de dirigir e eu o levava à noite nas reuniões. Tudo através da Cenira. Com o Radar viajei para a Espanha, Itália e México e muitas cidades aqui no Brasil.

A admiração que tem pela companheira e mãe de seus filhos é contagiante e sempre que tem oportunidade faz questão de enfatizar que é seu fã incondicional, o número 1, sentimento que manteve mesmo nas idas e vindas da vida conjugal. Sérgio acompanhou de muito perto a trajetória de Cenira e teve, desde cedo, o cuidado de preservar materiais que evidenciam sua história. Como um excelente guardião de memória, acumulou um acervo considerável que contém reportagens de jornais, documentos, uniformes, medalhas, troféus, chuteiras, fotos, enfim, registros que

gentilmente nos permitiu acessar para que pudéssemos conhecer mais a fundo a trajetória e o caráter dessa jogadora espetacular.

O ano de 1986 foi extremamente relevante para fortalecer os vínculos e o companheirismo do casal. Nossa estrela estava disputando o campeonato carioca, cuja vitória daria ao Radar o tetracampeonato. Ao longo da competição, foi criticada por estar fora de forma e, como tinha tendência a engordar, não percebeu que estava grávida. Ela já havia procurado um médico para entender o que estava acontecendo com seu corpo, sendo erroneamente diagnosticada com problemas na vesícula e nem mesmo o ultrassom detectou a presença de um feto. Foi o questionamento do namorado que a despertou para essa possibilidade, e um teste de gravidez desvendou o mistério, desarmando a artilheira e tirando-lhe temporariamente dos campos. A descoberta fez com que Cenira mudasse os planos e neles incluísse, em um curto período de tempo, o casamento e a maternidade. Ao noticiar a vitória do Radar sobre a Portuguesa nessa competição, o jornal O Dia destacou o desfalque da equipe: “Nas cadeiras especiais uma lourinha dentuça arrepiava-se toda e mal conseguia conter o choro. Depois de jogar quase todo o campeonato, e ganhar a artilharia com 14 gols, a meia-direita do Radar, Cenira, 21 anos, ficou de fora da final. Motivo não faltou, afinal, depois de quase cinco meses, a jogadora descobriu que estava grávida”.

Sérgio e Cenira se casaram no dia 19 de dezembro de 1986 na cidade de Niterói. A cerimônia foi amplamente divulgada na imprensa carioca, contando inclusive com uma reportagem no programa televisivo Globo Esporte. Imagens da noiva, vestida de branco e ostentando uma barriga já proeminente, foram veiculadas no Jornal dos Sports, no Globo e no O Dia, informando que a jogadora trocava a bola por fraldas e mamadeiras.

Considerando o contexto da época, surpreende o fato de não mencionarem a gravidez antes do casamento, algo, digamos assim, não muito aceito na sociedade de então. O tom discursivo das reportagens destacava a heterossexualidade da artilheira, argumento utilizado para minimizar a imagem de que no futebol só existia “sapatão”, termo pejorativo atribuído às mulheres

lésbicas. Cenira, como sempre fez na vida, não se eximia de expressar sua opinião, sobretudo quando elas depreciavam tanto as mulheres do futebol quanto a modalidade. - Encaro o homossexualismo com naturalidade. Até parece que só há casos de homossexualismo no futebol feminino. Há outros esportes em que existem homossexuais. No Brasil, infelizmente, o futebol feminino é muito visado. Mas será que não há homossexualismo no futebol masculino?, declarou ao Jornal dos Sports em julho de 1985.

O foco dessas reportagens valorizava as atribuições que a atleta desempenharia como esposa e mãe, naturalizando o abandono da carreira como algo que era esperado dessa mulher que colocaria a bola de lado para se dedicar aos cuidados da casa e da família. Coelha não se deixou influenciar por essa representação, e quando Guilherme tinha 45 dias aceitou o convite para jogar no Vasco. Lembra Sérgio: - A Cenira não conseguiu parar porque a bola era a paixão dela. Quando acabou o resguardo, depois do parto, ela já dava as caminhadas dela, fazia o treinamento sozinha, em quinze dias ela já estava em forma. Em uns quarenta dias ela já estava voltando, fazendo embaixadinhas.

Nem o casamento nem a maternidade, funções atribuídas como prioritárias às mulheres, impediram Cenira de seguir sua trajetória no futebol. Em 1991, ela repetiu o ciclo com o nascimento de Natália, voltando rapidamente aos campos, inclusive para a Seleção, que estava em período de preparação para a Copa do Mundo da China. O campeonato aconteceu quando a bebê tinha apenas 8 meses, e nossa craque foi novamente notícia nos jornais e na televisão com reportagens que mostraram o momento do embarque da delegação quando, ainda no aeroporto, Coelha amamentou sua filha minutos antes de partir, deixando-a, juntamente com o filho de 4 anos, aos cuidados dos seus pais.

Nas suas andanças pelo futebol, nossa estrela contou com o incentivo de Sérgio, que sempre exaltou seu talento e sua importância para o futebol brasileiro. As qualidades que vê nela fazem com que, até hoje, sinta muito orgulho pela parceria que construíram ao longo de suas vidas. - A Cenira é um ser humano muito bom, muito íntegro, tem um caráter admirável que poucas têm,

é uma mulher que não tem vaidade, é humilde, não fazia parte das “panelinhas”, era do bem, mas se desiluiu com o futebol.

O gol da vovó:

Depois de jogar futebol na areia, no salão e nos campos, Coelha seguiu outros caminhos no esporte. Tornou-se árbitra da Confederação Brasileira de Futsal, atuando em campeonatos de homens e de mulheres. Graduou-se em Educação Física, ministrando aulas em escolas, projetos sociais e associações esportivas. No ano de 2011, em busca de melhores oportunidades de trabalho, se mudou para Joinville, onde reside até hoje, assim como Sérgio, que tivemos a satisfação de encontrar em dezembro de 2021 no evento organizado pela CBF em comemoração aos 30 anos do primeiro Mundial. Na ocasião, conhecemos ainda a filha e os dois netos do casal que puderam ver de perto o talento da mãe e avó em campo, e perceber a dimensão de seu prestígio e representatividade.

Cenira, aos 56 anos, foi o destaque do jogo realizado entre as pioneiras que participaram do encontro. Marcou dois gols, esbanjou inteligência na ocupação de espaço, desfilou sua técnica refinada e, como fez ao longo de sua carreira, não pensou duas vezes para colaborar com o coletivo: com a saída da goleira de sua equipe, a artilheira de 1,55m assumiu a função e surpreendeu o público ao executar uma ótima e inesperada defesa. Nesse dia, reviveu a emoção de estar novamente na Granja Comary:

- É muito bom, foi uma festa muito bonita que proporcionaram para a gente. Estou radiante em poder colocar o pé aqui nessa maravilha, onde tudo começou para nós. Meu coração está explodindo de alegria, é muita felicidade. Passou um filme, volta tudo na nossa cabeça, treinamentos, tudo o que a gente fazia por aqui. É uma felicidade muito grande mesmo, declarou ao portal acritica.com.

Ser reconhecida pelo que fizeram em campo é um anseio da geração de Cenira. Essas mulheres foram esquecidas pela história da modalidade e, não raras vezes, silenciadas. Elas carregam

marcas profundas pelos preconceitos que sofreram, pela falta de estrutura da modalidade e pelas retaliações que vivenciaram quando lutaram por melhorias. Nossa craque insurgente sofreu na pele todas essas situações a ponto de perder o interesse pelo futebol de mulheres. Sobre isso, queremos dizer em alto e bom tom: se não fosse o protagonismo dela e de muitas outras que ergueram suas vozes pela modalidade, nada do que vivemos hoje estaria acontecendo. Elas se dedicaram de corpo e alma para que o futebol fosse possível e abriram caminhos para que hoje as meninas possam sonhar em seguir carreira no futebol.

De todos os reconhecimentos de que é merecedora, certamente um deles calou fundo no coração da nossa eterna camisa 8: no jogo das pioneiras, ao ouvir a narradora anunciar um dos gols de Cenira, Lucas, o neto de três anos, gritou: “Gol da Cenira, não. Gol da vovó!”.

Márcia
Tafarém



*Charmosas e belas
dentro do campo: não
é para isso que eu
estou jogando futebol
(Márcia Tafarel)*

A história do futebol de mulheres em nosso país é atravessada por uma série de impedimentos, alguns oficializados pelas entidades gestoras do esporte, outros não. Se aqueles que foram explícitos na documentação por mais de quatro décadas provocaram o atraso do desenvolvimento da modalidade, os velados, que ainda persistem em existir, destruíram sonhos e marcaram de forma profunda a vida de muitas atletas.

Márcia Tafarel, que começou a jogar bola na infância e alcançou o topo da carreira representando o Brasil em Mundiais e Jogos Olímpicos, vivenciou várias situações nas quais os impedimentos não oficializados fizeram com que repensasse sua carreira. Um episódio específico marca sua história: a impossibilidade de participar do Campeonato Paulista de 2001 que, nessa edição, foi direcionada “somente para meninas de 16 a 23 anos”.

Mesmo já tendo organizado vários campeonatos, a Federação Paulista de Futebol (FPF) decidiu dar uma nova roupagem à modalidade, unindo a imagem do futebol à feminilidade, conforme declarou o então presidente Eduardo Farah. Essa ideia tinha como finalidade uma maior comercialização do futebol praticado pelas mulheres e, para tanto, recorreu à sexualização das jogadoras. Ao

defender a criação de um “novo futebol feminino”, a Federação privilegiou a exibição de mulheres jovens e belas com a pretensão de atrair público, patrocínio e mídia. O folder de divulgação estampou essa representação ao mostrar, na primeira página, a foto de uma atriz segurando a bola como se fosse a protagonista da competição. Na parte interna do material, ela aparece vestindo uma camiseta colada no corpo e um short extremamente curto, que em nada se assemelha aos uniformes usados em campo e ao conforto que estes proporcionam para a prática esportiva. Duas outras fotos são reveladoras do que se espera desse “novo futebol feminino”: uma delas exhibe três mulheres brancas que aparentam estar nuas e cujos rostos exibem expressões sensuais; a outra apresenta uma mulher e um homem abraçados, normatizando e valorizando a heterossexualidade.

Ao anunciar que esse campeonato inaugurava uma “nova era para o futebol feminino e para o futebol do Brasil, valorizando a jogadora brasileira como nunca tinha sido até então”, o folder colocou em circulação uma representação erotizada da jogadora de futebol, conferindo mais importância à aparência dos seus corpos do que ao seu talento e à sua história na modalidade. O critério explícito da idade, aliado a outros mais sutis relacionados à beleza e feminilidade, excluíram jogadoras que poderiam contribuir para o aprimoramento técnico do futebol.

Se pensarmos no contexto esportivo daquele momento, é inadmissível a exclusão de quem tinha mais de 23 anos. Nos dois anos que antecederam esse campeonato, nossa seleção alcançou resultados importantíssimos, colocando o nome do Brasil no topo do cenário internacional. Em 1999, conquistou o terceiro lugar no Campeonato Mundial dos EUA e, em 2000, foi a quarta colocada nos Jogos Olímpicos de Sydney.

Ao analisarmos a listagem das atletas convocadas, identificamos que, das 24 jogadoras que vestiram a amarelinha (13 delas nas duas competições), apenas 10 atendiam aos critérios estabelecidos pela Federação. O corte pela idade e, como declararam algumas jogadoras, pela estética, teve um efeito devastador na vida de muitas mulheres que se dedicavam de corpo e alma

ao futebol. Se na Seleção 14 jogadoras foram eliminadas, imaginemos quantas outras não puderam participar do campeonato, mesmo exibindo técnica e talento nos campos paulistas de então.

Sissi, a Imperatriz, refere esse campeonato como algo que ficou gravado em sua memória. Em 1999, ela era um dos principais nomes do futebol mundial. Foi eleita a segunda melhor jogadora do mundo e tinha sido a artilheira, junto com a chinesa Su Weng, do Mundial dos EUA. Mesmo sendo detentora desses títulos, não pode disputar a competição, tanto porque estava com 34 anos quanto porque sua aparência não condizia com a imagem projetada para o “novo futebol feminino”. Seu cabelo raspado não atendia as tão desejadas representações de feminilidade propagadas pelos gestores do futebol, conforme revelou no documentário que a FIFA produziu em sua homenagem no ano de 2022:

- A CBF sempre teve a expectativa que as meninas tivessem aquele padrão de beleza. Eu nunca me encaixei nisso. Talvez seja por isso que eles não gostaram muito da ideia de ter uma jogadora fazendo parte da seleção com cabelo raspado. Por incrível que pareça, pelo fato de eu ter feito isso, eu também fui proibida de participar de um campeonato que a Federação Paulista organizou e que tinha a regra de que meninas de cabelo curto não podiam participar. Então eu falei: o que é isso? Até nisso eu sofri também.

Assim como Sissi, Tafaírel foi impedida de entrar em campo pela idade. Essa limitação, aliada à percepção do que estava sendo veiculado como o “novo futebol feminino” desapontou nossa camisa 5 ao ponto de abandonar os campos. Embora com o coração apertado, ela se recusou a fazer parte desse movimento, mesmo atendendo às representações estéticas então valorizadas.

- Eu vou falar uma coisa que não é o que eu sentia, mas é o que as pessoas falavam para mim: Você é uma mulher bonita, você pode jogar, você tem lugar na equipe ainda. Eu falei: Mas eu não quero ter lugar na equipe porque eu sou uma mulher considerada bonita. Eu tinha o cabelo no estilo da cantora Simone, que na época era muito usado. Eu queria jogar porque eu achava que eu tinha competência para jogar futebol. E quando falavam que eu tinha lugar na equipe porque usava cabelão e tinha perna

bonita, eu falei: Não é isso que eu quero. Às vezes, eu até chorava. Eu queria ver o futebol feminino ser reconhecido pelo talento. Aí quando passou a ser visto pela beleza eu percebi que não era para isso que eu estava jogando futebol.

Essa decisão, nada fácil de ser tomada, fez com que Márcia Tafarel redimensionasse sua trajetória dedicando-se ao futebol de salão, onde atuou como jogadora e deu início à sua carreira como técnica nas categorias de base.

Futebol é paixão, mas preciso trabalhar, progredir e ter meu dinheiro

Gaúcha de Bento Gonçalves, Márcia Tafarel nasceu no dia 15 de março de 1968. Filha de um descendente de italiano e de uma baiana, desde cedo aprendeu a conviver com diferenças culturais. Sua mãe saiu cedo da casa de seus pais, se tornou uma mulher independente e, por assim ser, nunca deixou que alguém ditasse o que sua filha poderia fazer, ou não, pelo fato de ser mulher. Se pelo lado da família do pai, seu Loreno, sofria várias reprimendas porque era uma criança que gostava de brincar na rua com atividades que eram mais praticadas pelos meninos, tais como bolinha de gude, carrinho de rolimã e futebol, com sua mãe era exatamente o contrário. Dona Marlene sempre incentivou a filha a ocupar o espaço que quisesse, inclusive no futebol, modalidade pela qual também era apaixonada, ao ponto de dar o nome de jogadores a dois de seus filhos: Murici, que atuava no São Paulo, e Gerson, na Seleção.

Foi pela mão da mãe que Márcia entrou no futebol, quando foi levada para participar de uma peneira em um clube que começava a se formar na cidade de Bento Gonçalves. Ao lembrar esse momento, tem viva em sua memória as palavras de dona Marlene:

- Sabe de uma coisa, tu está com 13 anos de idade, está na hora de parar de jogar bola na rua com esses meninos. Vou te levar na peneira que vai ter lá no campo do Clube Esportivo que estão tentando formar um time feminino aqui na cidade, e eu

conheço o treinador. Sei que você está novinha e tudo, e o time é adulto, mas não custa nada te levar para ver em que nível você está, já que você gosta tanto de jogar bola.

O time em questão era o Bento Atlético Futebol Feminino, que posteriormente se transformou no Clube Esportivo Bento Gonçalves. Cabe destacar que estamos nos referindo ao início da década de 1980, e o futebol de mulheres estava ainda em processo de regulamentação. Márcia integrou a primeira escalação dessa equipe em 1982 e nunca imaginou que no ano seguinte marcaria seu nome na história da modalidade ao participar daquele que talvez tenha sido o primeiro jogo oficial do país, disputado no dia 17 de abril, entre o Esportivo Bento Gonçalves e o Sport Club Rio Grande no Estádio Olímpico, em Porto Alegre, seis dias depois da publicação do decreto que regulamentou o futebol de mulheres em nosso país.

Ainda menina e tímida, começou sua trajetória nessa equipe, a qual era composta por mulheres acima de 18 anos. Quando chegou com sua mãe para o teste, o técnico Moacir Agatti queria saber a posição que a menina jogava. - Eu disse: “Eu não tenho uma posição fixa, mas eu gosto de fazer gol, então, acho que sou atacante”. Aí ele me colocou como atacante. Depois de dois, três minutos que eu estava jogando, já fiz um gol, dei passe, roubei a bola das meninas mais velhas. Minha mãe, quando estávamos indo para casa, falou que o técnico disse para ela que ele seria louco se não me chamasse para o time. E minha mãe disse que eu ia ficar!

Moacir era amigo da dona Marlene e se tornaram parceiros na condução da equipe. Ele era responsável pelos treinamentos e funções relativas ao campo, e ela atuava como roupeira, massagista, gestora, entre outras atividades. Segundo Ketty, integrante da equipe, dona Marlene era o alicerce do grupo, tinha um cuidado muito grande com as jogadoras. - Às vezes ela deixava de comer para comprar alimentos para a gente, para fazer sanduíches, coisas assim. Ela era o grande apoio da filha e sempre a incentivou a jogar futebol.

A inserção de Márcia na equipe de Bento Gonçalves foi o pontapé inicial da sua bem-sucedida história no futebol. Depois de participar de várias competições, foi convocada para integrar a primeira Seleção gaúcha, criada em 1986, para disputar um campeonato entre seleções estaduais realizado na cidade de Campinas, em São Paulo. Seu desempenho no torneio resultou no convite para jogar alguns torneios pelo Saad Esporte Clube, sediado na mesma cidade. Ciente de que essa oportunidade a colocaria em contato com clubes e competições com maior visibilidade, nossa meio-campista aceitou o desafio, mesmo tendo que viajar todos os fins de semana para defender a camisa da nova equipe. Márcia trabalhava desde os 12 anos para auxiliar na renda familiar, inicialmente como babá, cuidando de crianças, e naquele momento, com 16 anos, em uma fábrica de bolsas e cintos de couro. Deixar de lado a segurança financeira que o emprego lhe proporcionava era algo que estava fora de cogitação. Com isso, por um bom tempo incorporou em sua rotina o desgaste da viagem, cujo trajeto entre as duas cidades, feito de ônibus, durava aproximadamente dezoito horas.

Em 1987, antes de completar 18 anos, Márcia deixou definitivamente sua cidade natal em busca daquilo que tanto almejava: dedicar-se ao futebol. Essa escolha não foi nada fácil, em especial pelo estreito vínculo que tinha com sua mãe. - Para ela foi um baque porque éramos muito apegadas, a gente era, assim, grudadas. Unha e carne. Então, para mim também foi uma decisão difícil, porque eu tinha nela toda a minha inspiração, era ela quem me motivava a enfrentar os problemas.

Vale destacar que essa mudança não implicou em uma dedicação exclusiva ao futebol. Para nele se manter, a gaúcha precisou trabalhar, assim como a grande maioria das jogadoras da sua geração e das gerações subsequentes. Por muito tempo, o futebol foi (e para muitas jogadoras ainda é) uma ocupação e não a sua profissão. A ausência de contratos de trabalho, de remuneração adequada, de direitos trabalhistas, de plano de saúde, enfim, de uma gama de condições necessárias ao pleno exercício profissional fez com que elas, mesmo jogando na Seleção e em clubes

de representatividade, tivessem que ter um emprego que lhes garantisse o sustento, a sobrevivência e, para muitas, o reforço do orçamento familiar.

Ao chegar em Campinas para atuar pelo Saad, nossa cabeça de área morou na casa dos pais de Romeu Castro, dirigente do clube, que a acolheram de modo afetuoso. Por algum tempo ocupou um cômodo que era reservado à empregada, localizado no quintal da residência. No entanto, a falta de dinheiro para se manter fez com que procurasse emprego visando a ter mais independência e condições de seguir seus próprios passos. Com esse intuito, no fim do ano em que se transferiu para São Paulo, começou a trabalhar como secretária no ambulatório da clínica odontológica da Fundação Bradesco. Além do salário, tinha vários benefícios, como, por exemplo, a garantia da continuidade de seus estudos. Por ironia do destino, depois de dois meses na Fundação, foi convocada para integrar a primeira Seleção nacional que disputaria o Torneio Internacional da China em 1988. Como essa competição não era reconhecida pela FIFA, e a CBF repassou a responsabilidade de estrutura e organização do grupo para Eurico Lira, dirigente do Radar, Márcia não se sentiu segura para deixar o emprego e arriscar uma carreira no futebol.

Três anos mais tarde, em 1991, surgiu novamente a oportunidade de defender a Seleção na disputa do I Campeonato Sul-Americano, realizado na cidade de Maringá, como classificatório para o primeiro Campeonato Mundial organizado pela FIFA. Dessa vez, já estabelecida, ela conseguiu que a Fundação Bradesco a liberasse para representar o país no Mundial. - Eles me autorizaram, me deram o período para poder treinar e disputar o Sul-Americano. Praticamente me patrocinaram para ir, eu continuei recebendo o meu salário.

Com a conquista do título e a classificação para o Mundial, disputado em novembro do mesmo ano, Márcia teve que escolher entre permanecer no futebol ou no emprego. - Como era chancela da FIFA e a CBF estava dando apoio, eu optei: antes foi o trabalho, agora tinha que ser o futebol.

Ao retornar da competição e sem o emprego que a mantinha, nossa meio-campista buscou no futebol de salão um meio de aumentar a renda e garantir sua subsistência. A pouca sistematicidade dos campeonatos, a precariedade das condições ofertadas às atletas, a baixa remuneração, entre outros fatores, tornou comum a atuação simultânea nas duas modalidades. Márcia Tafarel, assim como tantas outras jogadoras, vivenciou essa situação e, não raras vezes, teve que agregar outras ocupações em seu cotidiano. Em 1997, por exemplo, além de jogar futebol de campo, integrava a equipe de futsal da Associação Sabesp, onde trabalhava na organização das atividades do departamento de esportes e como técnica da categoria juvenil.

Ao longo de sua carreira, nossa craque fez história no futebol e defendeu clubes como Euroexport, Unasa do Maranhão, Corinthians, São Paulo, Palmeiras, e no futsal Maxion, Marvel, Sabesp, Armco e Euroexport. Pela Seleção, disputou o Campeonato Sul-Americano de Uberlândia e a Copa do Mundo da Suécia, ambos no ano de 1995, despedindo-se da amarelinha em 1996 nos Jogos Olímpicos de Atlanta. Dez anos depois de ter deixado o Rio Grande do Sul para viver do futebol, iniciou seu percurso como treinadora das categorias de base, profissão que exerce nos Estados Unidos, onde reside desde 2004.

Do mausoléu ao porão: precariedades e violências em busca do sonho

O desejo de estar e viver no futebol fez com que muitas de nossas pioneiras enfrentassem situações adversas não somente em relação aos direitos trabalhistas. Assédio sexual, abuso moral, pressão psicológica, humilhação, não reconhecimento de suas competências, represálias, retaliações e outros constrangimentos permearam suas carreiras. A naturalização de que no futebol de mulheres qualquer oferta estava de bom tamanho fez com que convivessem com muitos infortúnios e, apesar deles, sobrevivessem em um ambiente precário e, muitas vezes, hostil que as colocavam em perigo. A ausência de interesse no desenvolvimento

da modalidade e de visibilidade na mídia facilitou esse processo que foi corrosivo para o futebol e, em alguns casos, para a vida de muitas mulheres.

Márcia Tafarel suportou, não sem sofrimento, várias dessas situações. Quando optou pelo futebol e renunciou ao seu emprego na Fundação Bradesco se deparou com a realidade daquelas que tentavam viver do futebol. Ao retornar do campeonato, o Saad, time que defendia antes da viagem, estava em transição e passava por um período de instabilidade. Portanto, ela não tinha nenhuma ajuda de custo, contando unicamente com o dinheiro que havia recebido na Seleção. Como não queria sair de São Paulo, o que lhe restou foi morar em uma fábrica abandonada de propriedade do presidente do clube, um empresário que tinha negócios nas áreas de siderurgia, construção civil, confecções, agricultura, comércio, cinema e indústria alimentícia. O Mausoléu, como nossa craque se refere a esse prédio, ficava na divisa entre a cidade de São Caetano do Sul e a Vila Alpina, em São Paulo, e tinha sido utilizada para produção de peças de carro antes de falir. A fábrica dispunha de uma excelente estrutura quando estava em funcionamento: vários alojamentos com quartos pequenos e camas beliche, banheiros, cozinha, salas e uma quadra poliesportiva que os operários ocupavam nos horários de folga. Com a sua desativação, o prédio ficou praticamente desocupado, largado aos cuidados de seu Chico, o zelador que residia no local e era o responsável pela sua segurança.

- Neste lugar, uma antiga fábrica, não tinha luz, era abandonada, eles não gastavam com isso. Tinha luz apenas na entrada para poder ir para os quartos e na guarita. Só tinha luz no quarto que ficávamos porque nós colocamos. O seu Chico ia iluminando com lanterna o caminho para chegarmos no quarto. Só tinha um banheiro masculino que ele usava e o outro era o nosso. O banheiro não era tão distante do quarto, tinha luz no banheiro, mas não tinha no trajeto para chegar até lá. Tinha a cozinha do seu Chico que a gente conseguia usar e, às vezes, ele cozinhava para a gente, mas não queríamos incomodar ele.

Márcia morou nesse local insalubre e lúgubre por quase um ano, e por um curtíssimo período teve a companhia de Nalvinha, Cenira e Elane, colegas de Seleção, que foram contratadas pelo Euroexport e estavam aguardando liberação da casa onde ficariam alojadas. - O lugar era sombrio, abandonado, os outros quartos tinham teia de aranha, poeira, rato... À noite eu escutava muito barulho, não sabia se era bicho ou se era o seu Chico fazendo a ronda.

Enquanto residia no Mausoléu, em meados de 1992 e 1993, a Armco, uma equipe de futebol de salão, a chamou para participar dos treinamentos que aconteciam no período noturno em uma quadra distante dali uns quarenta minutos de caminhada. Residindo sem nenhum conforto e tendo como única distração seu *walkman* para ouvir música na penumbra do quarto, Márcia agarrou com unhas e dentes a chance de deixar o prédio assombrado onde passava suas manhãs e tardes. Com o valor que lhe fora ofertado, poderia arcar com parte das despesas de um local mais digno para viver.

A decisão de sair do Mausoléu e do Saad foi motivada por algo muito mais grave, o assédio sofrido por quem ela tinha como um pai, o presidente do clube. - Ele tinha um carinho por mim e me deixou ficar na fábrica, pensei que fosse uma ajuda. Ele ficava no escritório dele, mas em um determinado momento começou a frequentar mais o local. Seu Chico disse que ele não ia, mas quando eu mudei para lá ele começou a ir duas vezes na semana. Ele perguntava para o seu Chico se estava tudo bem ou se eu precisava de algo. Um dia ele me chamou para o sofá, colocou a mão na minha perna, disse que tinha um carinho especial por mim e tentou me beijar. Assustada com o assédio, de imediato reagi: - Eu faço questão de dizer para o senhor que eu não sinto o mesmo e eu não tenho nenhum sentimento pelo senhor a não ser respeito como pai ou como uma pessoa que ajuda o clube.

Essa atitude fez com que o dirigente se afastasse corporalmente e mudasse o tom da conversa, como se nada tivesse acontecido, o que a deixou extremamente irritada e ao mesmo tempo trêmula por estar vivendo aquela inesperada situação. Naquele

momento, Márcia decidiu sair do Saad e abandonar o Mausoléu o mais rápido possível. A solução encontrada foi alugar uma espécie de porão, a parte inferior de uma casa de conhecidos do seu Chico com quem dividiu a moradia e o aluguel. - O espaço era muito pequeno, apenas três cômodos. Ele dormia no quarto, eu na salinha e tinha ainda uma cozinha. Fiquei ali alguns meses e depois fui para uma república, onde morei com várias jogadoras.

A história de vida de uma atleta do nível de Márcia Tafarel possibilita múltiplos destaques. Poderíamos focar nossa narrativa nos títulos que conquistou ao longo de sua exitosa carreira, que não são poucos, mas fizemos outro caminho. Ao tornar público acontecimentos como os acima descritos, pretendemos chamar a atenção para as condições, por vezes subumanas, que as mulheres do futebol precisam suportar para nele se inserir e permanecer. O desejo de jogar e o amor que nutrem pela profissão as tem tornado imbatíveis no enfrentamento de diversos obstáculos, obrigando-as a driblar episódios nos quais são alvo de distintas formas de violência como a sexual, econômica, psicológica e moral.

Por um futebol mais feminista

As decepções e a falta de perspectiva para viver do futebol no Brasil fizeram com que nossa craque decidisse buscar oportunidades fora do país. Em 2004, foi convidada pela amiga Sissi, que estava trabalhando com futebol nos Estados Unidos, para residir em sua casa e aprimorar seu inglês, visto que estava cursando a faculdade de Turismo e estudando o idioma. O que era para ser um curto período, tornou-se permanente pois estabeleceu residência na Califórnia tornando-se, em 2002, cidadã americana. Encerrou sua carreira como jogadora em 2008 no Califórnia Storm e começou a trabalhar como treinadora nas categorias de base, dando continuidade à função que já estava exercendo no Brasil, inclusive com destaque. Em 2003, foi eleita pela Federação Paulista de Futebol como a melhor treinadora de futebol de salão entre as equipes de mulheres que disputaram competições organizadas pela entidade.

- Vim para os EUA e vi a estruturação aqui, vi o respeito que era dado para o futebol feminino e me ofereceram emprego. Eu falei: vou aceitar. Mas o emprego era como treinadora de futebol de campo, não era de futebol de salão e comecei a treinar equipes de crianças de 8-9 anos de idade. Fui super bem, já no primeiro ano conquistando o troféu de segundo lugar no State Cup com as meninas de 8 anos. Fomos para uma final e, no ano seguinte, já me ofereceram outro time, uma segunda equipe que era um pouquinho mais velha, sub-12. No meu terceiro ano, eu já treinava sub-16, e a partir daí conquistei vários troféus e vários torneios.

Ser respeitada por desempenhar seu trabalho no futebol e conviver em uma cultura na qual as jogadoras têm uma atitude combativa e politizada empoderou Márcia Tafarel que começou a se sentir mais segura para se posicionar em defesa da modalidade em seu país. - Estar nos Estados Unidos com certeza ajudou muito nesse processo de argumentar, debater e questionar. Com certeza essa transição de vir para cá, ajudou para caramba. Ver a organização das americanas para tentar conquistar melhorias, acho que isso fez com que eu tentasse fazer alguma coisa. Como é que a gente pode se organizar para evidenciar essa falta de respeito com a mulher dentro da CBF ou dentro futebol de mulheres? O que fazer para que a mídia toque nesse assunto e que o Brasil perceba que a gente precisa evoluir?

Esses questionamentos, atrelados a um momento peculiar ocorrido no Brasil, a motivou a protagonizar um movimento de insurgência direcionado publicamente para a CBF. Estamos nos referindo ao ano de 2017, quando aconteceu a demissão de Emily Lima, a primeira mulher a assumir a função de técnica da Seleção brasileira principal. Com apenas dez meses no cargo, a treinadora foi demitida, apesar de ter disputado apenas 13 jogos, obtendo 7 vitórias, 5 derrotas e 1 empate, sem ter participado de nenhum torneio oficial nem ter perdido para seleções com *ranking* FIFA menor que o Brasil.

A exoneração de Emily disparou dois movimentos extremamente significativos porque foram desencadeados por jogadoras que defendiam a amarelinha na época. O primeiro deles, ainda

antes da demissão, foi a produção de uma carta entregue para Marco Aurélio Cunha, coordenador técnico de Seleções, para ser encaminhada a Marco Polo Del Nero, presidente da CBF. Nela, as atletas manifestavam o desejo de que Emily permanecesse no cargo: “As atletas concordam que essa comissão seja a mais bem preparada para a continuação desse novo ciclo. Sabemos que os últimos resultados não foram os esperados, mas devemos levar em consideração o tempo hábil para se trabalhar, as seleções que foram enfrentadas, e principalmente a mudança de conceito em relação a treinamentos e jogos para resgatar novamente o futebol brasileiro, que foi se perdendo ao longo dos anos. Entendemos que isso demanda tempo, e estamos cientes de que hoje é feito um trabalho de excelência, que gerarão bons frutos a médio prazo”.

O segundo movimento foi mais contundente: cinco jogadoras utilizaram suas redes sociais para declarar seu descontentamento com o afastamento da treinadora e com o tratamento conferido à modalidade. Diante da injustiça que identificaram existir nessa situação, Cristiane Rozeira (Cris), Francielle Alberto (Fran), Rosana Augusto, Andreia Rosa e Maurine Gonçalves, atletas com um histórico consolidado no Brasil e no exterior, anunciaram que estavam se desligando da Seleção. Conhecedoras do quanto o futebol de mulheres era tratado com desprezo, abriram mão do sonho de representar o país para que suas vozes explodissem como um basta ao descaso e à desconsideração.

Esses dois acontecimentos impactaram nossa craque que, em conversa com Sissi, decidiu contactar mulheres renomadas no futebol a fim de iniciar uma mobilização capaz de chamar a atenção da imprensa internacional e da própria FIFA sobre as condições do futebol de mulheres no Brasil. De imediato, acionou Moya Dodd, ex-jogadora da Seleção australiana, que já tinha sido vice-presidente da Confederação Asiática de Futebol e ocupado uma cadeira no Conselho da FIFA, entre 2013-2016. Moya era advogada e tinha conhecimento da legislação. Além disso, era uma das responsáveis pela inclusão das discussões de gênero nessa instituição. Sua experiência e apoio foram determinantes para a definição da estratégia do protesto, concretizada por meio

da divulgação na imprensa nacional e internacional de uma carta aberta, escrita em português e inglês. Intitulada “Lendas brasileiras apelam a reformas”. O documento ressaltava a falta de apoio às mulheres e convidava a CBF a promover reformas em sua estrutura, visando à igualdade de gênero no futebol brasileiro.

Residir nos EUA e obter a dupla cidadania não afetou o vínculo e o amor que Márcia Tafarel tem pelo Brasil. Pelo contrário, fortaleceu seu compromisso com o país e com o futebol de mulheres. Sua maturidade, experiência e contato com outra realidade foram alguns dos fatores que a encorajaram para lutar mais e com mais força. Em muitas ocasiões, por conta da timidez, agiu nas sombras sem se manifestar publicamente. Com as influências que teve ao longo da vida e, principalmente, a imersão na cultura americana conferiram potência à sua voz, liderando um movimento que abalou as bases do futebol brasileiro. Suas atitudes e posicionamentos se converteram em uma referência para muitas meninas e mulheres que perseguem o mesmo sonho que ela idealizou quando, ainda criança, ensaiou seus primeiros chutes na cidade de Bento Gonçalves.

Soró



A zagueira que matou a fome jogando bola (Soró)

A concentração de renda nas mãos de uma parcela mínima da população e sua injusta distribuição têm produzido uma profunda desigualdade social em nosso país. O que seriam direitos de todos, se pensássemos em uma sociedade humana e igualitária, aqui são privilégios de determinados grupos e sujeitos. Educação, moradia, saúde, trabalho, lazer, requisitos mínimos para uma vida digna, não são acessíveis a muitas pessoas, cuja existência é marcada pela extrema pobreza. Se para uns a abundância faz parte do seu cotidiano, para outros a falta de ter o que comer e de uma cama para dormir são situações corriqueiras em seu dia a dia. Solange Bastos, a protagonista desta história, conhece muito bem essa realidade. Oriunda de uma família de baixa renda, por muito tempo conviveu com a falta de alimento, a privação do estudo, a precariedade da moradia e tantas outras necessidades básicas, típicas de quem vive em situação de miserabilidade.

Foi nesse contexto de tantas ausências que o futebol entrou em sua vida, inicialmente como uma forma de lazer na rua ou no campinho que existia em frente à sua casa, quando batia um baba juntamente com irmãos e amigos. O futebol era seu refúgio, sua paixão e seu divertimento. Nas primeiras vezes que apareceu para jogar não foi acolhida porque era menina, no entanto, diante da sua habilidade com a bola, passou rapidamente a integrar a brincadeira da molecada. Solange desde cedo se imaginava no futebol e nele idealizava sonhos e fantasias, mesmo quando estava sozinha brincando com a bola, fosse ela de pano, papel ou couro. Ao

pisar no campinho, se imaginava jogando em um grande estádio, ouvia a torcida, vislumbrava os adversários, enfim, projetava o que veio a se concretizar anos mais tarde.

Nascida em Feira de Santana, na Bahia, no dia 29 de março de 1969, foi gerada quando seu pai, Antônio, (Bitonhe), estava em seu segundo casamento e não residia mais com sua mãe, Olga. Apesar da separação, Solange mantinha a convivência com o pai que frequentemente a levava para brincar no campo de futebol, às vezes no amanhecer, tão logo o sol despertasse no horizonte. Ele foi seu grande incentivador, sendo o amor pela bola um dos elos que os unia, talvez o mais forte. Já a mãe não gostava de vê-la envolvida com o futebol ao ponto de correr atrás da filha para lhe bater com um cipó na tentativa de reprimir essa prática. Caçula entre três mulheres do primeiro casamento do pai, que teve mais dezesseis filhos, Solange procurava os irmãos para jogar o baba, pois na casa de sua mãe sofria forte represália e discriminação por parte das irmãs, as quais não aceitavam que ela participasse de uma atividade que não consideravam ser adequada para uma menina.

Quando completou 12 anos, no início da década de 1980, aconteceram várias mudanças em sua vida: com a morte de seu pai, dona Olga providenciou a certidão de nascimento da filha sem incluir o sobrenome de seu Antônio, e Solange começou a frequentar a escola e a participar de babas disputados apenas por meninas, algo que iniciava na cidade. Dona Olga lhe ensinou as primeiras sílabas, mas foi na escola que a caçulinha da família se alfabetizou. Ela tinha fome de saber, queria ler e escrever como seus irmãos e irmãs. Por não ter registro de nascimento, não podia efetivar sua matrícula, o que acabou acontecendo pela sua incansável insistência. - Eu chorava às vezes e dizia para minha mãe: “por favor me põe na escola”. Eu só queria aprender a ler. E depois de tanto pedir ela decidiu.

Se na casa da mãe existia muita dificuldade financeira que resultava em privações porque ela trabalhava fora o dia todo para garantir sozinha o sustento da família, na do pai a condição era outra. Lá tinha comida, roupas, estudo, mais conforto, além

daquilo que ela mais queria: alguém que tinha todo o embasamento teórico e a experiência prática para alfabetizá-la.

- Eu era louca para estudar, para aprender a ler, sabe o que eu fazia? Meu pai ainda era vivo e eu tinha uma madrasta que dava aula, reforço escolar, ela era professora, e na minha casa tinha uns livros velhos, então, eu pegava aqueles livros, botava debaixo do meu braço e ia todos os dias até ela. Mas ela não conseguia me ver com aqueles livros na mão, aí eu sentava e folheava o livro, via a figurinha do menino Chiquinho, do Pelezinho e ela não me via. Ela dava a aula dela, eu não estou falando mal, eu estou falando do que vivi, de uma pessoa que se foi faz pouco tempo e que também foi importante para mim. Mas ela não conseguia me ver, eu ficava no cantinho e quando ela terminava a aula eu estava ali. Eu só queria que ela me ensinasse a ler, porque os filhos dela estudavam em escola particular e eram filhos do mesmo pai que eu.

A vida escolar de Solange, apesar de muito desejada, não foi nada fácil. Além de ser tímida, ela sofria muito pelas diferenças físicas e de idade, afinal era uma pré-adolescente cursando o primeiro ano do ensino fundamental. Afora isso, gostava de futebol, que não era recomendado para meninas, apresentava déficit de aprendizagem e tinha um corpo marcado pela fome. Apesar de todas estas contrariedades, foi nesse ambiente que se fortaleceu ao unir suas duas paixões: o futebol e o estudo.

- Comecei a associar o futebol com a alegria de estudar e aí não perdia um dia. Eu parava a escola, teve um dia que o diretor e o professor me viram, nunca tinham me visto e quando eu estava jogando com os meninos, toda a escola parou para me ver. Acho que eles nunca tinham visto uma menina jogar futebol. Nesse dia eu ganhei uma merenda boa, me alimentei bem porque eu ia para a escola sem comer. Chegava lá e me dava um sono terrível, não conseguia nem olhar para a cara da professora, mas na hora do recreio, minha filha, pode ter certeza de que a Soró estava de pé para jogar futebol. Aquele dia foi bom demais, foi o dia que me descobriram na escola e que eu tive coragem de pedir para brincar.

A escola introduziu novas cores na vida de Solange, não apenas porque satisfazia sua fome de estudo e de alimento. Ao jogar bola e ser reconhecida pelas suas façanhas em campo, ela se agigantou e marcou seu território de forma a evidenciar estava ali como qualquer outra pessoa, mesmo tendo uma história de vida tão diferente. Foi no futebol praticado na escola que ela fortaleceu sua autoestima, se reconheceu como um sujeito de direitos e decidiu não aceitar menos do que acreditava merecer. Em sua vida, Solange jamais jogou na defensiva, apesar de ser zagueira.

Dos babas para o mundo

O talento de Solange não foi notado apenas na escola. Quando jogava no campinho, que para ela era como se fosse o quintal de sua casa, foi observada pelo treinador do Flamengo de Feira que a convidou para integrar a equipe. Assim que começou a frequentar os treinos, o esforço físico aliado à falta de alimento, ocasionou vários problemas em seu desempenho. - Eu passava mal, meio que caíndo, meio que levantando, aí quando a coisa ficava ruim eu me sentava no chão e botava a mão na perna para disfarçar, tipo, machuquei meu tornozelo. Mas não era verdade, é que estava escurecendo meus olhos, eu estava passando mal de fome.

Ao perceber do que se tratava as frequentes quedas da jogadora em campo, Michelinho pediu autorização para dona Olga e levou a menina, então com 12 anos, para morar no alojamento do clube, onde conviveu com outras jogadoras. O treinador era respeitado na cidade e reconhecido por ser responsável pela formação de muitas jogadoras, até mesmo de várias pioneiras que serviram à Seleção.

Além de melhores condições de alimentação e de moradia, no Flamengo de Feira, Solange encontrou um grupo que a aceitava sem discriminação. A convivência era muito prazerosa e juntas viveram a adolescência com alegria, leveza e companheirismo, inclusive porque estavam desfrutando coletivamente do sonho de serem jogadoras de futebol. Elas treinavam praticamente todos os dias, faziam as refeições em conjunto, viajavam para participar

de competições, se divertiam na cidade, pediam música na rádio local para ouvir à noite, enfim, partilhavam afazeres e distrações. Nessa equipe, Solange permaneceu até os 16 anos, quando o clube encerrou suas atividades e várias jogadoras migraram para outras cidades e estados. De volta para a casa da mãe, ficou dois anos sem nenhum clube para atuar, voltou a disputar os babas na rua e como uma forma de arrecadar algum dinheiro trabalhou na distribuição de materiais de propaganda de candidatos durante o período eleitoral. - Mas vou falar para vocês, eu não abria mão do meu sonho, eu jogava bola sozinha, com uma parede, acho que esbaguei aquela uma parede de casa de tanto chutar bola e me imaginar num campo enorme.

Michelinho, a quem ela considerava como seu segundo pai, abriu as portas para que realizasse um de seus maiores desejos: vestir a camisa canarinho. Em 1990, Eurico Lira, presidente do Radar e responsável pela Seleção, entrou em contato com o baiano porque estava atrás de uma zagueira jovem e alta para a Seleção. De pronto pensou em Solange e a acompanhou até Salvador para participar de uma avaliação conduzida pela comissão técnica da Seleção. Durante três dias, várias meninas foram observadas nos quesitos técnicos, táticos e físicos, enfrentando equipes de base de times masculinos. Apesar de magrela, o jogo defensivo de Solange era muito agressivo e para isso existia uma explicação: como boa parte de sua prática futebolística foi com meninos na escola e com rapazes na rua e nos campos, para se defender deles ela precisava ser bruta, não temer as divididas nem as diferenças de força. No primeiro dia da avaliação, percebeu que seu desempenho estava aquém do que poderia mostrar, pois a ansiedade de se ver diante daquilo que tanto queria impediu que fizesse o seu melhor. Nos dias subsequentes, mais calma, reagiu diferente em campo: - Eu chutava, meu negócio era chutar para tirar a bola de perto do gol. Mandaram eu tocar mais a bola, aí ficou mais fácil, eu não precisava chutar a bola para a frente, então, comecei a tocar para lateral e para a menina do meio.

Além de estar mais atenta às orientações dos avaliadores, aproveitou a oportunidade para exibir a sua atitude combativa

demonstrando qualidade no desarme, consciência de jogo e leitura rápida de cobertura dos espaços. Apesar de ter 21 anos e pela primeira vez se deparar com uma seletiva tão importante, Solange acreditava muito no seu potencial e na sua capacidade de exercer várias funções em campo. Inteligente que era, ao responder na ficha de avaliação uma pergunta sobre a posição que jogava, assinalou: zagueira, lateral e volante. Para surpresa de muitos, inclusive dela, Solange foi escolhida. - Eu tinha complexo de inferioridade, não sei definir isso, mas nunca pensei que ia chegar à Seleção. Eu não imaginava que fossem me chamar, claro que eles queriam esse perfil, mas eu não imaginava que fosse agradar tecnicamente.

Esse sentimento talvez se justificasse porque, nesse momento, ela não estava inserida em nenhum clube, não treinava sistematicamente e jogava apenas os babas como uma forma de se manter no futebol. A convocação oficial chegou em sua casa através de um telegrama juntamente com a passagem de avião para o Rio de Janeiro. O primeiro desafio que encarou foi a separação de dona Olga: elas eram muito unidas e por ser a caçula, dormiam na mesma cama. A autorização para que servisse à Seleção aconteceu porque ambas imaginavam que essa experiência duraria apenas quinze dias, período no qual era efetivado o primeiro corte entre as convocadas.

Outras situações a deixavam insegura: faria parte de um grupo praticamente desconhecido, não tinha roupa e nem tênis em boas condições de uso, vivia com fome e nunca tinha viajado sozinha de avião. Aliás, por não ter conhecimento de que deveria chegar ao aeroporto antes do horário da decolagem, nossa baiana perdeu o voo que a levaria para a Cidade Maravilhosa. - Me desesperei e mostrei para a moça o papel da convocação. Daí ela me colocou em outro voo. E com todo esse transtorno, imagina o que eu não passei ali de vergonha, sozinha, não sabia nem como pedir água para aeromoça. Eu cheguei no Rio totalmente despreziosa de querer ser uma grande jogadora porque, na verdade, eu nunca tinha visto a intensidade da mulher jogar bola.

Com seu jeito humilde, singelo e franco, Solange fez história na Seleção ao participar de competições amistosas e oficiais como, por exemplo, os Mundiais da China, em 1991, e da Suécia, em 1995. Seu talento fez com que atuasse em clubes representativos do futebol de mulheres como Santos, Corinthians, Palmeiras, Internacional, Marília, Ribeirão Preto e Francana. No futsal, defendeu equipes de renome como Marvel e Euroexport e, assim como tantas outras jogadoras de sua geração, foi nessa modalidade que, por algum tempo, conseguiu garantir seu sustento, seja porque não recebia para atuar no campo, seja porque as equipes nas quais jogou encerraram suas atividades.

A menina criada em Feira de Santana, saiu precocemente de casa para jogar futebol, mas sua casa e sua mãe nunca saíram de seu corpo nem dos seus pensamentos. Nessa viagem, se empoderou como mulher e atleta e, mais fortalecida, deu outros passos e com eles chegou ao topo do futebol nacional.

“Pode derrubar aquela parede que a gente bota um telhado novo”

Soró, como passou a ser conhecida no futebol, foi o apelido que recebeu de Russa, colega da Seleção, que a comparava com um personagem da novela Roque Santeiro que também tinha cabelo curto e usava o mesmo tipo de óculos. Se por um lado ganhou um apelido e a acolhida do grupo, por outro, teve que deixar de lado uma de suas paixões: o estudo. Desde o momento em que atendeu à primeira convocação no início de 1991 para participar da preparação para o I Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino, devido à demanda de treinos e viagens, não conseguiu mais frequentar a escola, que abandonou ao concluir o segundo ano do magistério.

Sua jornada na Seleção durou quase seis anos e foi vivida de forma ambígua. Viveu momentos de muita felicidade, conquistas, aprendizados, mas também sofreu muito em função do seu déficit alimentar, do distanciamento da mãe, de pressões psicológicas e de mágoas que até hoje permanecem em seu peito devido à

falta de respeito que, muitas vezes, vivenciou nesse ambiente. Representar o país, algo que ela nunca pensou quando se divertia nos babas no interior da Bahia, foi para Soró como uma espécie de vulcão: ela explodiu de alegria e mergulhou em um mar de desilusão.

Quando chegou à Escola de Educação Física do Exército, local onde a Seleção estava concentrada em 1991, vislumbrou algo que até então era raro em sua vida: uma mesa farta de alimentos. Seus olhos saltavam diante de tamanha abundância ao ponto de não conseguir se conter e encher seu prato de comida. Meg e Fanta, ao perceberem a situação, a chamaram para uma conversa e lhe explicaram que ela não precisava agir assim e que poderia repetir quantas vezes quisesse. - A Meg era uma irmã mais velha, me ensinou a falar, a comer. Ela me tratou como uma criança de cinco anos, eu me senti muito amparada, muito agregada. Foi bem legal e eu ainda trago isso para a minha vida.

O corpo famélico tinha muitas fragilidades e deficiências, quase não aguentava a rotina dos treinos que para ela se tornaram extenuantes. Seus músculos doíam, tinha tonturas, lhe faltava força, sentia muito desconforto e por esse motivo suplicou ao técnico que fosse dispensada na primeira lista de corte. Edison Antunes Silva, conhecido por Edil, para acalmá-la disse que atenderia ao pedido e na primeira oportunidade que teve a chamou para uma conversa. - Ele me disse: “tem tantas meninas que queriam estar aqui no seu lugar, suas colegas do interior querendo se alimentar bem do jeito que você se alimenta”. Ele me deu uma lição de vida, talvez vi a imagem do meu pai nele, eu comecei a chorar e ele me abraçou e falou: “sua mãe precisa que você esteja aqui, sua família precisa que você esteja aqui”. Eu sentei na beira daquele campo enorme, chorei minha saudade e pensei: “é isso que eu quero para a minha vida em definitivo, minha mãe vai me esperar na hora que eu chegar na minha casa”.

A partir desse episódio, a preocupação de Soró passou a ser outra: não ser desconvocada para assegurar uma ajuda financeira para a mãe. Quando se deitava na cama e agradecia pelo conforto e pelo alimento, pensava nas privações que a

família enfrentava na casa onde passou sua infância. Será que eles haviam comido naquele dia? Será que ainda dormiam no quarto que havia sido inundado por causa das chuvas? Estar na Seleção ultrapassava as questões específicas à sua carreira, era a oportunidade de ofertar um pouco mais de bem-estar a quem amava. Por essa razão, todo o dinheiro que recebia, mesmo que pouco, enviava para sua mãe. Enquanto algumas de suas colegas torravam a grana em diversão, compras e viagens, ela guardava cada centavo imaginando como poderia melhorar as condições de vida de sua família. No primeiro campeonato que disputou, o Sul-Americano, o valor que recebeu só deu para comprar uma televisão, algo que para dona Olga era um verdadeiro luxo.

O maior sonho da nossa zagueira era amenizar a precariedade da casa da mãe que não tinha privada e ficava à beira de um esgoto aberto. No entanto, o dinheiro que recebia era ínfimo e, por mais que economizasse, nunca somava o suficiente para algum conserto. Com o patrocínio da Maizena em 1995, que investiu por volta de um milhão de dólares na Seleção, as convocadas receberam um salário de aproximadamente R\$ 1.500,00, pago pela Sport Promotion, empresa que por muito tempo administrou a modalidade. Com o contrato fechado e a segurança de receber esse montante por um determinado período, Soró ligou para a mãe e disse: “pode derrubar aquela parede que a gente bota um telhado novo”.

A parede em questão era feita de barro, aquela que ela chutava a bola quando menina e que, desde então, era o principal suporte do teto da casa, mesmo estando cheia de rachaduras e com chances de desabar. Solange foi provendo pequenas reformas conforme o dinheiro que recebia e isso teve um custo. Aguentar as cobranças dos dirigentes e a pressão por resultados sem que fossem consideradas as condições estruturais ofertadas às jogadoras. Paulo Dutra, um dos responsáveis na CBF pelo futebol de mulheres, frequentemente fazia falas ameaçadoras no vestiário antes de elas entrarem em campo, relacionando a vitória à continuidade da modalidade no país. Essa atitude, se por um lado, atemorizava muitas atletas, em especial aquelas que tinham no

futebol seu principal e por vezes único modo de subsistência, por outro, estreitou laços de convivência e solidariedade, trazendo paz e estabilidade emocional para o ambiente. - A gente nem falava de futebol, a gente se abraçava, éramos muito mais irmãs do que amigas e isso me deu uma estrutura muito boa.

A união do grupo foi determinante para que Solange enfrentasse um acontecimento que dilacerou seu coração, em 1996, quando foi desconvocada para disputar os Jogos Olímpicos de Atlanta, mesmo tendo participado do período de preparação e integrado a equipe nos jogos classificatórios para a primeira edição olímpica da modalidade. - Foi um trauma muito grande na minha vida.

Não é para menos. Era titular, seus testes físicos mostravam que estava em plena condição, apresentando um dos melhores resultados entre as brasileiras. No Campeonato Mundial da Suécia, no ano anterior, correspondeu às expectativas da comissão técnica, mesmo jogando contra seleções experientes que tinham em seu elenco jogadoras de muito talento. Enfim, contemplava com qualidade todos os quesitos esperados para a sua posição. Além disso, se sentia confiante e preparada para a competição, afinal, o futebol era a sua vida e para nele estar tinha superado inúmeras dificuldades. - Cara, aquilo foi muito complicado para mim. Acho que foi dado o privilégio para alguém. Eu não tinha proteção, talvez se tivesse na época eu não seria cortada. Eu era a jogadora que estava produzindo o que o treinador queria, mas eu era a mais vulnerável, entendeu?

Sem nenhuma explicação, Soró foi substituída por uma jogadora que estava com anemia profunda, pesava por volta de 45 quilos e não havia participado dos treinos porque estava em tratamento de saúde. Inconsolada, até hoje relembra o acontecido: - Eu vivo com esse drama na minha vida. Eu não fui para Atlanta, mas estava junto. Sofri junto, briguei junto com elas e a gente conseguiu chegar no quarto lugar. Eu assistia aos jogos sozinha, escondida para que ninguém me visse chorando. Meu coração estava doendo demais.

Se em 1996 o sonho de participar dos Jogos Olímpicos foi arrancado da nossa quarta-zagueira, dois anos mais tarde, a responsabilidade e o comprometimento com a renda de sua família fizeram com que ela desistisse de embarcar para a Argentina para disputar o Campeonato Sul-Americano. Nesse ano, ela fazia parte do elenco do Corinthians e o medo de perder o salário por ficar ausente do clube durante a disputa do Campeonato Paulista foi determinante para essa dolorosa decisão, mesmo sabendo que essa provavelmente seria sua última participação na esquadra do Brasil. Soró estava certa: nunca mais foi convocada, não sabemos se por retaliação em relação a essa inusitada escolha ou se seu desempenho já não era suficiente para vestir a amarelinha. O fato é que ela cumpriu a promessa e reformou a casa da mãe. Fora da Seleção, brilhou nos campos por mais de uma década, quando encerrou sua carreira na equipe da Francana em 2012 aos 37 anos.

De volta para casa

Com apenas 18 anos de idade, nossa zagueira saiu da Bahia para ganhar o mundo. Foi no estado de São Paulo que se tornou atleta de futebol, passando por clubes de grande representatividade tanto no campo quanto no salão. Em Ribeirão Preto, deu continuidade à sua outra paixão: retomou os estudos e concluiu o segundo grau. Sua fome de conhecimento fez com que buscasse qualificação por meio de vários cursos, um deles, de arbitragem, o que lhe possibilitou atuar nessa função. Sem orientação, Solange é quase uma autodidata, trilhou seu caminho sem medir esforços nem se acomodar diante das conquistas. As oportunidades não bateram na sua porta, ao contrário, foi ela quem nunca desistiu de procurá-las. Assim que parou de jogar, assumiu o cargo de supervisora na comissão técnica da Francana e, nesse momento, dona Olga, saudosa da presença da filha em casa, fez o seguinte pedido: “filha, vem embora, daqui a pouco eu estou indo embora e você não viveu comigo.”

Como Soró já estava acumulada de saudade, não pensou duas vezes, arrumou as malas e correu para os braços da mãe. A questão é que aquela menina que havia crescido na Bahia já não era a mesma e, assim que se alojou junto da família, sentiu um desconfortável estranhamento porque aquele já não era mais seu universo. - Quando eu cheguei parecia que era outro mundo. A minha casa era cheia de meninos e eles gritavam, o cachorro latia, a minha mãe gritava e eu desesperada, falei: “meu Deus do céu, é minha família”. Eu queria sair correndo, eu entrava, almoçava, mas nada de dormir, eles não tinham uma disciplina e eu vivi na disciplina durante muito tempo no futebol. O cachorro entrava na casa todo molhado, latia e eu ia para o quintal e toda noite eu chorava. Eu querendo ficar porque a minha mãe estava muito feliz, mas foi difícil.

Por não conseguir se adaptar a essa nova configuração familiar, Soró retornou a São Paulo. No entanto, ficou pouco tempo porque a saudade a levou de volta para a Bahia de onde nunca mais saiu. - Comecei a sentir falta desses valores, da mãe vendo as estrelas à noite, da conversa que tínhamos nesse momento, das irmãs que me chamavam para conversar. Foram trinta anos sem elas, sem ter esses papos de irmãs, sem carinho, beijo, abraço. Eu não tinha minhas irmãs, não tinha minha família.

Retornar para a casa materna lhe trouxe um novo desafio. Se em São Paulo o futebol lhe garantia algum sustento, na Bahia a realidade era outra. Com problemas financeiros e sem visualizar nenhuma oportunidade de trabalho no futebol, ela enfrentou a timidez e procurou Ednaldo Rodrigues, então presidente da Federação Baiana, demonstrando interesse em entender a organização do futebol de mulheres no seu estado. Depois de ouvir a explicação do dirigente, propôs a implementação de uma peneira com o intuito de fortalecer as equipes da região, o que foi acatado. Quando esse projeto finalizou, recorreu ao seu primeiro treinador, Michelinho do Flamengo de Feira, que lhe chamou para ser a treinadora da equipe na disputa do Campeonato Baiano. - Eu ia para o treino a pé e voltava de carona, todos os dias. Ele me

dava trinta reais por semana de transporte, mas eu ia a pé para economizar. Esse foi o meu início ao retornar para a Bahia.

Sua dedicação, conhecimento e experiência levou o Flamengo de Feira até a fase semifinal do campeonato, um triunfo que originou o convite para assumir a equipe do Lusaca pela qual, durante a temporada que esteve à frente da equipe, não logrou os resultados esperados. No fim de 2018, com o surgimento do Programa de Refinanciamento Fiscal do Futebol Brasileiro (PROFUT) e com a vigência do Licenciamento dos clubes da CBF, todos os clubes que aderiram ao programa e que participavam dos campeonatos da Confederação foram obrigados a criar uma equipe de mulheres. Embalada por essa onda, a CONMEBOL obrigou todos os clubes participantes da Copa Libertadores de homens a manter ou se associar a agremiações que mantinham equipe de mulheres. Para atender a essas determinações, o Bahia fez uma parceria com o Lusaca, cabendo à Soró o cargo de auxiliar técnica da equipe principal e de treinadora da categoria de base. Parcerias como essas surgiram em várias regiões no país e provocaram diferentes arranjos dentro do futebol de mulheres. Se por um lado algumas associações trataram o jogo delas com respeito, criando boas condições de trabalho, por outro, existiram equipes que se juntaram só para cumprir tabela. Ainda assim, foram importantes como políticas indutoras para o desenvolvimento da modalidade e para o cenário mais receptivo à atuação das mulheres em várias funções no futebol como vemos hoje.

Solange foi beneficiada com essas obrigаторiedades pois, a partir da parceria do Lusaca com o Bahia, conseguiu viver do futebol por algum tempo, ainda que tenha perdido o cargo de técnica da categoria principal. Essa substituição pode estar relacionada às desigualdades de gênero no mercado do futebol, no qual os postos mais importantes geralmente são destinados aos homens, como se as mulheres não fossem capazes de ocupar outras funções que não as reservadas às quatro linhas.

Afora esses desencantos, Soró enfrentou momentos de profunda tristeza. Perdeu sua mãe e, logo em seguida, uma irmã. Em meio ao luto, precisou reunir forças para continuar tocando sua

vida em frente, inclusive financeira porque o Bahia suspendeu as atividades da equipe de mulheres entre dezembro de 2021 e maio de 2022 em função do rebaixamento dos homens para a série B do Campeonato Brasileiro. Mesmo com a subsistência abalada não desanima e parece renascer a cada adversidade: - Eu não tenho medo de recomeçar, eu só quero que me dê oportunidade.

Solange sempre enfrentou as dificuldades da vida com coragem e resiliência sem deixar que as contrariedades a tornassem amarga, raivosa, negativa ou rancorosa. Ao contrário, ela emana força, resistência, compaixão, ternura, empatia e solidariedade. Seu jeito doce expurga qualquer ódio que poderia estar inscrito em sua história e a única fome que a ainda a habita, é a fome de oportunidades.



Ita Maia

O futebol que só era possível à luz do luar (Ita Maia)

Como um elemento da cultura, o futebol é múltiplo e permite diferentes apropriações. Praças, parques, escolas, clubes, campos, ginásios, praias, ruas, várzeas são alguns dos espaços nos quais ele acontece. Durante um certo período, muitos deles foram interditados às mulheres, o que não significa afirmar que não os tenham ocupado. Para muitas, a brincadeira de jogar bola se converteu, com o tempo de prática, em uma alternativa de trabalho, de lazer, de realização profissional, de ponte para conseguir uma bolsa de estudo, de cuidado com a saúde, de sociabilidade, de fortalecimento da autoestima e de empoderamento. Estar no futebol representou para muitas mulheres a oportunidade de vislumbrar uma vida melhor, sobretudo para aquelas foram excluídas de uma série de direitos em função de marcadores sociais como raça, classe, gênero, sexualidade, geração, capacidade física, entre outros.

Fugir de casa, se esconder da polícia ou de familiares, usar roupas e acessórios para parecer um menino, correr para não apanhar e matar aula foram algumas das inúmeras estratégias que criaram para estar no futebol. A história da mulher que protagoniza este texto é marcada por uma estratégia inusitada. Quando criança, sofria muito preconceito por gostar de jogar bola. Oriunda de uma cidade muito pequena, que nem luz elétrica tinha, Ita Maia dos Reis, para não sofrer com os xingamentos que lhe eram direcionados, reunia os amigos e amigas para jogar

futebol à noite, sob a luz do luar. Nos campinhos improvisados nos quais colocavam pedras para simbolizar os gols, divertiam-se até não conseguirem mais enxergar a bola que, mesmo sendo de meia, chutavam com prazer e emoção. O que poderia ser poético, na verdade, ocultava algo dramático: na penumbra, as meninas não eram identificadas e, assim, não sofriam discriminação por fazer parte do jogo. Brincar às escondidas, por mais contraditório que possa parecer, era a chance que tinham para usufruir com liberdade de uma atividade que, por questões culturais, não eram autorizadas a desfrutar.

Nascida no dia 23 de julho de 1969 em Irecê, no sertão baiano, Edinei dos Reis Gericó, era a primogênita de um casal de agricultores que teve duas filhas e dois filhos. Apelidada pelos irmãos de Ita, foi criada na roça e, desde pequena, trabalhou na lavoura carpindo, plantando, colhendo e armazenando os produtos típicos da região como milho, feijão e mamona. O pai, Luís, arrendava as terras de um primo e o sustento era garantido com a colaboração de toda a família que se dividia para dar conta dos inúmeros afazeres que faziam parte do cotidiano de quem vive do que cultiva. A infância de Ita estava circunscrita a esse universo e foi marcada pela ausência de brinquedos, pelo incentivo aos estudos e pela dedicação ao trabalho. Seus pais foram criados no sertão e não tiveram a chance de frequentar a escola, o pai era analfabeto e a mãe, Ivaneide, apesar de ter um pouco mais de conhecimento, estava longe de dominar a escrita. Viabilizar a instrução dos filhos era algo extremamente significativo para esse casal iletrado que vislumbrava nos estudos a herança para poderiam deixar e, assim, contribuir para que tivessem um futuro mais promissor. Na casa deles não havia abundância, mas as atividades que desempenhavam em conjunto garantiam o alimento na mesa. Além do trabalho, partilhavam os momentos de lazer, e foi com os irmãos que Ita deu seus primeiros chutes. Era a única da família que amava futebol, e as brincadeiras com a bola fizeram parte de sua vida desde a mais tenra idade. Sua grande aliada no desejo de jogar bola foi a escola, pois lá encontrou apoio e incentivo tanto por parte dos colegas quanto da professora que ministrava

as aulas de Educação Física que, ao perceber o envolvimento e a habilidade de algumas meninas, criou uma equipe para jogar com times de cidades próximas. Ita fez parte do time e, no início da década de 1980, ainda menina, participou de torneios recreativos defendendo o nome da escola e da pequena Irecê. Como era uma menina muito ativa que gostava de esporte, durante sua vida escolar, participou de competições de outras modalidades como vôlei, handebol e atletismo.

O futebol marcou definitivamente sua história no ano de 1984, quando a família se mudou para a cidade de Santa Helena em Goiás. Por sorte do destino, na rua em que residiam havia um estádio, e uma vizinha ao vê-la jogando falou: “Você gosta de jogar bola, você até sabe jogar e tem um estádio no final da nossa rua que é de mulher. Por que você não vai conversar com o rapaz que está sempre lá?”

Adolescente, quase chegando aos 16 anos, a baiana acatou o conselho e se dirigiu ao Estádio Pedro Romualdo Cabral. A emoção que sentiu ainda persiste em seu coração, conforme declarou em entrevista ao programa *PorOutroFutebol Mulheres*, veiculado em 2021 no Portal Ludopédio: - Quando eu cheguei e entrei naquele campo, vi pela primeira vez um campo gramado, coisa mais linda, tinha até uma arquibancada que eu nunca tinha visto. Meu Deus, eu fiquei deslumbrada, não sabia o que fazer. A vontade era de entrar ali, correr, fazer qualquer coisa de tão encantada que eu fiquei naquele momento.

Até então, a garota que trabalhava na lavoura nunca tinha pisado em um espaço construído especificamente para o futebol, e não conhecia jogadoras nas quais pudesse se inspirar. Sua grande referência era Maradona, que conheceu ao assistir a um jogo pela televisão. Desde o primeiro instante, se apaixonou pela forma como o argentino dominava a bola, pela sua categoria e pela classe que esbanjava dentro das quatro linhas. Passou a observar seu desempenho em campo a fim de aprender alguns de seus gestos e tentar reproduzi-los com o intuito de se tornar uma excelente jogadora. Esse era o seu desejo: jogar futebol, disputar campeonatos, viajar, conhecer outras cidades e, quiçá, defender as cores de uma equipe que tivesse reconhecimento.

Imbuída desse espírito, Ita foi convidada para jogar no time de Santa Helena e, vestindo sua camisa, participou de várias edições dos quadrangulares, os quais eram disputados juntamente com as cidades Rio Verde, Jataí e Quirinópolis. A baianinha, como passou a ser conhecida na região, sobressaiu-se em várias partidas, consagrando-se artilheira em alguns dos torneios que disputou. Conquistou o título de campeã em 1985, quando defendeu as cores de Quirinópolis, e nessa edição do quadrangular, que era uma competição de referência no estado, foi eleita como jogadora de destaque ao marcar na final dois gols contra o time de Jataí.

Depois de quatro anos residindo em Goiás, a família se transferiu para Araguari em Minas Gerais, onde permaneceram por apenas dois anos. Nessa cidade, Ita chegou a treinar em uma equipe local, mas foi por um breve período porque, quando ainda estava em fase de ambientação no novo lugar, seu Luís e dona Ivaneide resolveram retornar para Irecê. Foi então que nossa volante decidiu mudar de rumo e, sozinha, prosseguir seu caminho em busca de melhores oportunidades de estudo e de trabalho. O destino foi a zona leste de São Paulo, onde moravam parentes de seu pai. Carregando uma mala repleta de sonhos, em 1991, Ita Maia deixou a Bahia na esperança de que neste grande centro viveria um futebol que não precisava ser disputado nas sombras, como foi o de sua infância: - Quero terminar meus estudos por lá e a vontade era de sempre achar o futebol de alguma forma. Eu não desistia de manter esse pensamento comigo.

De fato, ela se deparou com outra realidade. No fim dos anos de 1980 e início de 1990, o futebol vivia uma fase de expansão com a realização dos eventos internacionais, como a organização do Torneio Experimental da China, em 1988, e do Campeonato Sul-Americano e da I Copa do Mundo em 1991. Havia uma movimentação em torno desse esporte, e sua chegada em São Paulo ampliou seu olhar sobre a modalidade, inclusive, porque se deu conta que poderia contribuir para que outras meninas tivessem aquilo que ela tanto almejou: o direito de jogar futebol. Ita se estabeleceu em Guianases e sua dedicação ao futebol fez com que se tornasse uma referência no bairro e na vida de muitas meninas e

mulheres da região, seja pela sua atuação como atleta, seja pelo seu incansável empenho na formação de jogadoras.

A dona dos campos da várzea

Em Guaianases, a baianinha de Irecê conheceu as múltiplas dimensões do futebol, começando pelo futsal que sequer imaginava existir. No ano de 1992, foi convidada por um professor chamado Pitoco para fazer um teste visando a integrar a equipe que disputaria um amistoso contra a Sociedade Esportiva Elite Itaquerense. Entusiasta do esporte, esse professor organizou uma equipe com as alunas da escola onde ministrava aulas, comprou as camisetas e nelas gravou o nome Pitoco Futebol Clube. Apaixonada por futebol, Ita não recusou o convite - “Eu nem sabia o que era futsal, nunca tinha visto uma quadra na minha frente. Não sabia nenhuma regra, não sabia de nada. Eu fui super bem e me destaquei”.

Ao fim do jogo, Wilson, o treinador do Elite Itaquerense, vendo o ótimo desempenho que teve em quadra, a chamou para fazer parte da equipe, dando início a uma trajetória que perdurou por dez anos. Defendendo sua camisa no campo e no salão, Ita conheceu uma a dimensão do alto rendimento do futebol ao disputar os campeonatos da Federação Paulista, os Jogos Regionais e os Jogos Abertos. No ano de 1998, ao participar em uma dessas competições, foi observada pelo preparador físico do Sport Club Corinthians, conhecido como Turco, que a levou juntamente com outras atletas do Elite para que o técnico Ademar Fonseca Nogueira Júnior, o Dema, pudesse avaliá-las. Ita era uma jogadora diferenciada: cobrava falta muito bem, colocava a bola onde queria, tinha uma marcação muito forte, chamava a atenção pela qualidade técnica, possuía uma invejável força física, enfim, era dotada de muitos atributos. Na várzea paulistana, dificilmente se via tanto talento em uma só mulher: a baianinha era a dona dos campos.

Essas qualidades facilitaram sua contratação pelo Corinthians, no qual permaneceu somente uma temporada entre

os meses de abril e julho daquele ano. Já com 29 anos, sentia algumas dificuldades para permanecer no grupo: era a primeira vez que participava de uma equipe de referência que em seu elenco apresentava muitos talentos, inclusive na sua posição, que tinha jogadoras da Seleção brasileira. O nível de competitividade era muito alto e para quem não havia vivido essa dimensão do futebol, a disputa se tornava injusta. Apesar de ter sido muito difícil, foi nesse time que ela adquiriu vários aprendizados: - Foi bom conhecer o alto rendimento, como funcionava. Como era o comportamento do grupo com várias jogadoras da Seleção. Dava para perceber como as meninas eram vistas, respeitadas e queridas ali no grupo, enfim, tinha todo um universo que até então eu desconhecia. Para mim foi muito importante, foi um conhecimento, um aprendizado grande aquele pouco tempo que eu passei ali, foi o que deu todo o suporte para eu poder criar minha associação, montar meu projeto e dar seguimento no que eu faço até hoje.

Jogar em um grande clube representava uma oportunidade de viver do futebol, algo almejado por muitas jogadoras. No entanto, a realidade nem sempre corresponde ao sonhado. A passagem de Ita pelo Corinthians trouxe muitos aprendizados para a menina criada no sertão, que acabou por descobrir o quanto o futebol dito profissional poderia ser perverso. Durante o período que vestiu a camisa do clube, nossa meio-campista não recebeu nenhum aporte financeiro, apesar de ter no elenco várias jogadoras que eram remuneradas. Além disso, o seu desligamento da equipe se deu de uma maneira muito desrespeitosa. Seu técnico lhe comunicou: - “No último jogo você não precisa ir. Você espera que o preparador físico vai marcar um dia com você. Daí nunca mais o preparador, nem o técnico, nem ninguém fez contato. Ficou assim e em seguida o campeonato terminou, foi o último jogo e a gente acabou não se vendo mais também e o time não deu sequência no ano seguinte”.

Essa traumática experiência com o Corinthians despertou em Ita a percepção de que muitas mulheres não teriam espaço no futebol de rendimento, e para continuar a jogar bola era preciso vislumbrar outros espaços de pertencimento e realização. Ainda

assim, persistiu por mais um tempo na disputa de competições, como os Jogos Regionais, a Liga Paulista, os Jogos Abertos e o Campeonato Paulista - Série B, onde defendeu equipes vinculadas às cidades de São Caetano, Mogi das Cruzes e Suzano. Mesmo tendo mais de 40 anos, nossa volante conseguia se manter entre as onze em função do seu forte poder de marcação, da boa distribuição de bola e de sua privilegiada condição física, desbancando até mesmo jogadoras muito mais jovens. Ita Maia pendurou as chuteiras no ano de 2017, aos 48 anos, defendendo a Inter de Limeira. Nesse processo, fez sua transição de jogadora para técnica quando vestiu pela segunda vez a camisa do Elite Itaquerense, no ano de 1996, desempenhando por algum tempo duas funções: aos fins de semana atuava em campo como jogadora e nos outros dias trabalhava na iniciação e formação de meninas no futsal. Uma fratura sofrida no braço na partida final de um campeonato realizado pela Prefeitura da Cidade de São Paulo, em 2014, foi a gota d'água para que consolidasse sua intenção de investir cada vez mais na sua atuação como professora e gestora de projetos sociais.

A longa vivência nos diferentes futebóis lhe proporcionou a aquisição de conhecimentos e maturidade para entender o universo que circula no entorno desse esporte que, por si só, é diverso e possibilita várias formas de participação. - Tem gente que acha que a diferença do profissional para a várzea é só o nível técnico ou só a estrutura. Mas não é “só”, é um outro mundo. Jogar de um jeito profissional, treinar, desenvolver uma estrutura, formar a parte técnica, física, psicológica... Tem um abismo muito grande, mas a gente quer aproximar esses mundos”, declarou nossa baiana ao portal Ação Educativa.

Esse olhar sobre a modalidade assegurou que vivesse a transição entre as funções de técnica e de jogadora com leveza. Ao mesmo tempo, contribuiu para que direcionasse sua energia para projetos de formação nos quais utilizou sua experiência para guiar o sonho de muitos meninos e meninas que, assim como ela, amam futebol. Ao se dedicar exclusivamente a esse propósito, Ita Maia dos Reis passou a ser um nome de referência na várzea paulistana. É a dona dos campos na iniciação e na formação de crianças e jovens.

Uma bicicleta que carrega alegria e sonhos

Quando morava em Goiás, tinha um tio de Ita que frequentemente visitava a família levando sempre um presente para cada criança. Certa vez, ela ganhou uma boneca e, apaixonada como era por futebol, pediu que ele lhe desse uma bola. Surpreso diante da solicitação, explicou à pequena que esse é um brinquedo de meninos. Passado mais de meio século, essa lembrança ainda reverbera em sua memória e foi um dos motivos pelos quais decidiu trabalhar com meninas. Além desse episódio que marcou sua infância, sua passagem pelo Corinthians fez com que testemunhasse a falta de estrutura da modalidade ao constatar que muitas garotas não eram aprovadas nas peneiras dos clubes porque pularam etapas em sua formação. Várias delas, por questões culturais, se inseriram tardiamente no futebol e seu atraso no desenvolvimento técnico, tático e físico tornava a disputa injusta. Esses dois fatos foram cruciais na decisão de se dedicar a um trabalho que formasse jogadoras de um modo mais global, mesmo não tendo estrutura nem condições financeiras para tal. - Eu pensava: “nossa, eu preciso fazer alguma coisa para ajudar e mudar a realidade dessas meninas”. Aí eu pensei em algo para o meu bairro e falei: “poxa, eu moro aqui em Guaianases há tantos anos, deve ter meninas que queiram jogar futebol e que também procuram outros lugares e não encontram”. Foi quando eu pedi para usar o espaço do campo de terra, de chão batido e o processo foi iniciado de forma voluntária.

A ânsia de continuar no futebol e de colaborar na formação de jogadoras foi o pontapé inicial para que criasse, no ano de 2005, a ASAPE (Associação Atlética Pró-Esporte), cuja trajetória é reconhecida pelo trabalho desenvolvido na base e pela participação em campeonatos de várzea nas modalidades de campo e de salão. Nos dezesseis anos que está à frente da associação, Ita tem sido o alicerce no qual muitas meninas se apoiam. Sua dedicação extrapola os ensinamentos relativos ao jogo e se expande para a vida de cada uma. Ela partilha histórias, acolhe traumas, ajuda na solução de problemas, aconselha para os estudos, busca

oportunidades de trabalho, encaminha para as peneiras, enfim, tenta proporcionar um leque de opções, caso não consigam se inserir no alto rendimento e ter condições mínimas para viver do futebol. Além do enorme envolvimento na capacitação dessas mulheres, providencia todas as demandas estruturais para que seu projeto aconteça. Por não ter financiamento externo, compra os materiais quando tem condições, tenta isenção de taxas para participar de competições, busca patrocínios e doações e, muitas vezes, paga do próprio bolso a condução ou a alimentação de suas jogadoras, enfim, sozinha move o mundo para que a ASAPE se mantenha firme no propósito de formar pessoas tendo como foco o futebol.

Para Ita Maia dos Reis, esta mulher que foi criada por pais semianalfabetos, que saiu de casa jovem e que jogava futebol à luz da lua para não ser achincalhada, não existem obstáculos que a façam abandonar seus propósitos. Ela pode até desanimar, mas não desiste. Mesmo enfrentando muitas dificuldades, nos dias que ministra treinamentos repete de modo perseverante a mesma rotina: equipa sua bicicleta em sacos onde leva bolas, uniformes, coletes, cones e com ela se desloca até o local onde reúne as crianças e adolescentes que participam de seu projeto. Ao pedalar pelas ruas de Guaianases, a baianinha deixa para trás a discriminação e a falta de apoio, conduzindo com seu próprio corpo a esperança de um futebol no qual as mulheres tenham mais oportunidades, realizações e conquistas. - A bicicleta é meu carro onde transporto todo o material que eu levo para o treino. Eu carrego ali sonhos e a alegria de sair de casa e levar aquele monte de coisas penduradas. Ela me guia até onde eu quero chegar e distribui esse sonho para outras pessoas.

Verdade seja dita, as categorias de base dependem de pessoas como Ita, pois seu desenvolvimento e estruturação ainda é muito recente em nosso país. Nossas pioneiras não desfrutaram dessa experiência e suas trajetórias são marcadas pela falta de sistematicidade dos campeonatos e pela ausência do fomento no desenvolvimento da base na grande maioria dos clubes. Até recentemente, não existia nas equipes uma divisão por faixa etária, e

muitas meninas em idade de formação integravam o mesmo elenco que atletas da categoria principal. A CBF passou a estruturar um trabalho de base somente no ano de 2013, quando foi criada a Seleção Sub-17. Com a verba destinada pela FIFA para os países que sediaram uma edição da Copa do Mundo, cinco anos depois da realização dessa competição no Brasil, a entidade utilizou parte dos recursos para criar os campeonatos nacionais de base. Em 2019, organizou os campeonatos Sub-16 e Sub-18 que, em 2022, se transformaram em Sub-17 e Sub-20.

Em São Paulo, cidade onde reside Ita, essas competições tardaram a acontecer e por muito tempo foram organizadas pela administração pública que fomentou as categorias de base visando a divulgar e a expandir a prática do futebol entre crianças e adolescentes. No ano de 2019, por exemplo, a Secretaria Municipal de Esportes e Lazer organizou a 11ª Taça Cidade de São Paulo de Futebol Feminino, contemplando as categorias Sub-13, Sub-15, Sub-17 e Sub-19. As desigualdades de gênero e a diferenciação de oportunidades entre eles e elas ficam explícitas quando comparamos a realização dessa competição para os meninos que, naquele ano, atingiu a sua 31ª edição.

Um relatório publicado pela FIFA em julho de 2019, apresentou alguns dados que embasam essa afirmação. Produzido a partir de uma pesquisa executada em todas as federações associadas, o documento assinalou que no Brasil existiam por volta de 15 mil mulheres jogando futebol de maneira organizada, ou seja, disputando campeonatos em algum nível. Se pensarmos comparativamente, nem mesmo na América Latina fomos liderança, pois o relatório apontou que na Argentina havia mais de 27 mil jogadoras e na Venezuela por volta de 24 mil. Nos Estados Unidos, esse número ultrapassou 9,5 milhões, isto é, está infinitamente distante da nossa parca realidade. Em relação às categorias de base, os dados foram mais alarmantes: apenas 475 jogadoras com menos de 18 anos estavam registradas na entidade que é responsável pela condução do futebol nacional.

A proibição oficial da prática do futebol pelas mulheres por quase quarenta anos trouxe danos que até hoje são visíveis

e prejudiciais na formação de novos talentos. Em função dessa realidade, a renovação da Seleção principal ainda não se consolidou, é um projeto em andamento. Se olharmos a escalação da equipe que representou o Brasil na Copa do Mundo da França, em 2019, identificamos que a camisa amarelinha foi vestida pela experiente Formiga, então com 41 anos, e por Geysse com 21, ou seja, atletas que apresentam vinte anos de diferença.

Com o surgimento do Programa de Refinanciamento Fiscal do Futebol Brasileiro (PROFUT), a vigência do Licenciamento dos clubes da CBF e as obrigatoriedades da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), em 2019, esse cenário começou a se alterar, mas ainda está distante do que identificamos em países cuja modalidade está consolidada. A falta de políticas sólidas por parte das entidades gestoras do futebol brasileiro em relação à formação da base no futebol de mulheres fez com que o trabalho de pessoas como Ita suprissem deficiências estruturais no desenvolvimento e planejamento do futuro da modalidade. De modo praticamente anônimo, sem o reconhecimento e o apoio merecidos, foram essas pessoas que por muitos anos garantiram o surgimento de jovens talentos.

O projeto capitaneado por Ita transcende as fronteiras de Guaianases, sua dedicação lapidou preciosidades, muitas delas encaminhadas a clubes como Corinthians, Ferroviária, Portuguesa de Desportos, Real Brasília, entre outros, pelos quais disputam competições nas categorias principal e de base. Além de ceder atletas para agremiações que disputam campeonatos amadores, também contribuiu para que algumas das jogadoras que formou se transferissem para outros países onde, por meio da obtenção de bolsas de estudo, conseguiram se inserir no esporte universitário e, posteriormente, no mercado de trabalho. Seu modo de lidar com as atletas fortaleceu laços afetivos, pois mesmo não seguindo a carreira esportiva é a ela que muitas garotas recorrem quando querem desfrutar o seu lazer jogando futebol. O vínculo que Ita vem estabelecendo com essas mulheres extrapola as quatro linhas. - “Eu nunca fiz isso pensando em dinheiro, o que me move é pensar que eu preciso devolver para

todas essas meninas da minha comunidade ou de outros bairros próximos aquilo que eu não tive. Eu só quero ajudar elas a realizarem sonhos, os quais eu também sonhei um dia na idade delas”.

Ana Paula Santos é uma dessas mulheres. Foi formada pela Ita na ASAPE e dali migrou para os Estados Unidos onde cursou a graduação e pós-graduação na William Carey University, no estado de Mississippi, participando de campeonatos universitários entre 2017 e 2021. Ao terminar o mestrado e, por consequência, seu vínculo com a universidade, no ano de 2022 se transferiu para a Islândia para disputar a liga nacional pelo Keflavik.

- Eu conheci o projeto da Ita, a ASAPE, através de um treinador que me viu jogar e me convidou para fazer parte e foi uma das melhores decisões que eu tomei na minha vida. Foi uma época que me ensinou muita coisa, fora o fato que me ajudou muito no processo de ir para os Estados Unidos. A ASAPE era a minha equipe, era o que estava me mantendo ativa no futebol com a esperança de seguir e não jogar tudo para o ar, então, foi muito importante. Minha relação hoje com a Ita não é tão próxima, não a vejo faz muito tempo, mas quando eu estava na equipe fomos muito próximas. Ela é uma mulher incrível que me ensinou muito mais sobre como ser uma mulher de respeito, com seus objetivos firmados e com a vontade de sempre lutar pela vida e pelo que acreditamos do que como atleta. Me ensinou muito sobre futebol, mas nunca vou esquecer a maneira como me ensinou a ser uma pessoa melhor e a dar valor as pessoas que te ajudam e que te dão valor. Me ensinou a não esquecer de onde vim e de quem me ajudou a chegar aonde cheguei. E ela é uma pessoa que foi fundamental no meu caminho para estar onde estou hoje. Agradeço muito a ela!

Em 1991, quando Ita chegou em Guaianases para prosseguir seus estudos, o futebol de mulheres no Brasil ainda engatinhava. Foi o ano da realização da primeira edição do Campeonato Sul-Americano visando à classificação para a disputa da I Copa do Mundo cancelada pela FIFA. Ou seja, ainda eram escassas as oportunidades para que jogadoras como ela pudessem ter o futebol como sua principal fonte de renda. Ciente disso e para

continuar atuando com o que sempre foi sua grande paixão, a garota de Irecê concluiu o colegial em São Paulo e se matriculou no curso de Educação Física na UNICSUL em 1997, mas só conseguiu estudar até o quarto semestre. Em 2013, depois de uma pausa de oito anos, concluiu sua formação na UNINOVE, tornando-se bacharel e licenciada em Educação Física. A velha, como é carinhosamente chamada pelas meninas que passaram pelo projeto e por aquelas que lá estão, prossegue atuando no desenvolvimento da formação de novas gerações no CEU (Centro Educacional Unificado) de Jambeiro, no conhecido Campo do Botafogo. Ao longo de sua trajetória como formadora, participou de várias competições tendo destaque em algumas delas. À frente de equipes de meninos e de meninas disputou a Taça Cidade de São Paulo, os Jogos da Cidade, a Copa Mulher, a Copa Rainha, os Jogos da Prefeitura, o Inter CEU's, o Circuito Esportivo, o Campeonato Estadual, a Liga de Suzano, a Liga de Mogi, além dos torneios das ligas de bairros. - “A gente trabalha, forma e já inicia as competições. Fazemos tudo junto porque é importante ganhar essa experiência jogando, competindo e participando. É necessário entender que o processo é esse: aprender a ganhar, a perder, a sofrer, a chorar e a rir. É fundamental viver essas emoções”.

Resiliente, determinada e empática, Ita do Itaquerense, como é conhecida na sua região, foi uma das mulheres que ganhou destaque na exposição Contra-ataque: as mulheres do futebol, realizada no ano de 2019 no Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu em São Paulo. Sua história foi visibilizada em um dos palcos do futebol nacional, cujo campo, apesar de desejado, nunca teve a oportunidade de jogar. O reconhecimento ao seu trabalho demonstra a magnitude de sua devoção à preservação de um futebol que, muitas vezes, não é visto nem valorizado. Um futebol que acontece quase às escondidas, como aquele que ela vivenciou quando criança ao jogar sob a luz do luar. Um futebol que não é espetacularizado como aquele que comumente visualizamos, mas que é uma grande potência para transformar vidas.



Patricia

*É este esporte que
eu quero para mim
(Patrícia)*

A história do futebol de mulheres no Brasil tem sido comumente narrada a partir de alguns marcos temporais: a proibição, a liberação, a regulamentação, as principais competições, entre outros. Nos meandros dessas datas, muitas coisas aconteceram fazendo com que, nas diferentes regiões do país, vingasse um futebol potente praticado sobretudo como uma forma de lazer. Após a regulamentação, em 1983, que lhe conferiu um caráter mais organizacional, muitas mulheres abandonaram os campos devido à burocratização necessária para participar das competições organizadas pelas federações, o que exigia mais comprometimento com os treinamentos e jogos. Para algumas, dividir seu tempo e ter uma dedicação mais focada no futebol era algo que não despertava mais interesse, não era prazeroso e o custo já não cabia no bolso. Se por um lado, a institucionalização da modalidade fomentou a criação de equipes e de competições, por outro, afastou aquelas que jogavam bola privilegiando o caráter lúdico, de bem-estar e de sociabilidade. Mesmo que essa situação não fosse a regra para um país com dimensões continentais como o nosso, cada Federação lidou de um jeito com a modalidade, algumas dando-lhe mais estrutura, outras não.

Em Goiás, estado no qual vive a protagonista desta história, muitas mulheres jogavam futebol antes que o Conselho Nacional de Desportos autorizasse as federações a reger a modalidade. Tanto na capital, Goiânia, como em outras cidades existiam

torneios de caráter amador, muitos deles organizados pelas próprias mulheres, que se mobilizavam para disputar jogos entre bairros e municípios, na várzea, no circuito universitário, enfim, onde pudessem bater bola e se divertir.

Com a inserção da Federação Goiana na organização dos campeonatos, muitas delas tentaram migrar para as equipes federadas visando a permanecer jogando. No entanto, se depararam com uma série de empecilhos: a cobrança de taxas, o gasto com uniformes e materiais, o registro da documentação, o desinteresse dos clubes pelo futebol de mulheres, enfim, o nascer de uma conjuntura que impôs investimentos inesperados, inclusive financeiros. A oficialização da modalidade foi efetivada, porém, não foram facilitadas nem proporcionadas condições para que as mulheres se mantivessem em campo desfrutando de competições mais sistemáticas e organizadas.

A goleira goiana que chegou à Seleção em 1991 viveu na pele essa realidade. Patrícia Aparecida Menezes, nasceu no dia 9 de julho de 1961, em uma família de seis irmãos. Sua mãe, Zita, era apaixonada por futebol e foi ela, e não o pai, Benjamin, quem contagiou as crianças ao assistir aos jogos na televisão ou ouvir no rádio. A inspiração de Patrícia veio desse convívio, e foi em família que deu os primeiros chutes. Diferente das histórias que temos narrado neste livro, quando pequena, não brincou de futebol na rua nem o praticou na escola. Por gostar muito de se movimentar, divertia-se jogando queimada e handebol, aprimorando habilidades que mais tarde foram transferidas para os campos. No handebol, atuava como goleira, posição que passou a ocupar no futebol quando, aos 17 anos, a convite de uma amiga, participou de uma partida que marcou definitivamente sua trajetória no esporte. - Eles estavam precisando de uma goleira. E como era uma partida decisiva e eu tinha experiência de jogar handebol e queimada, falei: eu vou tentar. Fui para o gol, fiz altas defesas, o jogo terminou empatado e foi para os pênaltis. Aí eu defendi, acho que três pênaltis e fui ovacionada. A torcida me colocou nos braços e deu a volta em torno do campo.

Vestir a camisa do Conjunto Anhanguera a colocou em definitivo no futebol e um dos motivos para essa adesão foi porque ali se sentiu reconhecida pelo talento e pela sua identidade como mulher negra que, como muitas em nosso país, são discriminadas, rejeitadas e subvalorizadas em função da cor de sua pele. - Sofri tanto preconceito que eu tinha uma certa introspecção, eu era muito retraída, minha autoestima era tão baixa por conta dessa rejeição que quando eu vi o pessoal me carregando e me admirando eu senti: opa! É aqui que eu quero ficar. Como nunca havia sido tratada assim, nem no handebol, decidi que era este esporte que eu queria para mim.

Apesar de ter se inserido tardiamente no futebol, Patrícia tinha um histórico de participação em atividades esportivas e esse hábito facilitou seu ingresso na modalidade, mesmo não tendo desenvolvido suas habilidades específicas. Como o futebol de mulheres ainda estava em fase de estruturação, sua gestualidade técnica não era tão exigida e a experiência motora que adquiriu ao longo da infância e da adolescência carimbou seu passaporte para nele entrar e permanecer. Como goleira, transferiu os conhecimentos e habilidades que obteve ao atuar em uma meta bem menor do que a do futebol para fazer história nos campos, o que demandou de seu corpo o aprendizado de outras técnicas, posicionamentos, gestos, reações e leitura de jogo.

Depois de sua estreia vitoriosa, Patrícia se manteve no time e disputou vários campeonatos em Goiânia e na região. No início dos anos 1980, participou de um torneio que reuniu doze equipes, um número extremamente significativo se pensarmos que o futebol delas ainda não era regulamentado. O evento aconteceu no Centro Olímpico, um espaço que ocupavam aos sábados participando de competições, muitas delas promovidas por uma entidade denominada de Casa do Futebol Amador. - Durante os anos de 1981 e 1982 jogamos de forma recreativa e amadora disputando esses campeonatos e torneios. Daí em 1983, quando teve a liberação, as federações passaram a organizar os campeonatos e isso provocou uma queda no futebol porque as equipes foram obrigadas a disputar campeonatos federados. Para isso, era preciso arrumar uma equipe que fosse associada às federações para poder jogar.

Nessa época, o Conjunto Anhanguera mantinha uma parceria com o Educandário Tiradentes, uma instituição de ensino que viabilizava condições mais adequadas para que o time participasse de competições. Quando os campeonatos começaram a ser organizados pela Federação, esse grupo passou a defender as cores do Monte Cristo Esporte Clube que atendia às exigências da entidade gestora. Com essa equipe, em setembro de 1983, Patrícia participou do I Campeonato Goiano, que foi vencido pela Sociedade Esportiva Ponto Frio. O gerente local era apaixonado por futebol e teve a ideia de empregar algumas jogadoras que trabalhavam na loja durante o dia e treinavam à noite visando a disputar as competições.

Por um breve período, Patrícia defendeu a meta do Ponto Frio, mas foi no Atlético Goianiense que deu os primeiros passos para cravar seu nome no futebol goiano. Nessa ocasião, conheceu Luiz César Ferreira da Rocha, que desde então é seu fiel companheiro dentro do campo na luta pela modalidade e fora dele na constituição de uma família que respira futebol. - Eu e o Luiz, conversando com um amigo que a gente tinha em comum, acabamos indo para o Atlético e lá criamos o departamento feminino.

Atuar em um clube profissional do futebol dos homens de forma alguma deu segurança ao casal que não mediu esforços e se dedicou quase que exclusivamente à atividade. O Atlético cedia basicamente o nome e o uniforme, Luiz e Patrícia providenciavam todas as demandas necessárias para manter a equipe e participar das competições. Essa dedicação ultrapassou as fronteiras do clube e se estendeu para o futebol goiano porque, com o objetivo de manter o número mínimo de participantes nos campeonatos regionais, foram responsáveis pela criação de outras equipes de mulheres. Comprometidos com o avanço da modalidade, em 1986, montaram uma seleção para representar Goiás no Campeonato de Seleções realizado na cidade de Campinas, em São Paulo, tendo Patrícia como goleira.

Em 1990, a Federação voltou a organizar o Campeonato Goiano depois de uma pausa de seis anos. Na década de 1980, só aconteceram duas edições: a primeira em 1983 e a segunda em

1984. Com o retorno da competição e com a ausência de times federados, Patrícia e seu marido apostaram alto e deram vida a uma equipe que se tornou referência no futebol de mulheres do estado, o Aliança Futebol Clube. Por três anos, o casal atuou simultaneamente nas duas agremiações e, a partir de 1993, direcionaram seus esforços para esse empreendimento. Luiz como dirigente e treinador e Patrícia atuando como goleira e exercendo outras funções extracampo, inclusive a de presidente.

Patrícia nunca se acomodou diante dos desafios e, na intenção se qualificar, cursou a Escola Superior de Educação Física de Goiás, tendo Luiz como seu maior incentivador. Para sua grande surpresa, o currículo da instituição não ofertava às mulheres a disciplina de futebol. - Eu já dava aula de futebol antes de me formar e uma incoerência tão grande que ficou marcada em minha vida foi que eu não pude fazer a disciplina de futebol. Havia uma grade curricular masculina e outra feminina. Para os homens tinha futebol e para as mulheres ginástica rítmica.

Inconformada com essa limitação, encontrou uma brecha: no último ano da faculdade, em 1989, cada discente poderia escolher uma disciplina eletiva a seu critério. Patrícia não teve dúvidas e se matriculou na cadeira de futsal, sendo impedida pelo professor a cursá-la. Diante de mais um entrave, recorreu às instâncias superiores exigindo esse direito. - Fui na reitoria pedir para fazer o futsal, pois eu era jogadora e já dava aula para os meninos no campinho de terra na periferia. Eu falei para o professor: “você não estão formando professores! Eu sou professora, como é que eu vou ensinar futebol para os meus alunos se eu não aprendi aqui. Como é que eu vou fazer?” Conclusão: eu terminei o curso, não me deixaram fazer futsal e fui ensinando futebol com aquilo que eu aprendi na prática, dentro da faculdade eu não consegui.

Essa fala de Patrícia reafirma o quanto as questões de gênero atravessam o campo esportivo, não apenas para quem o pratica. A própria formação profissional tem oportunizado aos homens muito mais chances de estar no futebol do que a elas que, por um determinado período, não puderam se qualificar. Lembrar essa diferenciação é indispensável, pois ainda hoje nos deparamos

com discursos que alegam que eles são mais capacitados do que elas, mesmo quando não são. Às mulheres se exige qualificação para que ocupem cargos técnicos e de gestão, diferentemente do que ocorre com eles, que não são cobrados com a mesma intensidade que elas.

Patrícia não se deixou abater pelos obstáculos que encontrou em seu caminho e trilhou uma carreira sólida no futebol e fora dele. Atuou como professora na rede municipal de ensino por vinte e sete anos exercendo o cargo de diretora de uma escola por dois mandatos, totalizando seis anos. Como jogadora, chegou à Seleção brasileira e exibiu seu talento em estádios renomados como o Campo da Portuguesa, no Rio de Janeiro, o Mané Garrincha, em Brasília, e o Serra Dourada, na sua cidade natal, onde apesar de sofrer um gol, foi a primeira goleira a atuar. Patrícia parou de defender a meta aos 38 anos, na equipe do Aliança, ao perceber que seu corpo já não respondia como antes e por perder espaço na equipe. Além de trabalhar na gestão do clube, passou também a estruturar os trabalhos de preparação física e de treinamentos, conhecimentos que partilha com sua equipe técnica e que foram aprofundados ao concluir a Licença C da CBF em 2019 e a Licença B em 2021. Fora das quatro linhas tem sido incansável no incentivo para que as mulheres assumam, cada vez mais, cargos de poder no futebol.

O choro que colocou a mãe-goleira na lista de corte

Chegar tardiamente ao futebol, no caso de Patrícia com dezesseis anos, e conquistar uma posição na Seleção brasileira mesmo atuando em uma região que estava fora dos grandes holofotes no início da década de 1990, além de incomum é algo que merece destaque. Por duas razões: primeiro porque nos faz pensar na quantidade de mulheres talentosas que temos espalhadas no território nacional e que por uma série de motivos não tiveram condições nem oportunidade de se desenvolver desde cedo de forma específica para a modalidade; segundo, por identificar como é importante que as entidades gestoras do futebol direcionem

suas decisões considerando não apenas os grandes centros, mas incorporem em sua prática um olhar mais apurado para o futebol que acontece nas mais diferentes regiões do Brasil.

No ano de 1991, quando jogava no Atlético Goianiense, Patrícia foi convocada para participar do período preparatório da Seleção que iria para China disputar a I Copa do Mundo de Futebol Feminino. O contato se deu por intermédio de Eurico Lira, na época responsável pela Seleção e presidente do Esporte Clube Radar, que já conhecia a atleta goiana através dos torneios que organizava no Rio de Janeiro. O dirigente solicitou a indicação de nomes para compor o elenco canarinho, no entanto, Patrícia e Luiz entenderam que seria mais pertinente que ele fosse a Goiânia para observar um jogo e selecionar aquelas que lhe despertasse interesse. Para tanto, organizaram um amistoso entre o Atlético Goianiense e o Aliança e, como resultado da avaliação, foram convocadas duas jogadoras: a goleira Patrícia e a zagueira Maria.

Apesar de Patrícia ficar muito feliz com a oportunidade de integrar a Seleção, inicialmente, não quis se apresentar porque sua primeira filha, Ana Júlia, estava com dez meses e ela ainda a amamentava. Foi Luiz, outra vez, que a incentivou e, decidida a atender a convocação, pensou: - Quando eu for para lá vou arrumar alguém para tomar conta dela enquanto eu treino.

A chegada de Patrícia ao Rio de Janeiro, na Escola de Educação Física do Exército, onde o grupo estava concentrado, causou espanto à comissão técnica porque nossa goleira levou a filha em seus braços. Como o lugar era restrito às funções do Exército e dos homens que estavam alojados no local, Patrícia não conseguiu contratar ninguém para cuidar de Ana Júlia enquanto se dedicava aos treinamentos que aconteciam duas vezes ao dia. Para tanto, contou com o apoio de algumas mulheres que a cercavam, como a supervisora da época que providenciou um carrinho de bebê e algumas colegas de equipe. Suzana Cavalheiro, que estava lesionada, passava boa parte do tempo cuidando da pequena, mas dificilmente conseguia controlar seu choro por estar longe da mãe. Depois de dez dias, foi desconvocada: - No primeiro corte que teve eu fui a primeira a sair porque ninguém aguentava a menina chorando.

Mesmo que breve, Patrícia reconhece que essa experiência foi extremamente valorosa em sua trajetória: conheceu várias jogadoras, criou referências, viveu em um ambiente que até então desconhecia e adquiriu conhecimentos que embasaram seu trabalho no futebol goiano. Tão logo retornou ao Aliança, inseriu em sua comissão técnica a função de preparador de goleiras, algo que até então não havia vivenciado de forma tão direta. O aprendizado que experienciou com o professor Renato, responsável pelo cargo na Seleção, a fez perceber a importância desse profissional para o aperfeiçoamento de quem atua nessa posição.

Pela falta de visibilidade do futebol de mulheres em nosso país, Patrícia, assim como tantas outras futebolistas de seu tempo, não tinham jogadoras em quem se espelhar. Naquela Seleção, partilhou o dia a dia de treinos específicos com mais quatro goleiras: Simone, Miriam, Meg e Denise. No entanto, foi Meg aquela que se tornou sua grande referência, inclusive afetiva. Já a conhecia dos campeonatos disputados contra o Radar na década de 1980 e sua admiração aumentou quando treinaram juntas no Rio de Janeiro. O convívio com a colega que tinha mais experiência lhe proporcionou muitos aprendizados e Patrícia levou para a vida uma das muitas conversas que tiveram naquele tempo. - Eu disse para a Meg: “Eu nasci numa época errada porque agora eu não posso me dedicar tanto ao futebol”. Aí ela falou: “Não, Patrícia. Você nasceu na época certa, você desbravou o seu estado. O que você tem que fazer é voltar, abrir caminhos para o futebol feminino porque você vai ser inspiração de outras meninas lá em Goiás”.

Com esse lema em mente, ao retornar para casa, Patrícia se dedicou ao futebol de mulheres não mais como atleta, mas como uma pessoa disposta a lutar fervorosamente pela modalidade, tornando-a mais acessível àquelas que dela desejavam participar.

Aliança Futebol Clube

O futebol de mulheres faz parte do cenário esportivo goiano há muito tempo, apesar dos vários impedimentos que permeiam a sua história. Mesmo com a regulamentação, sua estruturação

caminhou a passos lentos, seja por falta de interesse das entidades gestoras, seja porque os times e as jogadoras eram pouco conhecidas naquela época. A proibição ainda afetava o mundo do futebol que era pensado por eles, organizado por eles e jogado por eles. As equipes de mulheres pertenciam às comunidades e não aos clubes e muitas delas surgiram por meio de iniciativas individuais de pessoas que amavam o futebol e que, por conta desse sentimento, buscavam abrir portas para que as mulheres entrassem nos clubes profissionais. Patrícia e Luiz percorreram esse caminho e do seu modo promoveram a inserção delas no Atlético Goianiense e no Aliança Esporte Clube. No primeiro clube, permanecerem onze anos, e no segundo, fizeram história à frente da equipe é a maior campeã de Goiás, somando quatorze títulos estaduais.

O Aliança não era novo, foi fundado em 1958, tendo somente homens defendendo suas cores. Em 1990, quando o casal resolveu estruturar um time de mulheres, viu nesse clube a oportunidade de colocar essa ideia em prática, visto que o Aliança, apesar de registrado na Federação, não participava de competições desde meados da década de 1980. A falta de autonomia que sentiam no Atlético Goianiense em relação à condução do trabalho e o excedente de atletas que não eram aproveitadas foram alguns dos motivos que os fizeram criar uma equipe própria, tendo Patrícia como presidente. Afora essas questões, estavam convictos de que, sem um número mínimo de equipes para participar das competições estaduais, a modalidade corria o risco de desaparecer.

Munidos de coragem, assumiram o clube que, além manter a equipe principal, possui as categorias de base e uma escolinha de futebol pela qual já passaram mais de duas mil meninas. Nas três décadas de existência do Aliança nunca foi cobrada taxa das participantes, e todos os profissionais envolvidos trabalham de forma voluntária. A escolinha é gratuita e o objetivo não é só o desenvolvimento do futebol, abrange questões relacionadas ao fortalecimento das meninas que têm por volta de 14 a 16 anos e que em seu cotidiano enfrentam situações de assédio, violência, restrição de direitos e tantas outras vulnerabilidades. Em um país

machista e misógino como o nosso, esses temas deveriam compor a pauta pedagógica de todos os projetos de futebol, inclusive os que são direcionados aos meninos, tanto porque eles também estão sujeitos à essas vulnerabilidades quanto pela urgência de educá-los para não naturalizarem qualquer tipo de violência contra as mulheres.

Para manter a equipe da categoria principal que não tem patrocínio, Patrícia e Luiz firmaram parcerias com entidades públicas e privadas visando à manutenção das jogadoras e sua formação por meio da concessão de bolsas de estudos e outros auxílios. Conceberam, ainda, o Projeto Gandula por meio do qual as jogadoras recebem uma ajuda de custo quando desempenham a função em jogos do Campeonato Brasileiro nas séries A, B e C e o pleito do Programa Bolsa Atleta para aquelas que são federadas e ranqueadas.

Nos mais de trinta anos que estão à frente do clube, não foram raras as vezes que tiraram dinheiro da renda familiar para suprir alguma demanda das jogadoras como, por exemplo, o pagamento de taxas, vale-transporte, alimentação, material, uniformes, inscrição em campeonatos e até mesmo conceder algum subsídio não esperado. Lembra Patrícia: - Teve uma vez que compramos uma bicicleta para uma menina que era importante para nós. A gente não tinha vale-transporte. Era tudo assim: nós que fomos bancando do nosso próprio bolso para fazer com que tivesse os campeonatos aqui e dar oportunidade para as meninas jogarem, porque o que elas mais queriam era jogar.

No ano de 2019, com as determinações da CONMEBOL, da CBF e do PROFUT que obrigaram os clubes de homens a manter equipes de mulheres para disputar campeonatos nacionais e continentais, o que parecia ser o início de uma nova etapa na organização e estruturação da modalidade, esbarrou em uma série de problemas. A falta de interesse no futebol de mulheres, o aumento do investimento para manter uma equipe, os arranjos para cumprir as exigências das entidades gestoras, a falta de sistematicidade dos campeonatos, a pouca visibilidade na mídia, a paralisação das atividades em função da pandemia do Coronavírus foram alguns dos entraves que jogaram contra essa

iniciativa, mesmo que tenha viabilizado às mulheres oportunidades que até então não lhes haviam sido ofertadas. Em função desse contexto, em 2020, o Goiás Esporte Clube propôs uma parceria com o Aliança. - Eles convidaram a mim e ao meu marido para sermos gestores lá. Só que a gente falou para eles assim: “olha, nós queremos um time que não nos dê só o nome. A gente quer um time que assuma todas as instâncias”.

Enquanto estiveram juntos, as jogadoras tiveram garantidas todas as condições do exercício profissional, inclusive a carteira de trabalho assinada. Em decorrência da pandemia, o Campeonato Brasileiro Feminino da Série A2 foi paralisado entre os meses de março e outubro, e Goiás manteve sua palavra pagando o salário mensal das jogadoras e da comissão técnica. No final desse mesmo ano, com o rebaixamento da equipe dos homens para a Série B do Brasileirão e com a eleição de nova presidência do clube, a fusão entre as duas equipes terminou. Por conta disso, coube ao Aliança, vice-campeão do estadual de 2019, assumir a vaga na Série A2 no ano de 2021 em função da desistência do Goiás. Esse cenário se alterou em 2022 quando a equipe de homens do Goiás voltou para a primeira divisão e a CBF exigiu que o clube disputasse os Campeonatos Femininos Sub-20 e A3 na categoria principal, fazendo com que o Goiás reatasse a união com o Aliança.

O que aconteceu com os clubes goianos evidencia os diferentes arranjos produzidos pelas equipes para atender às medidas obrigatórias impostas pelas entidades futebolísticas. Enquanto alguns clubes procuraram ofertar uma estrutura compatível com a profissionalização, outros cederam somente a camisa e pouco ajudaram no processo de desenvolvimento da modalidade. Essas combinações improvisadas acontecem há muito tempo interferindo negativamente no avanço do futebol de mulheres. Patrícia, dona de uma longa história no futebol, tem se esforçado alterar esse cenário. - A minha intenção é fazer com que as pessoas gostem do futebol feminino e não façam por obrigação. Façam pelo valor que as mulheres têm dentro do esporte, reconheçam que elas sabem jogar, que elas sabem dar espetáculo e que o jogo delas também tem emoção.

Enquanto não consegue modificar essa visão, faz o que pode para empoderar outras mulheres dentro do futebol. Christiane, detentora da Licença B da CBF e treinadora de sua equipe há três anos, sabe o que isso significa. Formada na escolinha do Aliança, foi incentivada a cursar Educação Física para aprofundar seus conhecimentos e se manter atuando no esporte. Patrícia acumula mais um mérito: no ano de 2022, a comissão técnica do Sub-20 do Goiás, sob seu comando, foi composta exclusivamente por mulheres que desempenharam as funções de gestora, preparadora de goleira, preparadora física, médica e massoterapeuta.

Uma família com a bola no DNA

A casa dos Menezes exala futebol, aliás, foi esse esporte que uniu o casal desde o primeiro encontro no longínquo ano de 1983. Patrícia foi assistir a um jogo a convite de uma amiga que também era goleira, razão pela qual se colocou atrás da meta para passar orientações para a colega. Luiz era o técnico da equipe adversária e, insatisfeito com a postura da torcedora, solicitou ao árbitro que a afastasse da posição, atitude que a fez xingar o então desconhecido treinador. Passado um tempo, os dois se reencontraram, iniciaram uma amizade que se transformou em namoro, tendo como palco a arquibancada do estádio Serra Dourada. Dessa união, nasceram três filhas, todas envolvidas com o futebol e com o Aliança. O ambiente familiar, permeado pela paixão por esse esporte, inscreveu na história das meninas o compromisso com o fortalecimento e a continuidade do trabalho realizado pelos pais. A trinca, como refere Patrícia, cresceu tendo os campos de futebol como extensão de sua casa e neles as crianças brincaram, criaram laços de amizade, sociabilidade e afeto.

Ana Júlia, a primogênita, aquela que chorava durante os treinos da Seleção brasileira, é formada em Educação Física e atua como professora da rede particular de ensino em Goiânia. É casada e mãe de Agnes que tem três anos e Davi que tem um, os únicos netos do casal. No Aliança, desempenha a função de preparadora física e sua filha se diverte ao ver as atividades do

grupo, imitando os exercícios que a mãe propõe às jogadoras. Ou seja, já está entrosada no ambiente futebolístico, vivendo de perto os sentimentos que movem a família. Juliana, a filha do meio, é fisioterapeuta e por um período não quis se envolver com futebol. No entanto, quando Patrícia esteve mais envolvida com o Goiás, assumiu a presidência do Aliança e hoje, tanto quanto seus pais, é apaixonada pelo trabalho que exerce. Ela é a responsável pela inscrição das jogadoras nas competições, cuida do sistema web da CBF e coordena o Projeto Gandulas. Fabiana, a caçula, é graduada em Turismo e colabora com a agremiação nas tarefas relacionadas ao marketing, a produção de imagens e registros, além de auxiliar Juliana nas tarefas burocráticas.

Essa família é fruto do companheirismo que Luiz e Patrícia cultivaram ao longo de quase quarenta anos de união. - Eu acho que se ele tivesse casado com outra pessoa que não gostasse do futebol não ia dar certo. Assim como eu também. A cumplicidade é mútua. Ele tem uma visão do futebol bem melhor do que a minha, ele é bem mais enraizado no futebol. Como treinador, gosta muito da técnica e da tática. Eu não! Eu gosto de poder fazer mais pelo futebol feminino fora de campo. Ele vive a equipe vinte e quatro horas e às vezes eu brigo, tem hora que eu tenho que chamar a atenção dele. Ele se dedica muito mais para o futebol, para a equipe do que para a casa. Tudo dele é para o futebol.

Luiz César zela pelo Aliança de diferentes modos. Além do trabalho cotidiano nos cargos técnicos e de gestão, teve o cuidado de organizar e preservar a memória do clube. Na residência dos Menezes existe um pequeno museu onde estão guardados documentos, fotografias, medalhas, troféus, uniformes e coisas que nem podemos imaginar. Luiz é detalhista, criterioso, cataloga tudo. Registra detalhes de cada objeto, tem as fichas de inscrição de todas as meninas que passaram pela escolinha, o nome de todas as que marcaram gols ressaltando a data, a equipe adversária e o estádio onde aconteceu o jogo. Preserva ainda a lista de frequência dos treinamentos, as súmulas dos jogos disputados, certificados, reportagens de jornais, enfim, uma série de documentos que narram a história do Aliança e, por consequência, do

futebol de mulheres em Goiás. Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, digitalizou parte desses documentos, preservando muitos dos dados coletados ao longo dos anos.

Atitudes como essa são escassas em nosso país. A história da modalidade carece de registros e muito do que se conhece advém daqueles sujeitos que viveram as suas mais diferentes etapas. O interesse pela preservação da memória é recente tanto nos clubes quanto nas federações e na própria Confederação Brasileira que até hoje não tem nenhuma publicação específica sobre o tema e nem mesmo a história delas presente em seu Museu.

O futebol de mulheres em nosso país existe e resiste por conta do comprometimento de pessoas como Patrícia e Luiz que, mesmo sem o apoio merecido, dedicam suas vidas para torná-lo mais acessível. Partindo do pressuposto de que o esporte é um direito de quem quiser vivenciá-lo, o casal tem se dedicado a fazer com que as mulheres também possam desfrutar do futebol com dignidade e não somente sobreviver nele. Esse desejo alimenta a luta da nossa goleira que tem consciência de que, sem o apoio das entidades gestoras do futebol, não há como garantir um futuro melhor para a modalidade. No seu horizonte há uma meta: criar um departamento feminino dentro da Federação Goiana de Futebol. - A minha luta é de murro em ponta de faca porque quando você pensa que vai melhorar, não melhora. Quando pensa que vai decolar, não decola. Então eu fico frustrada porque sozinha é muito complicado e eu não consegui fazer com que o futebol feminino daqui explodisse.

Patrícia está certíssima. A ausência de um departamento específico nas federações estaduais e na própria Confederação dificulta o processo de elaboração e implementação de ações direcionadas para a estruturação e profissionalização do futebol delas. Para que isso aconteça, há que considerar as particularidades da modalidade porque reproduzir o mesmo modelo que rege o futebol deles talvez não seja adequado nem pertinente. Nesse sentido, é de suma importância que nessas instituições tenham pessoas com vivência na modalidade, com conhecimentos e compromisso político para lutar e vislumbrar um futuro no qual as

mulheres também possam viver do futebol: pessoas como Patrícia, que se empoderou no futebol, que resiste, que tem experiência e uma enorme representatividade em sua região.

Valorizar sua história implica no reconhecimento de todos os saltos que executou para defender suas metas. Como goleira, aprendeu lições que levou para a vida: as saídas de bola alçadas na área lhe deram coragem e as quedas para fechar o gol a tornaram resiliente para, com garra, reiniciar o jogo sempre que necessário e, assim, enfrentar todos os adversários.



*Suzana
Cavalheiro*

*O futebol para as
mulheres não era
uma profissão. E a
história comprova isso
(Suzana Cavaleiro)*

A profissionalização do futebol de mulheres é um tema recente em nosso país e ainda suscita dúvidas sobre o que significa e que práticas envolve. Desde que as mulheres foram permitidas a entrar em campo, seus deveres sempre estiveram à frente dos seus direitos. Aliás, seus direitos sequer eram discutidos pelos dirigentes, e as jogadoras, quando os reivindicavam, sofriam represálias. Se olharmos para a história da modalidade, vamos perceber que por muito tempo ela sobreviveu de migalhas, pois, em um cenário de precariedade, qualquer oferta representava muito, mesmo que fosse pouco.

Ser uma profissional do futebol representa muito mais do que ter um salário e conseguir se manter com ele. Inclui questões trabalhistas que são asseguradas pela legislação, contrato formal, suporte médico, condições adequadas de viagem, moradia, alimentação, estrutura mínima para treinamento e jogos, dias de descanso, férias e calendário de competições.

De acordo com o Guia da Edição 2022 do Brasileirão Feminino produzido pelo Planeta Futebol Feminino, das 16 equipes participantes da competição apenas 9 mantinham vínculos profissionais com as atletas por meio de contratos CLT:

Internacional, Atlético Mineiro, Grêmio, São Paulo, Corinthians, Santos, Red Bull Bragantino, Ferroviária e Real Brasília. Flamengo e Palmeiras são considerados semiprofissionais porque apenas algumas jogadoras têm contratos CLT. Cruzeiro, São José, Avaí/Kindermann, ESMAC e Crespon são amadores.

A celebração de vínculos formais de trabalho é uma realidade muito recente no futebol delas e advém da sistematização de campeonatos e das recomendações demandadas a partir de 2019 pela CONMEBOL e pela CBF, por meio do Licenciamento dos Clubes, e pelo PROFUT. Recentemente em uma edição do programa Escondidas Nunca Mais veiculado no Facebook da empresa Centauro, patrocinadora do Paulistão Feminino de 2022, Cacau, jogadora do São Paulo, declarou: “Eu fui me profissionalizar com carteira só em 2018 depois de 14 anos de prática. A nossa luta é para que as novas gerações não passem por isso. Eu sempre fui profissional com o futebol, o futebol que não foi comigo”.

As jogadoras da geração pioneira nutriam o sonho de serem profissionais da bola e “comeram o pão que o diabo amassou” para que pudessem alcançar essa conquista, o que não aconteceu. Apesar de serem peças fundamentais para que as mulheres tenham essa oportunidade, elas não conseguiram desfrutar esse direito e até hoje carregam marcas profundas em suas vidas. Na época em que estavam na ativa, o futebol consumia muito do seu tempo, por isso não conseguiam priorizar os estudos e, muitas vezes, viviam de ajuda de custo, visto que qualquer auxílio era bem-vindo, inclusive para ajudar nas despesas da família. A legalização da vida profissional dessas mulheres começou a existir depois que deixaram o futebol, até mesmo porque a grande maioria delas não foi aconselhada a pagar a contribuição previdenciária visando a uma futura aposentadoria.

Suzana Cavalheiro teve essa percepção assim que entrou no futebol e por essa razão investiu na sua formação profissional fora do campo. - Eu não via futuro no futebol. Estudar era a alternativa de crescer e ter uma perspectiva diferente. Eu tinha muito claro que o futebol não seria algo de profissão, ele tem picos, tem momentos que acende, que apaga e momentos que fica à mercê,

passando sacolinha. Eu queria estabilidade, construir família e ter a minha casa.

A lateral, que fez história na modalidade, foi na contramão de sua geração e, das inúmeras pioneiras que conversamos, foi a única que expressou com veemência que o futebol era sua diversão e que não visualizava nem queria tê-lo como profissão. Mesmo tendo lucidez suficiente para entender que a bola não lhe garantiria o futuro que imaginava, ela se dedicou ao esporte e cumpriu seus deveres enquanto esteve em campo, inclusive ao vestir a amarelinha. Suzana disputou o Torneio Experimental de 1988 e chegou a participar do período preparatório para a Copa do Mundo de 1991, quando sofreu uma lesão no joelho. Ao contrário do que deveria ter acontecido, mesmo se machucando em período de convocação, a atleta não teve suporte da CBF para realizar seu tratamento, o que a fez esperar um ano para realizar a cirurgia no sistema público de saúde.

Esse acontecimento, agregado a tantos outros que vivenciou, reforçou seu discernimento em relação ao futebol. Dois motivos foram cruciais para sua avaliação: a convicção de que a bola não iria garantir o que almejava e o desprezo dos mandatários do futebol que ignoraram sua situação e se eximiram de qualquer responsabilidade.

Boneca para mim servia para ficar no quarto, meu negócio era bola

Suzana Cavalheiro nasceu no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, no dia 14 de abril de 1966, filha de um metalúrgico e de uma servente de escola que moravam em uma pequena edícula situada no terreno da casa da mãe dele. Com o nascimento do terceiro filho, o espaço composto de um quarto, cozinha e banheiro, ficou pequeno para abrigar a família e as crianças passaram a residir com a avó. Suzana dormia no quarto juntamente com as tias, seu irmão, João, dormia com os tios e o caçula, Wagner, na edícula com os pais. No quintal, que era espaçoso, as crianças se divertiam com muita liberdade sem que houvesse separação por

ser menino ou menina. - Eu sempre fui muito ativa, acho que a coisa da família sempre facilitou, eu brincava com meus primos, e ser criança é brincar. E essa energia, eu tenho até hoje, eu acho que é algo que eu tinha na infância, eu não conseguia ficar parada. Estar movimentando para mim era um prazer, eu não ficava sentada ou brincando de boneca.

As práticas corporais faziam parte de seu cotidiano e ela não recusava quando a molecada a chamava para fazer pega-pega, andar de bicicleta, jogar vôlei e futebol, esporte que praticava na companhia do irmão mais velho. - Eu chegava na quadra e os caras me encaixavam nos times. Eles tiravam o menino e me colocavam e, às vezes, isso gerava uma situação ruim porque você não quer que a pessoa deixe de jogar, mas na época os moleques queriam time forte. Porque eles queriam ficar mais tempo na quadra, que era cinco minutos ou dois gols. Na rua era assim e na quadra do colégio não era diferente.

A garota era tão ativa que uma de suas professoras a apelidou de “Suzi Capeta”, não porque aprontava, mas porque não parava quieta. Como sua mãe trabalhava na escola, ela passava o dia no local e quando não estava em sala de aula, corria, brincava, se divertia. Suzana adorava estudar, era muito dedicada e tinha energia de sobra. Em relação ao futebol, prática que as meninas não vivenciavam, ela sempre dava um jeito de jogar. - Eu chegava na quadra e esperava e quando via já estava no time. É lógico que meu irmão sempre queria jogar comigo porque a gente combinava as coisas, a gente comentava depois, tínhamos uma afinidade grande.

Fora da escola, jogava futebol com a molecada em uma rua de paralelepípedo e por várias vezes, ao rolar a bola, arrancou a tampa do dedão. Como era uma ladeira, o grupo fazia um sorteio definindo qual dos times iria subir ou descer para atacar. Faustino, que era o responsável pelo grêmio de uma fábrica de rolamentos que ficava na frente da casa da sua avó, por algumas vezes observou a movimentação do grupo e o convidou para utilizar a quadra da empresa. Foi ali que ela, aos 13 anos, se inseriu no futebol, pois passou a integrar uma equipe que agregava

funcionárias do local. Sob o comando de Faustino, esse time iria disputar um amistoso e o treinador, ao ver o talento da garota, convidou-a para participar. Contente com a possibilidade de fazer aquilo que adorava, Suzana solicitou ao rapaz que pedisse permissão para seu pai, que não negou que a filha participasse da equipe.

Seu João sempre incentivou a prática esportiva dos filhos e desde que eram pequenos brincava com eles na rua, inclusive jogando futebol. - “Mesmo quando a gente mudou, saiu de Santo Amaro e foi para Campo Limpo, ele continuou a brincar na rua, só que a escolaridade ia avançando, então antes tinha que tomar a tabuada e a leitura senão nada de rua. E tinha horário pra voltar pra casa também. Porque ele brincava um pouco e depois ele entrava pra ajudar a minha mãe. E ele assobiava. Não chegou em cinco minutos a casa caía, no outro dia não tinha rua”, relembra Suzana em entrevista concedida ao Museu da Pessoa.

Em 1980, quando tinha 14 anos, recebeu um novo convite, dessa vez para integrar o Black Cat, uma equipe de futsal que estava se formando para disputar campeonatos na região. Um deles aconteceu na inauguração do Parque Ecológico do Tietê e, como era futebol de campo, as equipes de salão que se apresentaram no evento precisavam completar o número de jogadoras. Foi nesse contexto que Suzana integrou a equipe do Transvira, que conquistou o título do torneio ao vencer a Seleção da Zona Leste. Alguns meses depois dessa sua primeira experiência no campo, passou a vestir a camisa do Isis Pop, uma equipe que estava se estruturando na época sob o comando de Newton Ribeiro, proprietário das casas *Relax for Men Brût*. Suzana era a caçula do grupo que era formado por jogadoras mais velhas, algumas universitárias. Nesse momento, a posição de Seu João começou a se modificar: primeiro porque o mando do jogo da nova equipe era localizado no campo União Operária na Vila Maria que ficava distante do Campo Limpo e a sede do clube ficava em uma região boêmia da cidade, repleta de boates e bares; segundo, porque suas tias, que exerciam forte influência no pai, começaram a pressioná-lo porque achavam que ele dava muita liberdade para a

garota e que futebol não era esporte para ser praticado por uma mulher. - Então eu comecei a enrolar meu pai. Eu falava que ia para a casa de uma amiga minha e de lá eu dava uns perdidos e ia jogar bola. Mas os meus irmãos sabiam o que eu estava fazendo e não deixei de fazer.

Suzana permaneceu quase um ano jogando às escondidas até que seu segredo foi revelado. Defendendo a camisa do Isis Pop no I Campeonato Paulista de Futebol Feminino, organizado pela Secretaria Municipal de Esportes (SEME), na final contra a ADPM, Seu João viu a filha em campo porque o jogo estava sendo televisionado. Suzana sabia da transmissão e pediu ao irmão que evitasse que o pai ligasse a televisão, o que não aconteceu. Ele assistiu a todo o jogo, viu a filha tornar-se vice-campeã e descontente com a sua insubmissão, lhe aplicou um castigo. Esse dia foi repleto de emoções para a jogadora: além de conquistar a medalha de prata nesse campeonato, prestou vestibular para ingressar na universidade, um sonho que sempre alimentou.

No ano de 1984, Vanderlei Coelho, técnico da equipe que venceu essa fatídica partida, chamou a zagueira para defender a equipe do Juventus que estava começando a se estruturar e que tinha como base a própria ADPM. Na ocasião, Vanderlei conversou com Seu João e juntos fizeram um acordo para que ela pudesse jogar no time: - Como eu ia treinar às terças e quintas, meus irmãos podiam ir no treino e quando fosse viajar um deles iria comigo. Meus irmãos adoraram a ideia porque iam viajar. Eles conheciam todas as meninas, curtiam, o mais velho principalmente, porque o caçula não era muito chegado ao futebol. Mas o mais velho era apaixonado. E aí eu comecei a jogar no Juventus. E foi uma fase bacana porque a gente viajava demais. E sempre com as meninas.

Defendendo a camisa grená, Suzana participou de muitas competições e conquistou vários títulos, dentre eles o de Campeã do Paulista de Futebol Feminino de 1987. Grande parte das competições existentes nessa época eram promovidas pelo poder público, mais especificamente, pela Secretaria Municipal de Esportes ou pela Federação Paulista de Futebol de Salão que

estava à frente do Torneio Cidade São Paulo, do Metropolitano e do Estadual, torneios que ela também disputou. Como os campeonatos do campo eram esporádicos, por um longo período as atletas atuavam nas duas modalidades, esse era o único modo de permanecer jogando e de garantir alguma ajuda de custo que vinha sobretudo do futebol de salão.

No Juventus, Suzana vivenciou um futebol mais estruturado: elas treinavam regularmente em um campo cedido pelo clube, recebiam atendimento de médicos e fisioterapeutas, ganhavam ajuda de custo, viajavam com frequência para participar de competições no sul do país e a equipe era equiparada ao time dos homens. Contavam ainda com três mulheres na equipe que lhes davam suporte: a diretora Luci, a preparadora física Malta de Freitas, e a roupeira Aninha que cuidava uniforme com muito esmero, chegando até a engraxar as chuteiras para que as jogadoras entrassem em campo.

Além de treinar e participar de competições, nesse período Suzana ainda cursava Educação Física na Organização Santamarense de Educação e Cultura (Osec) e trabalhava em Santo Amaro, de onde saía para ir treinar na Mooca. Para dar conta da correria, contou com o apoio de amigos e dos pais da Magali Fernandes, com quem jogava no Juventus. - Na casa de Dona Nena e seu Valdemar às vezes eu almoçava, descansava e depois ia para o treino. Eles me acolheram como um membro da família e também fizeram isso com muitas atletas.

Nessa altura, Eurico Lira, dono do Radar, contratou algumas jogadoras do Juventus para qualificar seu time como, por exemplo, Roseli, Márcia Honório e Lúcia Feitosa. Suzana também foi sondada pelo dirigente, mas ela não quis se transferir para o Rio de Janeiro e optou por ficar na equipe permanecendo até 1988 quando foi extinta. - Sobre o Juventus, uma coisa que para mim até hoje é algo que me incomoda é o fato de estarmos invictas por muito tempo dentro de um clube e para abafar um caso de desvio de verba acabaram com o time e ninguém conseguiu reverter isso. Essa situação para mim foi extremamente desrespeitosa com as personagens que faziam parte dessa história.

A tristeza que a zagueira sentiu não estava relacionada somente com o fato de não ter mais a equipe para jogar. A dissolução do grupo pesou em seu coração porque havia muita afinidade entre as jogadoras, o convívio era agradável, elas cuidavam umas das outras e se relacionavam como se fosse sua segunda família. Sensação essa que não era exclusiva da turma do Juventus. A geração pioneira, que durante tanto tempo esteve esquecida e, por que não dizer, apagada, construiu vínculos extremamente fortes e a conexão que estabeleceram é uma das medalhas que escolheram colocar no peito.

Foi por intermédio do Juventus que Suzana chegou à Seleção em 1988, onde viveu esse mesmo sentimento de união e simplicidade. Como atleta, ainda defendeu o Corinthians, o Euroexport, onde jogava e trabalhava no almoxarifado, e o CEPEUSP, onde encerrou a carreira em 1997 depois de sofrer uma lesão ao disputar a Paulistana daquele ano.

Eu gostava de jogar futebol, não esperava viver dele

Dona Neide, mãe de Suzana, não gostava que ela jogasse futebol, ficava aflita ao ver as partidas, tinha medo que ela se machucasse. - Ela era cuidadora, sempre garantindo que a família tivesse condições de desfrutar. Não era uma pessoa ativa com esporte, era dona de casa e sempre dando conta de todas as coisas. Ao longo de minha carreira foi em apenas um jogo de futebol de salão quando eu estava no Juventus. E ganhamos o campeonato.

Quando pensou em fazer uma faculdade, Suzana queria cursar Medicina, pois gostava de cuidar das pessoas, se preocupava com questões relacionadas ao corpo e à saúde e desejava trabalhar com criança. - Eu queria ser pediatra. E aí um dia eu falei para minha mãe: eu estou pensando em fazer Medicina. Ela falou: “Imagina, você gosta tanto de esporte, gosta tanto de bola, que vai jogar bola na barriga dos seus pacientes, isso não vai dar certo”. Eu pensei: “Quer saber, acho que eu vou para a Educação Física”.

Seus pais valorizavam o estudo, essa era uma preocupação que tinham em relação aos filhos. Dona Neide concluiu o primeiro

grau e Seu João frequentou a escola até a quarta série, depois fez um curso no SENAI e se tornou especializado na sua função como metalúrgico. Para eles foi uma felicidade enorme ver a filha na universidade, pois foi a segunda pessoa da família a fazer um curso superior, precedida pelo seu tio, irmão caçula de seu pai.

O valor que Suzana atribuía aos estudos e a percepção de que o futebol não seria a sua profissão foram as principais razões para recusar o convite de Eurico Lira. - Ele queria que eu fosse pro Rio, para ficar alguns meses treinando e viajando com o Radar. Falei: Não! Não vou abrir mão da minha faculdade. Eu tinha muito claro que o futebol não seria algo de profissão. E a história comprova isso.

Em abril de 1988, no dia de seu aniversário, ela recebeu um grande presente: o telegrama de convocação para integrar a Seleção que participaria do Torneio Experimental da China. O convite envolvia tanto o período preparatório quanto o próprio torneio, totalizando dois meses fora de São Paulo. Como estava finalizando o curso de graduação, ficou preocupada com as consequências dessa prolongada ausência e procurou o diretor do curso, professor Renê, que não só a incentivou como informou que havia uma lei que a amparava para abonar as faltas. - Ele falou: Filha, pode ir, a gente tá muito contente”. Até saiu no jornal e foi o maior estardalhaço.

No entanto, ao retornar da viagem se deparou com outra realidade. O professor de Handebol e Futebol não aceitou o telegrama de convocação como prova de que a atleta tinha representado o país no evento e exigia um documento oficial da CBF para que ela realizasse as provas que havia perdido. Essa exigência burocrática dissimulava o preconceito do docente. - Ele era machista e autoritário. Em um treino com as meninas eu arranquei do nosso campo, fui até a intermediária, chutei, a bola explodiu na trave. Ele falou: você vai pro gol. Tinha umas coisas muito arbitrárias naquela época, que era não aceitar ter alguém que se destacasse dentro de uma modalidade que teoricamente era vista como masculina, como se a mulher não pudesse praticar.

Quando Suzana voltou da China com a medalha de bronze no peito, seu pai havia perdido o emprego, assim como ela, e o sustento da casa estava a cargo de um dos irmãos que trabalhava como *office boy*. Para representar a Seleção, havia garantido ao pai que tinha uma lei que abonaria suas faltas e, portanto, não perderia a faculdade. No meio de todo esse imbróglio, teve de solicitar o documento da CBF que demorou para enviar, o que lhe causou muito desgaste porque o professor não estava disposto a lhe ajudar. Ela já havia perdido uma prova e só poderia dar sequência no processo avaliativo da disciplina com a carta na mão.

Em julho, a instituição lhe encaminhou um ofício com o seguinte texto: “Somos conhecedoras dos elevados propósitos e espírito patriótico da FACULDADE OSEC DE EDUCAÇÃO FÍSICA e estamos convictos que V.Sas. abonarão as faltas da referida atleta que no período acima mencionado, participava OFICIALMENTE da seleção nacional”. De posse desse documento e com a ajuda de colegas, ela conseguiu fazer as provas e concluir a disciplina.

Aflita com a situação financeira da família, a jogadora se dirigiu à Delegacia de Ensino de sua região com o intuito de solicitar trabalho. Conversou com uma supervisora, explicou sua situação e, para a sua salvação, no dia seguinte recebeu um telefonema informando que haveria uma substituição de 12 aulas em uma escola localizada em Capão Redondo. - Para mim foi um desafio porque era a primeira escola que eu ia dar aula, eu não sabia nem preencher os diários de classe porque não aprendi isso na universidade e contei com o auxílio de colegas da escola.

Em 1991, aos 25 anos, Suzana foi novamente convocada para atuar como lateral da Seleção no período preparatório da I Copa do Mundo. O que deveria ser uma alegria, se tornou um tormento: elas treinavam disputando jogos com equipes de garotos e em um deles, contra um time da categoria infantil, se chocou com o goleiro e acabou levando a pior na dividida. Sofreu uma séria lesão no joelho e necessitaria de uma cirurgia avaliada em aproximadamente 6 mil dólares. Ao invés de ser amparada, a jogadora foi dispensada pela CBF que simplesmente a mandou para casa. Como ela não tinha plano de saúde particular, contou

com a ajuda de amigos do futebol para fazer a operação em um hospital público, um ano depois de se lesionar vestindo a camisa amarela. O mesmo aconteceu durante toda a sua recuperação, pois outra vez foram as amizades que lhe garantiram as condições para que pudesse fazer mais de seis meses de fisioterapia sem qualquer auxílio da entidade gestora do futebol. - Se eu fosse novamente convocada, eu pediria dispensa porque tem uma coisa que para mim é muito séria, alguém que não te dá respaldo, não é confiável e não pode estar comigo. É inadmissível um órgão como a Confederação não cuidar de uma atleta.

Depois da lesão, ela não foi mais convocada para a Seleção, e ao longo de seu tratamento seguiu com sua vida profissional fora dos campos, ministrando aulas em escolas públicas e privadas. No ano de 1997, passou a fazer parte do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), sem deixar de atuar com o futebol de mulheres, seja com as meninas, seja com as adultas.

Com a conquista do quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Atlanta, o cenário do futebol de mulheres parecia ter um novo início. A força da voz de Luciano do Valle e a transmissão de jogos pela Rede Bandeirantes motivaram a Federação Paulista a organizar alguns campeonatos como, por exemplo, o Torneio Início, os Jogos da Primavera e a Paulistana. No mesmo ano que entrou para a CEPEUSP, Suzana foi convidada para integrar o time da universidade que iria disputar essas competições, mais especificamente, a Paulistana de 1997. No entanto, aos 31 anos, na hora de desfrutar desse *boom* da modalidade, quase foi impedida devido a uma regra da competição que permitia apenas duas jogadoras com mais de 24 anos. - A Else e a Nenê, que eram jogadoras de Seleção, já estavam acima da faixa etária permitida. E na hora dos organizadores darem as fichas de inscrição, eles deram para elas e não deram para mim. As meninas universitárias vieram perguntar se eu já tinha entregue a ficha. Eu falei: “eu não recebi a ficha” e elas fizeram um movimento de não entregar a ficha e disseram para os dirigentes do time: “ou vocês inscrevem ela ou a gente não participa”.

Suzana foi importante no desenvolvimento desse grupo e sua experiência dentro dos campos, aliada ao conhecimento que adquiriu na universidade, contribuiu para o aprimoramento técnico da equipe. Ela não era uma exímia dribladora, mas apresentava muita qualidade no passe, era veloz, tinha uma ótima visão de jogo e se destacava no futebol de salão por ter boa mobilidade. Apesar dessas qualidades, ao disputar a Paulistana de 1997, ela decidiu encerrar sua carreira como atleta, pois sofreu uma distensão no glúteo médio que a fez desistir do futebol em nível competitivo. - O meu prazer era jogar. Eu não precisava estar no círculo do futebol para jogar. Eu cresci jogando com os meninos e eu jogava com os meus vizinhos e alunos, então, o prazer de jogar era maior e isso pode ser em qualquer lugar. Você não precisa estar em um clube e nem ser federada para jogar bola.

Suzana nunca pensou em viver do futebol, sabia que nele seria difícil se sustentar financeiramente. As relações que criou dentro do futebol lhe proporcionaram muitas conquistas: o respeito, a consideração, o reconhecimento pelo cuidado que tinha com as colegas, as amizades que fez e que perduram até hoje, ninguém vai tirar dela. - O futebol vai além dos resultados. Hoje as pessoas estão mais preocupadas com resultado e desempenho do que como as relações são construídas dentro dos grupos.

Esse olhar se expande para além do futebol. A importância que atribui às relações entre as pessoas conduz sua vida e seu trabalho no CEPEUSP, lugar onde trabalha há mais de vinte e cinco anos.

A família Alves Cavalheiro

Aos poucos, fora do futebol, Suzana foi conquistando aquilo que almejava. Concluiu seus estudos, passou a trabalhar em uma entidade pública reconhecida, adquiriu estabilidade financeira e respeito na profissão que escolheu exercer. Por sorte do destino, no Projeto Esporte Talento, hoje Prodhe - Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte, no qual atua na USP, conheceu Suzana Valeska Alves, a mulher com a qual realizou

o sonho de construir sua família. Depois de 11 anos juntas, após voltarem de Recife, onde nossa protagonista conheceu a família da companheira, decidiram ter uma filha. Na ocasião, sua sogra teve um problema médico e por precisar se submeter a uma cirurgia foi morar com elas. Esse convívio e o desejo de Dona Áurea de ter uma neta impulsionou a decisão de serem mães. - Nesse momento a gente refletiu sobre por que adiar, pois a gente sempre quis ampliar a nossa família que poderia ser tanto por adoção como por processo de inseminação e a gente acabou optando por fazer a inseminação.

O processo para realização desse sonho foi longo: a escolha da clínica, dos médicos de confiança, o banco de esperma e a escolha do doador, os exames clínicos, o acompanhamento psicológico e o investimento para arcar com todo o procedimento até o nascimento da tão esperada filha que chegou em 2013 para fortalecer ainda mais o amor existente entre essas duas mulheres. - Acredito que a Ágatha veio para me tornar uma pessoa melhor. Nesses quase 9 anos, cada dia tem algo novo para repensar a forma de sentir, agir, valorizar. Porque nós estudamos, aprendemos, desafiamos no dia a dia. A experiência como mãe não se compara a de educadora. É imensurável o amor e o significado desse processo de maternidade. A cada ano tem novas descobertas e novos desafios. Nesses mais de vinte anos de relação com a Su, o projeto de maternidade só fortaleceu nossa relação.

O amor não foi suficiente para que pudessem registrar a filha com o sobrenome das duas mães. Ágatha carrega apenas o sobrenome Alves em sua certidão, o que exemplifica as dificuldades que permeiam a construção de uma família não convencional em uma sociedade heteronormativa. Além do preconceito que incide sobre as pessoas que mantêm relações homoafetivas, as questões legais que garantem direitos a parceiros e dependentes são asseguradas há muito pouco tempo em nosso país. Somente em 2011 o Supremo Tribunal Federal reconheceu por unanimidade a união estável entre casais do mesmo sexo como entidade familiar. O casamento foi assegurado em 2013 quando o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) emitiu a Resolução 175, determinando

que tabeliães e juízes são proibidos de se recusar a registrar o casamento civil e a conversão de união estável em civil entre homossexuais. Por ainda não ser garantido por lei, a permissão dessa união pode ser revogada a qualquer momento, o que revela uma das faces da homofobia.

O nascimento de Ágatha trouxe muitos aprendizados à Suzana, fundamentalmente, em relação às questões que envolvem a diversidade, seja no âmbito familiar e no trabalho, seja no futebol, espaço no qual, muitas vezes, foi julgada e depreciada. Por tanto amar esse esporte e ter orgulho de fazer parte de sua história, um dos momentos mais significativos de sua vida aconteceu em 2015 quando levou a filha, então com 2 anos, ao Museu do Futebol, para visitar a exposição Visibilidade do Futebol Feminino, na qual foi uma das 24 jogadoras homenageadas.

Suzana sabe o valor da memória e da história. Sua dedicação ao futebol se deu também na preservação de um acervo muito significativo que contém informações não apenas de sua carreira, mas do próprio desenvolvimento da modalidade. Generosa como é, faz questão de compartilhar todos os registros que possui, assim como sua própria experiência de modo a evidenciar o árduo caminho que a geração pioneira percorreu para que o futebol se tornasse uma realidade para as mulheres. Tornar essa história visível para sua filha é um dos desejos ainda a realizar. Esperamos que Ágatha reconheça a dignidade e a força de sua mãe e com ela se empodere para trilhar seu próprio caminho.

*Lucia
Feitosa*



A primeira brasileira no calcio italiano (Lucia Feitosa)

O futebol de mulheres, desde que foi regulamentado, vem sofrendo várias mudanças, muitas delas positivas. A transferência de jogadoras brasileiras para atuar em clubes sediados no exterior tem acontecido com mais frequência em decorrência do aumento da visibilidade da modalidade e do surgimento de pessoas que gerenciam a carreira das atletas. Também colaborou para esse novo cenário a estruturação do futebol em muitos países que, por ser mais consolidada, abriu oportunidades de trabalho, gerando uma maior circulação de jogadoras. A meio-campista Maria Lucia Alves Feitosa foi a nossa pioneira na migração para o exterior ao desembarcar no mês de setembro de 1987 na cidade de Trani para jogar na primeira divisão do futebol italiano.

Filha de nordestinos, nasceu na pequena cidade de Triunfo, em Pernambuco, no dia 24 de agosto de 1960. Quando tinha 5 anos, a família se transferiu para São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho e de estudos para os filhos. Seu pai, Anísio, era sapateiro e na capital paulista montou uma fábrica de calçados na qual todos trabalhavam. Lucia, a nona dos dez descendentes do casal, três meninas e sete meninos, quando criança também ajudou na produção dos sapatos executando algumas tarefas que suas pequenas mãos conseguiam realizar.

Na infância, uma de suas brincadeiras preferidas era bater bola com os irmãos na rua, momento no qual se sentia igual a eles. O pai não se incomodava com essa prática, ao contrário da mãe,

Jesuína, que a censurava e não queria que ela se envolvesse com futebol porque entendia que essa era uma atividade de homens. Diferente das irmãs que usavam às escondidas as maquiagens e roupas da mãe, Lucia se divertia na rua com a garotada e frequentemente aparecia com o joelho ralado, suja e suada de tanto correr atrás da redonda. - Quando eu chegava em casa ela me passava o chinelo, mas não tinha jeito, eu gostava. Ela saía e eu ia jogar. A molecada me procurava porque eles achavam que eu jogava muito e eles pediam para minha mãe que me deixasse brincar.

Quando tinha 13 anos, um policial que estava montando uma equipe de meninas percebeu suas capacidades e lhe chamou para integrar o grupo que contava com a presença de sua esposa e duas de suas filhas. Juba, esse era seu nome, foi seu primeiro treinador e durante o período em que estiveram juntos lhe ensinou muitas coisas, inclusive a ter disciplina dentro e fora de campo. Certo dia, ele lhe presenteou com algo que para a pequena futebolista era muito valioso: uma camisa 5, o mesmo número de seu ídolo, Paulo Roberto Falcão. Integrar sua primeira equipe teve um significado muito especial para a garota que um dia pediu à mãe que fizesse uma trança em seu cabelo para que não lhe atrapalhasse a visão enquanto rolava a bola: - No futebol eu me sentia uma líder e uma pessoa importante.

A equipe se chamava ADPM (Associação Desportiva Polícia Militar de São Paulo), reunia mulheres pertencentes ao círculo militar e, até sua extinção, em 1981, disputou muitos campeonatos na capital e arredores. A ADPM, assim como outros times que estavam na ativa antes da regulamentação, foi responsável pelo fortalecimento da identidade de muitas jogadoras, que ao encontrarem outras em campo, sentiam-se pertencentes a esse esporte. Lucia defendeu a equipe por oito anos e dona Jesuína, ao ver a filha atuando ao lado de outras mulheres, passou a olhar para essa prática de forma diferente. Não que a tenha aceitado, mas amenizou o desgosto.

Com a extinção da ADPM, Lucia, por dois anos, vestiu a camisa do Isis Pop, uma equipe criada em 1982 por Newton Ribeiro, proprietário das casas *Relax for Men Brût* que, com o intuito de

disputar o Campeonato Paulista, investiu pesado na contratação de jogadoras. Entretanto, foi no Juventus que a nordestina despontou e conheceu um futebol mais organizado do que havia vivenciado até então: ali se deparou com uma rotina sistemática de treinamentos, participou de competições relevantes, recebia para jogar, pois a equipe tinha patrocínio e percebia que era respeitada pela função que exercia. - Naquela época, a organização era 100%, o Juventus era o time mais organizado em São Paulo. Isso dentro da minha cabeça parecia um sonho, eu me beliscava: Meu Deus, eu estou sonhando! E não, era verdade, tanto que eu fiquei lá três ou quatro anos. Eu fui embora porque eu fui jogar no Rio de Janeiro.

Lucia sonhava em ser uma profissional da bola e mesmo tendo concluído o curso de Administração de Empresas, era no futebol que queria trabalhar, desejo que se fortaleceu quando defendeu a equipe grená. Em 1984, ao disputar um torneio na cidade de São Caetano do Sul, Eurico Lira, presidente do Radar, viu sua competência em campo e a intimou para defender o clube carioca. Surgia ali uma grande oportunidade para viabilizar a tão desejada profissionalização porque o Radar tinha estrutura, nome e projeção. Com aporte financeiro para excursionar por vários estados participando de competições e amistosos, Eurico aproveitava esses momentos para observar novas jogadoras e assim fortalecer ainda mais a sua equipe que agrupava talentos de várias regiões. Naquele tempo, era difícil encontrar um adversário à altura do Radar que, por ter essa distinção, colecionava títulos e ganhava notoriedade ao ponto de, por vezes, ser confundido com a Seleção nacional.

Surpresa e ao mesmo tempo feliz com o convite, Lucia não vacilou, arrumou as malas e deixou São Paulo: - Quando eu me transferi para o Rio de Janeiro foi um pouco difícil me adaptar porque o Rio era cheio de malandragem, de sacanagem e eu pensava não ser do nível do Radar. Quando eu cheguei lá eu pensei: se o Eurico Lira me chamou é porque eu tenho capacidade de estar nesse time. Era um time muito famoso, todas as jogadoras tinham o desejo de estar no Radar. Então eu me senti orgulhosa

porque o presidente veio falar comigo, me quis, porque se ele me chamou era porque eu estava dentro do esquema dele, dentro dos valores que ele queria para o clube dele.

A transferência de Lucia para o Radar fez com que a relação de trabalho com Eurico se transformasse em uma amizade que lhe deu suporte para se adaptar ao jeito carioca de ser e para alçar voos muito mais altos.

Um time de 205 mil dólares

O Radar mantinha sua sede em Copacabana e foi nesse bairro que Lucia se alojou dividindo um apartamento com jogadoras que vinham de outros estados. Essa convivência, além de uni-las como grupo, suscitou uma cumplicidade que se estendia para além do jogo. Eurico morava perto desse alojamento e as jogadoras frequentavam a sua casa em jantares e festas que ele promovia. A região era uma das mais famosas da cidade, reunia muitas casas noturnas e era palco de manifestações artísticas, festas e celebrações. Afora esses encantos, tinha a praia que por si só garantia muito divertimento. Aliás, foi nas areias de Copacabana que o Radar começou a escrever sua história no futebol do nosso país e ficou tão famoso que era desejado por muitas mulheres que vislumbravam ter autonomia financeira jogando futebol.

Eurico Lira era um empresário que tinha muitos contatos, o que fez com que sua equipe fosse convidada para participar de várias competições internacionais. Lucia esteve presente em algumas delas. Chegou ao Rio no segundo semestre de 1984 e, em janeiro de 1985, brilhou no Torneio Internacional de Futebol Feminino realizado na cidade de Cabo Frio. Esse campeonato, pioneiro em termos de participação de clubes do exterior, foi promovido pela Federação de Futebol do Rio de Janeiro com autorização da CBF e da FIFA e contou com a presença das equipes do F.S.V Frankfurt, da Alemanha, do Ajax Soccer Club, dos Estados Unidos, além das seleções do Uruguai, Argentina, Suriname, Chile, Venezuela e Japão. O período preparatório aconteceu na Casa do Marinheiro, no Rio de Janeiro, sob o comando de João Varela.

A estreia brasileira foi um sucesso, uma vitória de 9 a 0 sobre a Argentina, com um gol de Lucia. No segundo jogo, ela garantiu o placar ao marcar o único gol da partida contra a Seleção do Suriname diante de um público de 15 mil pessoas que compareceram no Estádio Correião. Com o sistema de pontos corridos, a equipe terminou a competição em terceiro lugar, pois na final, contra a Alemanha, não alcançou o resultado de três gols de diferença. O empate de 1 a 1 possibilitou que os Estados Unidos ficassem com a segunda colocação.

Em 1984, a equipe se chamava Radar/BRJ em função do patrocínio do banco carioca. No entanto, em 1986, quando participou de várias competições no exterior, tinha outra denominação: Radar/Pão de Açúcar. Segundo reportagens publicadas em jornais, em julho, o time venceu a Copa da Amizade na cidade do México ao enfrentar as seleções do Canadá, da cidade de Guadalajara e do Estado de Jalisco. Depois excursionou por 22 dias pela Europa enfrentando uma maratona de 7 jogos com 4 vitórias, 1 empate e 2 derrotas. Nessa viagem, o Radar/Pão de Açúcar representou o Brasil no Mundialito de Jesolo, na Itália, vencido pelo país anfitrião, tendo os Estados Unidos como vice-campeão e a China em terceiro lugar. Logo depois, o mesmo grupo participou de outro torneio, dessa vez como clube, conquistando o título de campeão do IV Mundialito de Clubes Campeões de Futebol Feminino, realizado na cidade de Tortora, na Itália, com uma vitória de 4 a 1 sobre a equipe do Bayern de Munique. Lucia foi uma das artlheiras da competição, somando 5 gols. Conforme reportagem publicada no Jornal dos Sports no dia 13 de agosto, as jogadoras Pelezinha, Roseli, Cenira, Marcinha e Lucia receberam propostas em torno de 150 mil dólares para se transferir para o futebol italiano. Lucia e mais três brasileiras, Cenira, Pelezinha e Roseli, pelas ótimas atuações, foram escolhidas para integrar a Seleção da competição.

O sucesso do grupo nesse Mundialito originou um novo convite para disputar doze partidas na Alemanha, Suíça e Itália. Além desse giro, também foi chamado para jogar no Japão, China, Caribe e Estados Unidos. Para viajar pela Europa, a equipe

recebeu 24 mil dólares e voltou valorizada pela proposta de grandes times italianos para comprar o passe das brasileiras. Foram ofertados os seguintes valores: Pelezinha, 35 mil dólares, Roseli e Cenira, 30 mil cada, Lucia e Marcinha 20 mil cada, Sidnea, Rosa, Mary, Marisa, Lica, Fanta e Zica, 10 mil cada, totalizando 205 mil dólares.

Foi em Jesolo que surgiu o interesse por parte de um clube italiano em contar com o talento de Lucia em seu plantel. - O Trani foi o time que me viu nesse Mundialito, que eu fui eleita a segunda melhor jogadora. Eu perdi para uma japonesa, a menina era fera, jogava muito, jogava de ponta direita. Aí o time do Trani entrou em contato com o Eurico Lira, eles conversaram entre federações e eu nem sabia de nada. Eu fiquei sabendo depois, quando o Eurico me falou que um clube da Itália queria me levar para lá. Eu tomei um susto, parecia que não era verdade. Parecia que era um sonho. Eu falei: “não é possível, está acontecendo mesmo? É comigo? Sou eu?” Ele disse: é você”. Eu falei: “Quero ir sim, eu vou, eu quero ver no que essa Europa é melhor que o Brasil.

Foi nessa oportunidade que a meio-campista se deparou com seu primeiro contrato de trabalho, pois mesmo tendo recebido para jogar nos times brasileiros, nunca havia assinado um documento que detalhava seus direitos e deveres. Ela não participou das conversas com os dirigentes, nunca soube dos acordos que fizeram nem recebeu nada pela transferência, apesar de seu passe ter sido avaliado em mais de 20 mil dólares, conforme matérias publicadas na imprensa brasileira na época.

A relação de Eurico com as jogadoras, se por um lado era amistosa, por outro ocultava muitos detalhes, especialmente quando se tratava de dinheiro. Apesar de muitas delas o considerarem como um pai, não havia contratos assinados, a maioria recebia pequenos auxílios, uma bagatela para gastos pessoais, favores para familiares ou o pagamento de passeios e diversões nas viagens. Esse dirigente, assim como tantos outros “pais do futebol de mulheres”, não se preocupou com um plano de carreira para suas atletas, nem as incentivou a pensar em alguma profissão depois que pendurassem as chuteiras. A geração pioneira até hoje sofre as consequências desse descaso porque, além de não terem sido direcionadas para a conclusão dos estudos, o futebol

consumia muito do seu tempo garantindo, por menor que fosse, uma ajuda no sustento da família. Muitas delas eram jovens quando foram para as concentrações e abandonaram a escola sem ter maturidade para tomar essa decisão. Por que esses homens que estavam à frente de clubes e entidades gestoras não contribuíram para que elas ampliassem seus conhecimentos fora do campo? Que lucros obtiveram? Será que promoveram o futebol de mulheres ou se autopromoveram ao atuar nele? Não temos respostas para essas questões, apenas a certeza de que perguntas como essas precisam ser formuladas para que possamos entender a história da modalidade. Afinal, por muito tempo vários desses “pais” enxergaram o futebol delas de um modo muito particular e equivocado transformando-o em um terreno fértil para o cultivo de seus interesses pessoais.

Quando a CBF assumiu as rédeas da modalidade, o que deveria ter feito desde a regulamentação, o cenário pouco se alterou. O poder decisório, muitas vezes, estava centrado na figura de um homem que, como a grande maioria dos “pais do futebol de mulheres”, se dedicava à tarefa sem deixar transparecer muitos dos benefícios e favorecimentos que a posição propiciava. Esses “pais” não protegeram suficientemente suas filhas, fato é que poucas conseguiram viver do futebol mesmo quando estavam no ápice de suas carreiras. Apesar disso, algumas dessas figuras ainda são veneradas por determinadas jogadoras que enaltecem seus feitos, demonstrando uma espécie de lealdade, como se aquilo que eles fizeram merecesse um eterno agradecimento. O fato é que, com eles no poder, o futebol permaneceu por muito tempo com uma estruturação precária e o pouco que proviam, para quem não tinha nada, significava muita coisa. Em função disso, atos de insurgência não eram frequentes porque rebelar-se contra a autoridade poderia dar fim à oportunidade de ser jogadora de futebol.

A participação do Brasil no Torneio Internacional da China, em 1988, liderada por Eurico Lira, elucida a relação estabelecida entre a CBF e os “pais do futebol” e deles com as atletas. Nessa competição, ficou evidente a falta de interesse da Confederação em garantir condições adequadas para a nossa Seleção. A

preparação do grupo foi realizada em apenas quarenta dias, as atletas eram responsáveis por lavar as roupas de treino e não tinham alimentação adequada. Na China não foi diferente: muitas passaram mal e não se adaptaram à comida local, não foram disponibilizados medicamentos para as atletas, não havia serviço de tradução e não receberam diárias para subsidiar gastos pessoais. Ou seja, defenderam as cores de nosso país sem que fossem asseguradas as condições adequadas para entrar em campo e enfrentar fortes adversárias. Mesmo assim fizeram bonito e, na raça, conquistaram uma honrosa medalha de bronze.

A participação nesse Torneio foi muito especial para Lucia Feitosa que estava atuando no Trani quando recebeu a convocação para vestir a camisa 18 da Seleção. Foi titular nos cinco jogos que o Brasil disputou, marcando um dos gols da vitória contra a Seleção tailandesa. Como estava há dois anos longe do Brasil, seu maior receio era a receptividade das colegas porque era a única que vinha de um clube do exterior. Os laços criados no Juventus e no Radar, os dois clubes que cederam o maior número de jogadoras para essa Seleção, reacenderam assim que Lucia chegou ao centro de treinamento e encontrou o grupo. - Voltar para o Brasil para mim foi emocionante porque a recepção das meninas quando eu cheguei foi maravilhosa, eu não esperava. Porque no meio de um grupo sempre tem um pouco de inveja e eu estava jogando na Europa. Mas por parte delas não teve nada disso, foi o momento que eu realmente vi a amizade do grupo, de fazer uma competição sem ciúmes sem nada. Isso foi uma coisa que elas demonstraram para mim e que eu guardei no coração.

Em 1991, já atuando pelo Nápoli, foi convocada para a I Copa do Mundo de Futebol Feminino, no entanto, não foi liberada pelo clube para se apresentar porque havia concomitância com jogos na Itália. Esse acontecimento pode ter sido o motivo pelo qual nunca mais foi convocada para a Seleção e por perder o contato com tudo que envolvia o futebol brasileiro: - Fiquei muito triste, magoada porque eu tinha tanto para dar ainda para a Seleção. Eu fui praticamente cancelada.

De Copacabana para Trani

Maria Lucia Alves Feitosa desembarcou no sul da Itália no ano de 1987, abrindo o mercado internacional para a contratação de outras brasileiras como Mariléia dos Santos, a Michael Jackson, Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda, e Isabel Cristina de Araújo Nunes, a Bel, que também atuaram no futebol italiano na década de 1990. Diferente das sucessoras, Lucia permaneceu no país onde reside até hoje.

A viagem para a Europa causou muita preocupação à sua mãe, que a essa altura já convivia melhor com a ideia de a filha jogar futebol: - Quando eu tive a proposta de ir para a Itália, ela se assustou e disse: “filha, você vai para um país onde ninguém te conhece, vai ser difícil para você, como você vai fazer?” Respondi: “mãe, eu vou porque eu tenho que testar minhas capacidades fora do Brasil, porque aqui eu já ganhei tudo, não tenho mais nada para ganhar. Ela falou: “filha, vai e se não der certo volta pra casa que as portas sempre estarão abertas”. Aquilo me deu uma força grande para continuar, porque no início minha mãe era contra.

Dona Jesuína tinha razão, a chegada de Lucia na região de Puglia para atuar no Trani 80 BKV não foi nada fácil, a começar pelo idioma que ela praticamente desconhecia. Diante dessa dificuldade, o clube financiou um curso intensivo de italiano por três meses, cuja professora era uma brasileira, o que contribuiu para a sua ambientação. Viver em Trani foi uma provação para nossa craque: a cidade era pequena e nas noites de inverno nada acontecia. Lucia estava habituada com a agitação de Copacabana e residir em um lugar pacato a deixava triste. - Eu pensava, meu Deus do céu, onde que eu estou? Nos primeiros três meses eu queria voltar para o Brasil, queria ir embora.

O clima foi outro obstáculo que precisou enfrentar. Nordestina acostumada com o sol no ano inteiro, com passagem por São Paulo e Rio de Janeiro, o rigoroso inverno italiano era algo que jogava contra ela, talvez um dos maiores adversários que enfrentou na Itália. Seu corpo sentia a diferença do clima e também da alimentação, o que aumentava a saudade do Brasil:

- Faltava meu arroz com feijão, minha farofa, meus torresmos, me faltava tudo. Eu só comia macarrão e estava ficando doida, não aguentava mais. Aí eu pensei: Se eu vim para cá é porque acreditavam no meu potencial.

Nos primeiros três meses residindo na Itália, a meio-campista chorava praticamente todos os dias. Sua permanência se deu por dois motivos: o suporte afetivo que encontrou em outras mulheres e sua estreia em campo. Antonella Carta, uma reconhecida jogadora italiana, foi sua colega de moradia e Júlia, uma brasileira que tinha casado com um italiano, era com quem conseguia conversar e expressar seus sentimentos.

A primeira vez que jogou pelo Trani ainda permanece em suas lembranças. Nessa época, o clube era muito mais popular na categoria feminina porque as mulheres estavam disputando a série A e os homens a série B. Sua torcida era calorosa, o estádio vivia cheio e as jogadoras eram paradas na rua com pedidos de autógrafa, muito diferente do que vivenciava no Brasil.

Em 1988, Lucia foi para Nápoles e lá viveu outra realidade, sentia-se mais próxima do seu país natal pela vivacidade que via nas ruas e pelo calor do seu povo. Nessa cidade, vestiu a camisa de equipes como Napoli, Turrís, Caserta FC e Pozzuoli, sempre disputando a série A até que, em 1994, foi convidada para atuar na Sardenha, mais especificamente no Flumini di Quartu, que tinha como objetivo subir da série C para a série B do campeonato italiano, intento que foi alcançado com a brasileira vestindo a camisa 10. Antes de encerrar sua carreira em 2001 aos 41 anos, ainda exibiu seu talento nas equipes Delfino Cagliari, ASD Carbonia e Sant'Anna Arresi imprimindo sua marca no *calcio femminile*.

Desde que se apresentou no Trani seu modo de jogar se encaixou com o estilo italiano, baseado em um jogo mais físico, com muita marcação e de elevada qualidade técnica. A brasileira se considerava lenta, mas reconhecia suas qualidades: era habilidosa, ambidestra, responsável pelas bolas paradas e efetiva na finalização marcando muitos gols. – Eu me comparava com o Zico porque eu tinha o mesmo sistema de jogo que ele. Eu gostava mesmo era de dar o último passe para a jogadora fazer gol. Eu era muito forte nisso e no drible. Tecnicamente eu era diferenciada

e não havia ninguém como eu. Eles gostaram muito porque eu aliava a técnica com a força física. O futebol brasileiro é dançado enquanto o italiano se baseia na força física e na determinação.

Apaixonada pela bola, nunca abandonou o campo nem a Itália, concluindo vários cursos com o objetivo de qualificar sua transição para a carreira de treinadora de futebol e futebol de 5. A beleza da Sardenha, banhada pelo Mar Mediterrâneo, conquistou a brasileira que se sentiu acolhida e amparada. Estabeleceu residência em San Sperate, onde atua como massoterapeuta em um spa de luxo, o Forte Village, localizado na costa de Santa Margherita di Pula e como treinadora da equipe de mulheres de futebol de 5 da Associação Arzachena. Ao descrever essas duas ocupações, Lucia relembra das palavras de seu pai: - Filha, com seus pés e suas mãos você pode fazer maravilhas.

Com os pés, sabemos que ela fez história no Brasil e na Europa ao colocar seu talento em campo e trilhar uma carreira exitosa. Com as mãos, hábeis desde criança quando ajudava o pai na sapataria, troca energias com as pessoas que entregam seus corpos para o bem-estar proporcionado por uma massagem. - Quando eu jogava gostava muito de fazer massagem antes de começar o jogo, depois de terminar o jogo. Eu sempre queria massagem, era uma coisa que eu gostava muito, eu via os benefícios para o corpo. Foi aí que eu comecei a me apaixonar, a me interessar, tanto é que a uma amiga que fazia massagens em mim e no time que eu jogava me chamou para fazer cursos e eu comecei a trabalhar no resort há mais de vinte anos.

Morando há mais de três décadas na Itália, a camisa 10 que tanto fez pelo futebol italiano, nunca pensou em se naturalizar, muito menos defender a squadra azzurra. Quando questionada sobre essa possibilidade, foi enfática: - Não, não e não. Deus me livre! Mas que pergunta é essa? Você está biruta?

O reencontro com as brasileiras

Depois que participou do Torneio Experimental, Lucia perdeu o contato com as colegas de clube e de Seleção. Desde que migrou para a Europa seu nome foi uma incógnita para quem buscava

informações sobre a história do futebol de mulheres em nosso país. Depois de muito pesquisar e com o auxílio das redes sociais, a descobrimos em 2021. Esse afastamento, que a tornou invisível, foi muito sentida por ela: - Eu fui praticamente cancelada, fiquei muito triste, muito desiludida, mas tudo bem. Eles quiseram assim e assim foi. O importante é que as pessoas saibam que a Lucia foi uma pioneira e que participou do primeiro torneio internacional. Isso é uma coisa de muito orgulho para mim e para o Brasil.

Se por aqui ela foi silenciada e apagada, na Itália seguiu seu caminho trilhado com muita tenacidade, caráter e paixão. Seu trabalho como técnica de equipes de meninas e mulheres, que desenvolve até hoje, foi permeado por dificuldades. Se o futebol europeu é visto com muito glamour, para as mulheres a situação não é bem assim: - O futebol feminino é muito marginalizado porque as federações aqui da Europa são muito machistas. Isso dificulta as pessoas apaixonadas, as que têm dinheiro e que querem investir. Isso prejudica demais o crescimento do futebol feminino. A Europa não é tudo isso não, as meninas têm dificuldades.

Pela sua dedicação, persistência e pelo o jeito de lidar com as pessoas com as quais trabalha, a “brasileira” foi agraciada com um prêmio “Mulheres na linha de chegada 2021/22” atribuído por uma associação comprometida com a proteção das vítimas de violência. Por ter cruzado o gol e o ultrapassado, Lucia recebeu uma placa comemorativa e o valor simbólico de 500 euros, sendo eleita por um júri que a escolheu como um símbolo de resistência. Em entrevista ao jornal La Nuova declarou: “É uma honra que quero partilhar com todas as mulheres que têm um sonho, uma paixão. Não desista, a linha de chegada está lá esperando por você”.

O reconhecimento de Lucia no Brasil tardou. Em dezembro de 2021, ela voltou à Granja Comary para receber uma homenagem da CBF pela participação no Torneio Experimental de 1988. Na ocasião, reencontrou as colegas de Seleção e de clubes porque o evento também reuniu as jogadoras que representaram o Brasil no primeiro campeonato mundial, em 1991. - Fiquei muito honrada com o convite para ir ao Brasil receber a homenagem. Me emocionei, não esperava algo assim. Acho que todos os sacrifícios

que a gente faz na vida tem uma compensação e o fato de ter encontrado todo mundo de novo e reencontrar todas as pessoas que eu não via, não falava, não ouvia e que não sabia o que estavam fazendo, é uma delas.

Nessa ocasião, a meio-campista pisou novamente no grama da Granja Comary para participar de um jogo comemorativo disputado pelas homenageadas. No campo, parece ter revivido todos os momentos em que vestiu a camisa da Seleção ao lado daquele grupo, pois a felicidade e a satisfação estavam estampadas em seu rosto. Sorridente e emocionada, aproveitou cada segundo para apagar as tristezas do distanciamento, celebrar e recuperar os laços de amizade e agradecer a lembrança. Em uma de suas declarações, ressaltou: - Significa o reconhecimento de todos os sacrifícios que fiz no passado na luta contra o preconceito, a discriminação e a proibição. O meu maior sonho sempre foi me tornar uma jogadora profissional de futebol e tentar a sorte em um esporte tipicamente masculino, principalmente, porque a mulher tem o direito de praticar qualquer esporte desde que goste, seja ele qual for.

Lucia Feitosa, que estava nas sombras de nossa história, reapareceu para colorir as páginas que estavam em branco. Sua representatividade e força foram reconhecidas assim que se reconectou com o futebol brasileiro. Quem teve o privilégio de presenciar esse momento percebeu que os 35 anos de ausência se diluíram em pouco mais que alguns segundos.

Bel



Mais que musa, uma craque (BeL)

A espetacularização do corpo da mulher é recorrente em nossa cultura, basta olharmos as revistas, os filmes, os jornais, a publicidade e os programas de televisão. Imagens de mulheres sorridentes, sensuais, lindas, magras são exibidas e, muitas vezes, associadas a um jeito feminino de ser. No esporte não é diferente. Quando se trata das mulheres, é corriqueiro mencionar sua beleza e feminilidade em detrimento de seu talento, performance e habilidades técnicas. Nessas abordagens importa menos o fato de serem atletas, pois a centralidade está noutro lugar: nomeadas como musas, belas, princesas, meninas e garotas, os comentários incidem mais sobre essas peculiaridades do que sobre suas trajetórias, conquistas e frustrações esportivas.

O futebol, território considerado de propriedade dos homens, quando jogado pelas mulheres agrega outros contornos. No decorrer da história da modalidade são rotineiros os discursos e práticas que, para legitimar a presença delas nos campos, exaltam a beleza das jogadoras, objetificando e sexualizando seus corpos. A organização de partidas entre vedetes, circenses e atrizes, por vezes, foi uma estratégia para burlar a proibição e, por outras, um recurso para realçar uma dada representação de feminilidade. Em 1981, por exemplo, a Rede Globo criou o Soccer Sex Stars, um time formado por atrizes que disputou amistosos em diferentes regiões do país onde, conforme registrou a Revista Placar, “as estrelas ganharam fãs nos estádios com seus calçõezinhos justos, camisetas leves e adoravelmente decotadas”. Títulos como “Musas

do Brasileiro” e “Musas da Copa Feminina” até pouco tempo eram habituais na mídia esportiva que, inspirados nos concursos como Miss Universo e Miss Brasil, condecoravam padrões normativos de beleza e de feminilidade, quase sempre representadas por mulheres brancas. As próprias entidades gestoras do futebol não ficaram isentas a este modo de visibilizar o futebol delas, tentando torná-lo, digamos assim, mais “aceitável”. Em 2015, Marco Aurélio Cunha, coordenador do futebol feminino da CBF, em entrevista a um jornal canadense durante a Copa do Mundo realizada naquele país, declarou: “As mulheres estão ficando mais bonitas, passando maquiagem. Elas vão a campo de uma maneira mais elegante. Futebol feminino costumava copiar o futebol masculino. Até nos modelos de camisa, que eram masculinos. Nós vestíamos as meninas como garotos. Então, faltava o espírito de elegância, de feminilidade. Agora os shorts são mais curtos, os cabelos são bem feitos. Não são mulheres vestidas como homens”.

A valorização de uma representação de feminilidade que enaltece mulheres belas e sensuais não apenas hierarquiza como aniquila outras aparências, sobretudo aquelas que se afastam desse padrão estético. O enaltecimento de um imaginário “futebol de saias”, termo usado na mídia esportiva, não corresponde ao que acontece no campo, pois o jogo é conduzido por mulheres de diferentes raças, etnias, classe social, geração, orientação sexual, religião, capacidade física e gênero. Com base nesses argumentos é que entendemos ser potente a substituição do termo “futebol feminino” por “futebol de mulheres”. Esta designação, além de ressaltar o protagonismo delas, rompe com a lógica binária que associa masculinidade e feminilidade, respectivamente, a corpos de homens e de mulheres.

Admitir o futebol como um espaço no qual as mulheres são sujeitos de direitos pressupõe romper com essa lógica e, conseqüentemente, abrir espaços para a inclusão, a equidade e o respeito. A “feminilização” do futebol de mulheres não pode ser motivo para seu reconhecimento, muito menos quando a intenção é inserir a modalidade na lógica do mercado, visando a atrair patrocínios e mídia, fidelizar torcedores e vender produtos.

Espetacularizar os corpos das jogadoras, ressaltando a graciosidade, a beleza e a sensualidade, ainda que seja um modo de visibilizar a modalidade, não é o mais justo. O futebol delas não existe para agradar o olhar deles nem para despertar desejos. Ele existe porque é potente e é por essa razão que deve ser reverenciado.

Bel, a gaúcha que fez história nas décadas de 1980 e 1990, sofreu na pele o peso dessas representações. Designada como a “musa do futebol feminino” ao longo de sua carreira, foi muito mais visibilizada pela beleza e feminilidade do que pelo seu desempenho em campo. Sua imagem foi usada como um atrativo para divulgar o futebol delas, tanto nos clubes por onde atuou quanto na Seleção Brasileira.

Uma guria boa de bola

Isabel Cristina de Araújo Nunes, a caçula de uma família de três irmãs, nasceu em Porto Alegre no dia 12 de maio de 1966. Seu pai, Aristides, conhecido por Tide, era jogador de futebol amador com quem desde guria desfrutava o prazer de jogar bola. A mãe, Ercília, era madrinha de uma equipe sediada na zona sul da cidade onde seus irmãos jogavam. Bel não recorda exatamente quando foi seu primeiro contato com o futebol, porque sempre esteve nele. Em sua memória, ainda estão vivas as brincadeiras com a bola na lateral do campo do Piriquito, no bairro Vila Nova, onde, usando uma saia estilo cigana, brincava com a redonda enquanto o pai jogava no campo. Lembra do futebol com os primos e com a gurizada da região, cujas travessuras eram reprimidas por um vizinho de seus pais que não gostava que a molecada jogasse em seu jardim e, às vezes, os ameaçava com algo que para eles era um sacrilégio: furar a tão disputada bola. - Eu queria jogar bola com os guris, brincar de correr, fazer coisas de menino. Eu também brincava de boneca, de casinha, tudo que uma menina faz, usava vestido.

Quando tinha 9 anos, outro vizinho, técnico de um time de meninos, ao vê-la jogar, a convidou para participar de sua equipe para disputar um campeonato na categoria dente de leite.

A menina de cabelos compridos e claros aceitou o convite e, para tanto, viveu um momento inusitado: - Cortei o cabelo bem curto, atrás da orelha, e ele me inscreveu com o nome de Mário.

Fominha de bola, aos 12 anos criou com as irmãs e outras meninas uma equipe de futsal para jogar contra uma equipe já formada, o Nonoai Tênis Clube. Como se destacou na quadra, foi convidada pelo técnico Getúlio Fredo para ficar nesse time. - A gente jogava todas as segundas-feiras às 20 horas e em volta da quadra enchia de gente, aquilo era o máximo. Terminava o jogo e eu contava os dias, as horas, os segundos para voltar a segunda de novo.

Bel se sobressaiu nessa equipe: era ágil, tinha domínio de bola e marcava muitos gols. No ano de 1983, com 17 anos, foi para o Pepsi Bola, uma equipe de futebol de campo pela qual, com o uniforme personalizado, viajou de avião para o Rio de Janeiro para jogar contra a forte equipe do Radar nas areias de Copacabana. A experiência ficou marcada pela falta de sensibilidade dos organizadores que agendaram o jogo no horário do almoço em um dia de sol forte e calor de 40 graus. Fora esse desgaste, as gaúchas tiveram que caminhar até o local da partida, não estavam habituadas a atuar na areia e não tinham a mesma frequência de treinos que as cariocas. Resultado: perderam por 4 x 0. Esse grupo formou a base do time do Internacional, criado nesse mesmo ano sob coordenação do treinador Éverton Ávila e de sua esposa, Elisabete Amorim, que também jogava bola e foi responsável por recrutar as atletas do Pepsi Bola. A equipe viajava por várias cidades do interior do Rio Grande do Sul, junto com os meninos da categoria juvenil, intercalando partidas de futebol de campo e de salão, modalidades que se desenvolviam paralelamente naquele período. Os treinos eram realizados no Ginásio do Internacional durante alguns dias da semana e, por vezes, aos sábados, nos campos suplementares do Estádio Beira-Rio.

Pelo Inter, Bel vestiu a camisa 7 por cinco anos, conquistando o tricampeonato estadual e o vice-campeonato brasileiro em 1985. Quando atuava na equipe foi escolhida para assinar uma chuteira personalizada, produzida por uma fábrica de Novo

Hamburgo, considerada a capital nacional do calçado. O material de divulgação dessa honraria, talvez a primeira de uma jogadora no Brasil, mostrava uma fotografia da atleta vestida com a camisa da Seleção no momento em que executava uma bicicleta. - Na parte de baixo do pôster que tinha a minha foto, apareciam as três chuteiras: uma era vermelha com branca, a outra azul com branca e a terceira preta com branca, todas de nylon. Era uma chuteira muito bonitinha e tinha a minha assinatura no lado.

No ano de 1987, o Internacional acabou com sua equipe e, para se manter no futebol, ela e outras jogadoras do grupo fundaram a Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas, um time de futebol de salão, modalidade na qual acumula cinco títulos estaduais. Defendendo essa camisa, Bel fez muitas viagens pelo interior do estado, competindo e fazendo amistosos contra outros times também formados por jogadoras que atuavam no futebol de campo, como o Chimarrão e o Funil, equipes nas quais também atuou.

Em um período no qual os departamentos de futebol de campo dos clubes gaúchos estavam desativados, a equipe das Bruxas conquistou diversos títulos, tanto no futsal como no futebol 7 e *beach soccer*. - Na época, teve um patrocinador que dava uma ajuda de custo para mim, que eu usava uma fitinha na cabeça com o nome da empresa dele.

A atuação de Bel no Internacional e no Bruxas foi acompanhada por outra ícone do futebol gaúcho, Eduarda Marranghelo Luizelli, a Duda. Ambas eram referência no futebol gaúcho, seja pelo talento, seja pela beleza. As matérias jornalísticas do período davam muito destaque à dupla, algumas vezes criando certa rivalidade entre elas. Apesar de Bel ser cinco anos mais velha que Duda, suas carreiras tiveram algumas semelhanças: por vezes, jogaram lado a lado, outras, em equipes adversárias, integraram a primeira Seleção gaúcha, convocada em 1984, atuaram no futebol italiano e juntas vestiram a amarelinha para representar o Brasil em competições oficiais e amistosos. Em 1994, Bel se transferiu para o Torino, onde permaneceu por apenas dois meses. Nas primeiras duas semanas, já encantou os italianos marcando nove gols em jogos amistosos. Nesse país, ainda teve uma rápida passagem pela equipe do Verona.

Quando a equipe do Bruxas acabou, Bel investiu na formação de um novo time de futebol de campo, sediado na cidade de Viamão, denominado Tamoio. Com o auxílio de uma de suas irmãs, a quem atribuiu o cargo de diretora, nossa atacante, além de jogar, exercia funções de gestão na busca de patrocínio para viabilizar passagens, lanches e ajuda de custo para algumas jogadoras. O Tamoio de Viamão fez uma ótima campanha no ano de 1997, conquistando a segunda colocação no Campeonato Gaúcho, cuja final foi disputada contra o Grêmio, que conquistou o título ao vencer com o placar de 3 x 2.

Foi atuando pela equipe do Ítalo Serrano, da cidade de Vacaria, que Bel chegou à Seleção em 1995 para vencer o II Campeonato Sul-Americano realizado na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Sua permanência no seletivo grupo foi bastante desafiadora. A busca por uma vaga entre as 11 era injusta em decorrência das diferenças do nível de estruturação do futebol de mulheres nos Estados. O Rio Grande do Sul ainda engatinhava na modalidade, enquanto o Rio de Janeiro e São Paulo já apresentavam melhores condições, mesmo que a passos lentos. Bel atuava como ponta-direita, era muito habilidosa e não tinha medo de enfrentar a marcação das adversárias. Na Seleção, disputava a titularidade com dois grandes nomes do futebol brasileiro: Roseli e Pretinha. - Elas tinham uma habilidade incrível, mas eu também tinha potencial. Eu entrava muito pouco, o que acontecia? As meninas jogavam mais seguido, treinavam duas vezes por dia, eu treinava três vezes por semana e chegava na Seleção com um nível muito baixo. Eu corria no último pelotão junto com as goleiras, e num desses treinamentos eu cheguei a vomitar naquelas corridas que a gente fazia e tudo isso influenciava. Elas tinham uma vida profissional, elas viviam do futebol, elas treinavam, quer dizer, fisicamente não tinha como competir. Nem isso os caras pensaram.

Além dessas questões, a utilização de sua imagem pelos dirigentes e a exaltação de sua beleza em detrimento de seu talento lhe trouxeram animosidades dentro do grupo. Por diversas vezes era retirada dos treinamentos para atender à mídia, o que

incomodava algumas jogadoras, seja porque era a única a ter esse destaque, seja porque elas queriam a colega em campo. - Não tiro a razão delas porque antes de começar os campeonatos era muita publicidade em cima de mim, tinham fotos minhas no jornal e aquelas jogadoras que jogavam muita bola e que se destacavam não saíam nas reportagens. Às vezes, eu era a capa do jornal e isso incomodava um pouco. Uma vez chegou até mim: “ela fica saindo nas reportagens, mas na hora do vamos ver, ela não tá dentro do campo”.

Mesmo que houvesse algumas discordâncias entre elas, existiam momentos de cumplicidade: riam e se divertiam juntas. Bel tinha um aparelho de fazer massagem facial que circulava entre as colegas e as roupas de crochê que tecia na concentração eram usadas por algumas delas.

Na tentativa de dar ao futebol de mulheres uma imagem que não condizia com a realidade, muitos dirigentes que estiveram à frente da Seleção fomentavam rivalidades dentro do grupo e pareciam não se importar com o ambiente da concentração. Essa postura gerava incômodos em muitas jogadoras, sobretudo naquelas que, como Bel, viviam o futebol como algo prioritário em suas vidas. - Era tudo para mim. Eu passava o dia jogando, desde nova acordava pensando no futebol, dormia pensando em futebol. Eu trocava tudo aquilo por estar no jogo, lutando por uma vaga, isso é uma coisa que doía e que fez falta na minha carreira a nível de Seleção.

O desabafo de Bel se refere a uma especificidade: ela queria ser reconhecida pelo protagonismo no campo e não como a musa, a garota propaganda a quem os dirigentes recorriam para promover a modalidade. Ela sabia que, se estava na Seleção, era porque tinha condições de ocupar aquele espaço e nele disputar posição.

Depois de conquistar o Campeonato Sul-Americano em 1995, a gaúcha foi convocada para integrar o grupo que participou do período preparatório para os Jogos Olímpicos de Atlanta, com o qual permaneceu por quatro meses. Devido às fortes cargas de treinamento, sofreu uma inflamação no púbis que a tirou da competição. Bel continuou atuando no Rio Grande do Sul, onde

jogou até 2001, encerrando sua carreira no Grêmio aos 35 anos. - Eu queria ter um filho e o meu corpo já estava dando sinais. Eu tenho cirurgia na minha coluna em três vértebras, tudo isso consequência de amadorismo. O futebol feminino não tinha dinheiro mesmo para contratar um profissional bom, pegava qualquer um, daí essas consequências.

A trajetória dessa mulher que fez história nos gramados foi um dos destaques da exposição “A conquista do campo: o futebol feminino no Sport Clube Internacional” realizada no ano de 2017 no museu do clube. Em uma vitrine personalizada foram exibidas fotografias, recortes de jornais, sua ficha de atleta, um pôster com dados biográficos, um troféu, a camisa 7 e a chuteira personalizada nas cores vermelho e branco. Bel esteve presente na abertura da exposição, estava emocionada e, como é do seu perfil, esbanjando sorrisos e simpatia.

O talento que foi esquecido pela criação da musa

Bel é dona de seu corpo, uma mulher vaidosa, alegre, divertida, namoradeira, gostava de se encontrar com amigos, de sair para dançar, de frequentar os bares e de beber uma cervejinha. - Foram muitas confusões por causa disso! Nas décadas de 1980 e 1990, quando era “A musa do futebol feminino”, os “pais do futebol” não admitiam tanta liberdade. Não gostavam que as jogadoras namorassem; nas concentrações policiavam qualquer tipo de relação, exerciam pressão psicológica tornando-as vigilantes de si mesmas, ligavam para as famílias delatando questões privadas sem a permissão delas, enfim, se julgavam proprietários de quem dirigiam e, em nome da moral, exerciam seus plenos poderes.

Bel não deixava de fazer o que gostava, e a concentração não era um impedimento para ela. Assim como no campo, arquiteta-va estratégias para superar as fortes marcações e, usando suas habilidades, driblava os vigilantes mesmo temendo represálias. - Eu tinha um pouco de medo do chefão.

A sua vivacidade e alegria era definida como rebeldia e por suas peripécias extracampo chegou a ser comparada com Renato Portaluppi, ídolo dentro do gramado e polêmico fora

deles. Em julho de 1984, a Revista Placar publicou a reportagem “O charme vai a campo”, na qual aparece uma foto sua, vestida com a camisa 7 do Inter, em frente a um espelho, passando batom nos lábios. Diz a matéria: “Se pelo Brasil afora, há inúmeras zagueiras de cara feia o bastante para amedrontar o mais valente dos centroavantes, existem jogadoras e até times de beleza indiscutível. De currículo futebolístico pouco mais de medíocre, o Internacional de Porto Alegre é indiscutivelmente o campeão nacional de beleza. Um campeão com uma estrela ainda mais bela, a ponta-direita Bel, uma camisa 7 tão fominha de bola e dribladora como seu ídolo Renato – de quem, segundo as más línguas, teria herdado também a cabeça fresca. “Só se for porque eu sou muito criança”, justifica bem humorada Isabel Cristina de Araújo Nunes, 18 anos, olhos verdes, cabelos loiros escorridos, pernas lindas, presença exigida pelos promotores em qualquer jogo do Internacional.”

Em 1983, quando foi para o Inter, Bel começou a aparecer com frequência na mídia gaúcha. Ganhou páginas no caderno dominical do Zero Hora, um jornal de grande circulação no Estado, e sua imagem ilustrava reportagens que noticiavam jogos e campeonatos. Quando tinha 17 anos, foi sondada para posar nua na Playboy. Ainda muito jovem, se assustou com o convite e propôs fazer as fotos usando um biquíni de paetê. Doze anos depois, aos 29 anos, mais madura, a atacante não resistiu à nova oferta da revista que lhe pagou um cachê de 32 mil dólares. - Eu fiquei um mês negociando. Cada semana eles me ligavam e queriam me oferecer seis mil dólares. Eu falei para a produtora: “você tiraria sua roupa por esse valor?” A gente ficou negociando até que fechou. Chegando lá muito tímida para fazer as fotos, tirei duas mil para escolherem catorze.

Como no futebol não havia visto tanta grana, esse montante era uma pequena fortuna com a qual comprou um Escort vermelho, presenteou familiares e adquiriu um terreno na Vila Nova, onde construiu uma casa. A capa da edição de julho de 1995 estampava a seguinte chamada: “Gool, tiramos a roupa da Bel, a supercraque do futebol”. O ensaio fotográfico intitulado “A boa de bola – a atacante Bel, da Seleção Feminina, não deixa dúvidas

de que o Brasil é mesmo o país do futebol”, continha as fotos, pequenos textos informando detalhes da sua trajetória esportiva e um pôster que a exibia de corpo inteiro. Na cidade onde residia, a revista rapidamente desapareceu das bancas. - Aqui em Florianópolis teve que vir uma outra remessa porque esgotou. A minha mãe falou: “Eu disse para tu cobrar um real por cada revista que tu ia ganhar mais dinheiro”.

Depois da publicação da revista, a jogadora recebeu convites para participar de desfiles de moda, entrevistas e reportagens de jornais e revistas. Fez comerciais para a televisão e participou dos programas do Serginho Groisman, da Hebe Camargo e do Jô Soares. Bel não foi a primeira atleta a posar para a Playboy, ainda que tenha sido a primeira futebolista. Outras esportistas bem sucedidas já tinham estampado suas páginas e as legendas impressas na capa de cada edição externavam analogias entre a modalidade específica e performance esportiva, erotizando-as. São elas: “Cesta nossa, Hortência nua, uma doce surpresa” (1988), “Atiramos longe a roupa de Sueli dos Santos a recordista sul-americana de dardo” (1988), “Uau! a campeã de natação Ana Alice tira a roupa... e o nosso fôlego” (1995), “A melhor onda deste verão, Dora Bria, a rainha do windsurfe está nua. Toda nua” (1993). Em 1991, foi a vez de “Marta, a exuberante nudez da rainha negra do basquete”, a única cuja imagem não foi a de destaque na capa.

No ano de 2007, outra mulher do futebol avançou o campo de jogo e pousou para a Playboy: “Ana Paula a bandeirinha mais gostosa do mundo”. Diferente de Bel, sua carreira sofreu consequências pela ousadia: foi banida da função, excluída dos órgãos que era filiada e não pôde mais participar de competições oficiais. A justificativa dos setores que comandavam a arbitragem brasileira para o cancelamento da bandeirinha estava assentada em um erro que ela havia cometido em um campeonato nacional, pelo qual já havia sido punida com a suspensão por quinze dias. Fica aqui uma pergunta: quantos árbitros ou auxiliares são cancelados em função de erros como os dela? Teria sido o erro o único motivo para que Ana Paula não pudesse mais atuar em campo?

Bel não foi impedida de jogar, saiu quando quis e porque quis. Dona de si e de suas vontades, a utilização de sua imagem não lhe incomodava. Vaidosa como era, mesmo tímida, gostava de dar entrevistas e de estar nos holofotes. Seu maior desconforto e, de certo modo, sua grande frustração estava relacionada à subvalorização de seu talento, o que interferiu negativamente em sua carreira. Sua história, assim como outras que foram alçadas à categoria de musa, exemplifica o quanto pode ser nefasta a valorização de uma atleta tendo como principal atributo a sua beleza e não sua performance, capacidades e habilidades esportivas. No caso do futebol, explorar a imagem das jogadoras visando a torná-lo mais desejável só faz sentido para quem acredita que esse não é um espaço delas e que sua presença só é permitida se satisfizer os olhos de quem as sexualiza e espetaculariza.

Uma outra imagem no espelho

Enquanto atuava nos campos, Bel tinha preocupações com seu futuro pós-carreira. Estava finalizando a Licenciatura em Educação Física no Instituto Porto Alegre (IPA) quando surgiu a oportunidade de jogar na Itália. Ficou afastada dos estudos por seis anos e assim que teve oportunidade concluiu a sua formação. Nessa transição, teve escolinhas nas quais atuava mais com meninos porque havia poucas garotas no esporte, o que não lhe daria renda. Em 2012, decidiu morar em Florianópolis, onde prestou concurso para ser professora.

Além de jogar futebol, nossa atacante nutria o sonho de ser mãe. Essa foi a razão pela qual deixou os campos aos 35 anos em 2001. No ano seguinte, nasceu seu filho, cujo nome foi sugerido por dona Ercília. - “Quando o Felipão foi penta eu estava grávida e minha mãe deu essa ideia: Se o Brasil for campeão porque que tu não homenageia o Felipão botando o nome do Luiz Felipe? Eu disse Boa ideia mãe!”.

O pai do garoto era fanático pelo Internacional e antes do namoro já tinha visto Bel jogar pelo arquirrival, xingando-a em campo. Contagiado pela paixão dos pais por esse esporte, Luiz

Felipe, quando criança, frequentava as atividades na escolinha da mãe e por um momento até pensou em ser jogador de futebol. Não deu sequência à carreira, mas é apaixonado pelo esporte, assiste aos jogos, torce loucamente pelo Inter e fica ofendido quando relembram da mãe apenas como a musa do futebol.

Em 2015, Bel se deparou com uma notícia devastadora. Estava correndo em uma esteira na academia que frequentava quando sentiu uma forte dor no seio. O diagnóstico veio em seguida: estava com câncer, triplo negativo, dos mais agressivos. O tratamento durou um ano e meio e foi muito severo. - Eu fiquei muito debilitada, parecia um etezinho, eu perdi todos os cabelos do corpo, tive alergia, feridas na boca de não conseguir me alimentar, tinha que colocar comida goela abaixo porque eu precisava ficar forte. Vi uma outra mulher no espelho. Coisas que não desejo para ninguém, mas graças a Deus eu consegui vencer.

Foi uma fase muito complicada, de idas e vindas para o hospital. Como o câncer já estava se espalhando, foi submetida a um esvaziamento axilar, a retirada parcial da mama e sua reconstrução com gordura retirada do abdômen. A segunda etapa do tratamento envolveu um ano de quimioterapia e trinta sessões de radioterapia que cumpriu se deslocando ao hospital sozinha, de moto. - Eu queria ficar na cama, não queria ver televisão nem ler. Não queria fazer nada. Eu só queria ficar quietinha. Eu fui forte também, eu só chorei duas vezes, não dá para se entregar, nesta situação é preciso lutar e ser forte. Acho importante passar esse recado porque a gente tem que fazer o exame de mama todo o ano para depois não ter que sofrer. Quanto mais tarde vem o diagnóstico, mais difícil é de controlar.

A doença que enfrentou reconstruiu seu corpo e seu modo de enxergar a vida. A aparência deixou de ter relevância diante daquilo que não enxergamos e que constituem uma pessoa. Se um dia ela foi policiada pelos mandatários do futebol que frequentemente a julgavam, hoje ela é muito atenta aos seus próprios julgamentos e muito mais empática em relação aos outros. - Eu tenho me corrigido muito sobre isso, de olhar a pessoa pela aparência, aquela barriga ou aquele tamanho, aquele cabelo ou aquilo outro.

Aquela pessoa que está ali na parada do ônibus e que eu vejo quando passo de moto, ela tem muito mais conteúdo do que isto.

Bel, que durante muito tempo esteve na vitrine do futebol, na atualidade trabalha com deficientes visuais na Associação Catarinense para a Integração dos Cegos (Acic), em Florianópolis, onde desenvolve atividades como atletismo, ciclismo, natação, e ping-pong adaptados. - Eu convivo com pessoas que às vezes são invisíveis perante a sociedade e perante a família. Eu aprendo muito com elas e elas me amam porque eu brinco, eu adoro estar com elas e me dedico ao trabalho que faço.

No jogo da vida ela mudou a regra: a atleta que durante sua carreira foi visibilizada mais pela beleza do que pelo talento, ao atuar fora dos campos é reconhecida, admirada e respeitada pelo seu desempenho e por ser quem é. Cego não é quem não a vê, mas quem se recusou a enxergar essa realidade.

*Dilma
Mendes*



*Não sou mulher só em março
nem negra só em novembro
(Dilma Mendes)*

A discussão sobre o racismo tem se tornado mais visível nos últimos anos em função do empoderamento e visibilidade de grupos identitários que têm denunciado esse tipo de crime. No futebol das mulheres esse tema é pouco debatido e durante anos tem passado despercebido, pois sua luta esteve mais pautada em questões relacionadas ao machismo e ao patriarcado, cujas determinações as proibiram de jogar bola. Ainda que imprescindível, essa batalha não é a única e, dada a sua emergência, talvez tenha ofuscado outras como o enfrentamento ao racismo ainda tão presente em nossa sociedade. Quando se fala em raça e futebol quase sempre se fala dos homens, as negras são invisíveis nessa discussão. No futebol delas quase não há denúncias formais de atos racistas nem de injúrias raciais como aconteceu com o goleiro Aranha, o árbitro Márcio Chagas e tantos outros casos no futebol dos homens.

Em uma sociedade que estratifica as pessoas, as mulheres negras são as mais afetadas, são duplamente subvalorizadas, pois não são nem homens e nem brancas. Nossa história não menciona o protagonismo negro, invisibilizando e matando simbolicamente um grupo de pessoas cujas vidas importam.

A Seleção brasileira desde sua primeira convocação contou com muitas jogadoras negras que se destacaram e colocaram o nome do Brasil no topo do futebol mundial. Ainda assim, são

pouco conhecidas e valorizadas por tudo o que fizeram e fazem dentro do esporte, o que revela uma das faces do racismo.

A dona desta história sentiu na pele essa invisibilidade e várias violências direcionadas às mulheres negras, tendo que dizer, a cada dia, que existe como mulher, cidadã e pessoa. Com relação ao racismo, tem um posicionamento bem claro: - A gente precisa sair do processo de coitadismo para poder lutar e transformar. Tudo o que eu faço busco acertar a lua, porque se eu não conseguir, eu já estou entre as estrelas. E isso é muito bacana para eu poder tocar o dia a dia. Porque muitos dias na minha vida eu tive que matar um leão e no outro dia encarar uma floresta inteira e muitas vezes sozinha.

Dilma Maria Mendes nasceu em casa, pelas mãos de uma parteira no dia 18 de novembro de 1963 na cidade de Camaçari, na Bahia. Filha caçula de uma família de cinco homens e duas mulheres, desde pequena gostava de brincar na rua com os irmãos e a molecada que residia próximo à Estação Ferroviária, onde seu pai, Henrique, trabalhava.

Desde pequena ouvia a mãe, Hilda, alertar os irmãos adolescentes para que não corressem na rua nem saíssem sem portar seus documentos. Mesmo sem entender as razões para essa recomendação, percebia que algo perigoso rondava a família e até hoje leva a sério esses conselhos: - Eu não consigo sair sem a minha identidade no bolso porque a gente foi criada a ter documento para provar quem somos porque na nossa palavra ninguém acredita. Eu ouvia muito isso na minha casa e o racismo estava entranhado na minha família pela própria criação de uma sociedade que colocou o dedo em relação a esta questão e estabeleceu o sucesso e a existência aos brancos e nós, pretos, precisamos mostrar o tempo todo que somos humanos porque parece que nós não somos isso. Na minha infância eu vivi isso e tive um pai que sempre me encorajou para tudo.

Filha de um homem negro e de uma mulher branca que a proibia de jogar futebol, a garota encontrava no pai o respaldo necessário para brincar de bola. O futebol era um dos segredos que mantinham e, sem enfrentar a esposa, Seu Henrique dava um

jeito de acobertar a filha: - Meu pai era o cara para mim. Ele era cúmplice mesmo. Quando eu saía para jogar, minha mãe dizia a hora que eu tinha que chegar e ele mexia no relógio para que ela não percebesse que eu tinha chegado bem depois da hora marcada. Para eu saber se estava tudo certo para voltar para casa ele acendia e apagava a luz. Daí eu batia na porta, minha mãe abria e dizia: “até que enfim você chegou”. E quando eu deitava, um monte de irmão dormindo no mesmo quarto, ele pegava no meu dedão como sinal de que já tinha consertado o relógio e eu ia tomar água porque tinha chegado da rua direto para a cama.

Dona Hilda detestava que a filha jogasse futebol e fez de tudo para que ela abandonasse essa prática contando, para tanto, com a cumplicidade do filho mais velho. Foi ele, que a pedido da mãe, amarrou a garota em uma árvore localizada na praça da cidade e a xingou publicamente. Além dessa crueldade, que deixou uma grande marca em sua vida, a mãe não lhe fornecia alimento nas refeições, cobrava um ótimo desempenho na escola, por vezes, lhe batia e quase todos os dias lhe dava muitas tarefas para que não tivesse tempo nem disposição para jogar bola.

Apesar dessa violência, Dilma nunca se afastou do futebol e desenvolveu artimanhas para driblar o preconceito da mãe, que só reconheceu a importância da sua carreira no final da vida, quando exibia as medalhas para os vizinhos e dizia que tinham sido conquistadas pela filha. Pouco antes de falecer, em 1991, Seu Henrique implorou que ela cuidasse da mãe, o que a fez voltar a morar na casa dos pais, onde permaneceu até 2018 quando dona Hilda, ainda lúcida, faleceu aos 96 anos.

Independente das inúmeras situações negativas que viveu na infância por querer jogar bola, muitas das quais estão inscritas em seu corpo e em suas memórias, Dilma, sempre que pode, expressa sua gratidão ao futebol: - Eu tinha duas opções da vida: convencer meus irmãos a brincar de boneca comigo ou eles me convencerem a jogar bola. Então, nesse jogo eu perdi e foi um jogo que eu adorei perder porque minha vida foi voltada justamente para o futebol.

Se o futebol a empoderou e fez dela a mulher que é, não é menos verdadeiro afirmar que sua história fortaleceu o futebol, sobretudo o que acontece na Bahia, onde seu nome é conhecido como sinônimo de luta, perseverança e realização.

A cova que driblou o preconceito

Dilma nunca desistiu de seus sonhos e para realizá-los se transformou em uma grande estrategista, o que a permitiu ultrapassar muitos dos obstáculos que apareceram em seu caminho. Desde criança, sabia que para avançar no jogo da vida, assim como no futebol, só habilidade técnica não seria suficiente; seria necessário ter criatividade para se desvencilhar dos adversários, muitos deles invisíveis. Sua história é marcada pelo enfrentamento e pela resistência ao preconceito e à discriminação, pois o fato de ser mulher, negra, nordestina e pobre cerceou muitas possibilidades, mas jamais a impediu de fazer o que queria. - Eu vim de um lugar que é da quebrada, onde para sobreviver é uma loucura, é o tempo todo lutando para estar viva.

Sua vontade de jogar bola em um tempo no qual o futebol era proibido para as mulheres fez com que, aos 13 anos, criasse um time que inicialmente vislumbrou sendo composto apenas por meninas. Na escola e nos arredores de sua casa, passou uma lista para ver se havia interessadas e, por ter um número satisfatório, combinou um local e horário para a primeira reunião. No entanto, apenas quatro garotas compareceram e para dar continuidade ao projeto convidou meninos para completar o time, o qual deu o nome de Leed's Camaçari. Como não tinha adversário, o grupo treinava em um campo de barro localizado próximo do colégio que estudava e, por vezes, na quadra dessa instituição. Dilma queria participar de um time de futebol e, além de jogar com o grupo, inventava modos de se aprimorar sozinha. - Eu treinava dentro de casa, escondida, para me sobressair quando chegasse no jogo dos meninos e ser escolhida porque até então eu não era escolhida, eu não podia jogar. Eu ia para a beira do campo e era a gandula. Eles jogavam a bola e ia buscar e demorava um tempo

porque vinha fazendo uma embaixada, algum gesto para dizer que eu jogava futebol e quando um deles saía para beber água, eu entrava para jogar.

No fim da década de 1970, ela já percebia o racismo, pois junto com ela tinha uma menina branca que jogava futebol e que não era interpelada pelas autoridades. - A polícia só ia na minha direção, dizia você é moleque-macho, não pode jogar futebol. Eu pensava, por que ele não vai também a ela? Só a mim? Eu não entendia por que era proibida de jogar, pois geralmente quando tem a polícia atrás da gente é porque fez coisa errada. E essa perseguição da polícia nas áreas onde eu jogava fez com que eu criasse as estratégias para seguir jogando.

Uma delas, bastante inusitada e triste, surgiu quando fazia o catecismo. Durante o intervalo de um dos encontros, sem querer chutou a bola para dentro de uma sala e ao buscá-la se deparou com uma imagem que jamais esqueceu: - A bola foi parar dentro de um caixão onde estava sendo velada uma pessoa e quando eu fui pegar estava todo mundo me olhando porque ficou muito feio. Mas ali eu vi que ninguém estava vendo o morto e na hora pensei que se eu cavasse um buraco para me esconder da polícia, eu estaria como aquela pessoa morta e ninguém ia me ver. Daí cavei a cova ao lado do campo, peguei galhos e folhas secas e deixei perto. Eu pagava um geladinho para os meninos avisar quando a polícia chegava e quando ia embora e eu corria para me esconder na cova. Ali eu morria e renascia. Me fingir de morta foi a saída para conseguir jogar. Eles não conseguiam me ver, eu saía de lá e fazia muitos gols. Eu renascia com mais força.

Por mais que o preconceito a atingisse, ela não se intimidava, ao contrário, transformava o sofrimento em força. Era como se fosse impulsionada a fazer mais e melhor. O propósito de montar uma equipe de futebol seguia firme e com esse objetivo em mente ia para o estacionamento da Câmara de Vereadores onde lavava os carros dos políticos visando a arrecadar o dinheiro necessário para comprar uma bola. - É tradicional que o dono da bola manda no jogo, então, os meninos tinham que me deixar jogar porque eu era a dona da bola. Depois que montei esse time de futsal, eu

comecei a trabalhar para conseguir patrocínio e para isso tive que dizer que era para um time de basquete da escola. Era muito engraçado e eu tenho a camisa até hoje porque nós jogávamos futebol com ela, escrito basquete nas costas acima do número.

Depois de jogar com esse grupo, Dilma se transferiu para o Ypiranga, com sede em Salvador, onde atuou por quatro anos. O time era composto por 99% de mulheres negras que moravam em bairros periféricos da capital nos quais havia poucas pessoas brancas. Ao integrar esse grupo, percebeu que o preconceito com o qual se deparava cotidianamente não se dava apenas por ser mulher, mas incluía também a questão racial, mesmo no futebol, pois em alguns clubes foram proibidas de jogar e em outros não podiam acessar suas dependências pelo portão principal. - Eu passei a entender que a gente era proibida de jogar porque tinha a pele negra, o cabelo crespo, algumas conseguiram vencer isso pela qualidade que jogavam. Eu tive essa condição porque sempre joguei com os meninos, com os homens e aguentei o rojão deles baterem em mim. Eu tive um lugar ao sol porque jogava bem.

Diante dessa discriminação, para conseguir jogar nos clubes elitizados, em algumas ocasiões, ela tentava descaracterizar sua negritude passando no rosto um pó que sua irmã utilizava com fins estéticos. Era como se precisasse apagar a sua identidade para ser admitida naqueles ambientes. - Na época eu me vi não sendo negra para poder jogar. E eu pensava, será que sou covarde? Porque eu vejo os racistas como pessoas covardes e continuam sendo.

Resiliente, a baiana não deixou seu desejo esmorecer. Em Camaçari, criou sua equipe, que denominou de Laad's, e com vistas a disputar competições, organizou um campeonato municipal. Mas essas iniciativas não satisfaziam suas vontades. Ela queria alçar voos mais altos e para isso tinha consciência de que o estudo era fundamental, razão pela qual se dividia entre Camaçari e Salvador, onde deu sequência à sua formação. - Eu tinha o entendimento de que só iria conseguir alguma coisa se estudasse. Meu pai dizia: "o que você quer não vai ser fácil, você não vai conseguir se não estudar".

Animada com a ideia e imaginando que a faculdade a afastaria do futebol, sua mãe pagou a inscrição para que cursasse Ciências Contábeis ou Medicina, mas ela, por não se identificar com essas áreas, optou por Educação Física. Quando foi divulgada a lista das pessoas aprovadas no vestibular, dona Hilda ficou furiosa e disse que não a deixaria fazer a faculdade, mesmo sendo a única da família a dar continuidade nos estudos. Nessa época, Dilma tinha 18 anos, residia em Camaçari, jogava no Ypiranga em Salvador, trabalhava para se sustentar e ainda estudava. Por várias vezes teve que ficar na rodoviária da capital porque tinha perdido o último ônibus que a levaria para casa e, como não era permitido dormir no local, passava a noite em claro esperando o amanhecer. Essa dificuldade, que se estendia a quem quisesse estudar em Salvador, a mobilizou para reivindicar junto ao poder público de Camaçari um ônibus específico que os conduzisse à capital. - Fiz uma revolução até conseguir o transporte e o bicho pegava porque às vezes o ônibus ia, outras não. Às vezes, era muito velho e a gente levava guarda-chuva porque se chovesse era mais chuva dentro do ônibus do que de fora. Mas conseguimos!

Os problemas financeiros e a falta de estabilidade foram as razões pelas quais prestou concurso para o cargo de assistente administrativo na Prefeitura Municipal de Camaçari, onde foi designada para assumir a função de “office boy”. Acostumada a não ser vista e a relutar para que fosse reconhecida como cidadã e mulher, ela contestou imediatamente essa denominação indicando que a chamassem de “office girl”. Incomodou tanto que logo passou a ser referenciada como mensageira.

Como vivia entre Camaçari e Salvador, Dilma começou a jogar futsal em um time formado por jogadoras das duas cidades e que tinham em comum a vontade de participar de competições. Com interesse em obter patrocínio para times de homens, Caruru, um dirigente da Federação Baiana, quando soube que a equipe do Euroexport de São Paulo tinha verba para manter equipes, sugeriu a esse grupo que se associasse ao clube. Essa sugestão dividiu as jogadoras porque a proposta da parceria das baianas com o clube paulista seria efetivada via o Esporte Clube Bahia que

nunca havia manifestado qualquer apoio ao futebol delas. Dilma se recusou a fazer parte dessa associação, pois entendia que seria uma forma de privilegiar um clube que não tinha outro interesse senão obter verba para fortalecer o futebol dos homens. Foi assim que se formou, em 1991, o Euroexport Campomar Bahia que, por ironia do destino, jogou a final da Taça Brasil que aconteceu em Salvador, contra o Euroexport São Paulo. Nesse dia, mais uma vez, o poder deles tentou aterrorizar as mulheres, pois o dirigente da equipe paulista se dirigiu ao vestiário das baianas e as ameaçou de extinguir o patrocínio do time caso conquistassem o título. - Aí criou aquele climão poucos minutos antes do jogo. E fui para cima dele e disse: “Nunca tivemos nada e a gente não vai entrar para a história por covardia, ficar marcada porque aceitou um negócio desses. É melhor ficar com fome, mas isso a gente dá um jeito de resolver”. E foi sangue no olho. Ganhamos por 2 gols, um de Formiga e foi a primeira vez que ela pode jogar porque era muito novinha. Vencemos, fomos comemorar e eles me deram 30 dias para entregar o apartamento no qual eu alojava parte das jogadoras.

Para garantir a continuidade do grupo, Dilma chamou para si a responsabilidade de manter essas mulheres jogando, o que a fez arrumar outro emprego e, muitas vezes, até deixar de comer para que as parceiras pudessem se alimentar. Vale uma ressalva: ela também jogava e, como várias atletas do Euroexport Campomar, integrou a primeira seleção baiana, convocada em 1994, para participar de um campeonato entre seleções estaduais cuja fase final aconteceu em Campos do Jordão, em São Paulo. O sucesso da equipe, que conquistou a segunda colocação, chamou a atenção de Romeu Castro, dirigente do Saad, que convidou as jogadoras para fazer parte de seu time. - Ele fez um convite à Federação Baiana através da Federação de Mato Grosso do Sul porque tinha contato lá e o seu Everaldo, que era chefe de departamento na nossa Federação e também sócio majoritário do Campomar, me chamou para conversar. Ele veio até mim e disse que tinha um cara de São Paulo que queria nos levar para jogar e foi assim que nosso grupo chegou lá. Aliás, ninguém conta essa história

no futebol brasileiro. Nós entramos no avião com o time pronto, o Euroexport Campomar e ao desembarcar em São Paulo só vestimos a camisa azul do Saad que em 1996 foi campeão brasileiro.

A partir desse momento, algumas jogadoras permaneceram no Saad, mas esse não foi o seu caso, pois era funcionária pública concursada na Prefeitura de Camaçari e não pretendia largar o emprego porque sabia que não conseguiria viver do futebol. Para manter o time de mulheres, além de atuar dentro das quatro linhas, trabalhava como treinadora das equipes de meninos do Campomar, nas categorias juvenil, infantil, fraldinha, mirim e pré-mirim.

Sua última competição como atleta aconteceu em Capão da Canoa, no Rio Grande do Sul, no ano de 1995, vestindo a camisa do Euroexport Campomar. A baiana de Camaçari estava com 32 anos, seu corpo acumulava lesões e já não tinha o mesmo desempenho. Na disputa da final, Dilma já tinha decidido que seria sua última participação no campo e, ciente de que Ademar Fonseca Nogueira Júnior, o Dema, o treinador da Seleção estaria no campeonato, percebeu que seria a chance de Formiga ser vista em ação. No meio da partida, se jogou no chão como se tivesse se machucado, abrindo espaço para a jogadora, então com 16 anos, participar do jogo. Dilma tinha uma relação muito próxima com Formiga, foi ela quem a descobriu e a lapidou. - Eu sabia que Dema precisava ver ela jogar porque todo mundo já estava falando nela e em alguns jogos eu saía para ela entrar. Mas ali era crucial ela jogar. Ai ela entrou e acabou com a defesa do Vasco, era magrinha, corria muito e naquele campeonato ela foi considerada a atleta revelação. Foi praticamente seu jogo de estreia e já não voltou para a Bahia. Só foi lá para resolver umas coisas com a escola, com a mãe e foi direto para o Saad.

Ao deixar os gramados como jogadora, Dilma se dedicou a outras tarefas no futebol exercendo múltiplas funções: foi treinadora, gestora, dirigente de equipes, supervisora, gerente operacional, roupeira, enfim, fazia de tudo um pouco. Não protelava tarefas e executava o que fosse necessário para fazer com que esse esporte acontecesse e se democratizasse, sobretudo para

as mulheres. Por um tempo atuou como treinadora de equipes de futsal e de campo de homens e de mulheres em diferentes categorias até que, em 1999, assumiu de modo mais efetivo a função de treinadora, no caso, de uma equipe de futsal de homens com a qual conquistou a segunda colocação no campeonato estadual e ganhou o título de melhor treinadora, que inclusive contesta porque no certificado está registrado “melhor treinador”. O impacto dessas conquistas lhe deu notoriedade na região e, comprometida com o futebol delas, percebeu que poderia usar essa projeção para fortalecer a modalidade. - Eu comecei a ver que essa repercussão no masculino poderia trazer benefícios para o feminino. Eu consegui espaço para as meninas treinarem em Camaçari e vi que poderia ajudar, gostei daquilo e entrei de cabeça.

Uma gigante à beira do campo

Apesar de ter iniciado sua experiência como assistente técnica e treinadora antes dos 20 anos, Dilma se consolidou na função ao assumir o comando de equipe de homens. Para treiná-los, a estratégia usada para que fosse respeitada e aceita no cargo era mostrar que sabia jogar bola, que executava com qualidade todos os fundamentos e que tinha conhecimento teórico. Nada em sua vida chegou de maneira fácil, inclusive sua dedicação aos estudos, que percorreu de forma autodidata, pois sabia que o conhecimento lhe daria segurança para enfrentar todos os impedimentos que lhe eram impostos, sobretudo por ser uma mulher, negra e pequena, com um metro e meio de ousadia: - Estudar é sempre o caminho, porque as portas se abrem. Mas se não abrirem, a gente dá uma voadora nelas.

Ao longo de sua carreira como treinadora, Dilma foi resiliente, audaciosa e corajosa sem deixar passar batido as hostilidades e violências que sofreu ao percorrer esse caminho. Do seu jeito, com sutileza e sagacidade, enfrentou uma a uma. Vencida a desconfiança que percebia nos atletas que estavam sob seu comando, o outro desafio que se defrontou foi o de ser reconhecida e respeitada pelos homens que exerciam a mesma função. - No início, os

bastidores foram os piores possíveis porque eu ia cumprimentar o treinador antes do jogo e ele me cumprimentava. Mas se eu ganhasse o jogo e ia cumprimentar, eles me davam as costas, eram mal educados comigo. Eu ia para a arbitral e quando chegava lá tinha 20 homens e eu era a única mulher e a organização perguntava: “Cadê o treinador da Bahia?”. Era sempre assim e eu me esquivava da forma que eles mereciam porque acho que é assim que a gente tem que fazer e dizia: “eu acho que ele está vindo, eu vim aqui para substituir ele”.

O descaso era tão grande que em um determinado campeonato durante o reconhecimento do gramado pelas equipes participantes, Dilma presenciou o treino completo de um adversário que não se sentiu ameaçado pela sua aparição no estádio, ignorou sua presença como treinadora e subestimou suas capacidades. Essa indiferença teve o resultado que merecia, pois, no decorrer da competição, as equipes se enfrentaram e Dilma, de forma inteligente, recorreu novamente às suas estratégias: - E é lógico que eu agradei a burrice dele e ganhamos o jogo porque eu fiz as jogadas que ele fez. Eu pensava: ele vai fazer essa jogada contra mim, mas será que ele sabe marcar a jogada que ele mesmo inventou? E a gente ganhou fazendo um gol com a jogada que era dele!

Seu modo peculiar de lidar com as violências e agressões descortinava verdades pré-estabelecidas, pois, com sutileza e competência, ela tornava evidente o quanto eles estavam errados em seus julgamentos. Não era de seu perfil revidar com agressividade e truculência, ao contrário, ela buscava por meio do conhecimento desconstruir preconceitos culturalmente enraizados nos ambientes dominados pelos homens. - Tudo sempre foi estratégico para mim. A pior forma de covardia é testar o poder da fraqueza do outro.

Sua presença no futebol deles envolveu muitas batalhas, inclusive dentro de suas equipes. Certa ocasião, utilizando seu conhecimento como escudo, foi vitoriosa em uma situação incommon ao tentar fazer a substituição de um jogador de seu time que se recusou a sair. - O atleta era fortão e pensei: como eu vou tirar esse cara? Aí eu informei ao mesário que ele não atendeu à

minha ordem e solicitei que lhe desse um cartão vermelho porque como treinadora eu tenho esse direito, isso consta no regulamento. Depois do jogo, o árbitro veio conversar comigo e disse que ele não sabia que isso era possível. E era!

Pelos times que dirigiu, Dilma acumulou muitos títulos e alguns deles merecem destaque porque aconteceram em espaços ocupados eminentemente por homens como, por exemplo, Campeã de Futsal das Olimpíadas da Polícia Federal da Bahia, Campeã do Campeonato Interno do Tribunal Regional Eleitoral de Salvador, Campeã da Copa Nordeste 2022 de Futebol 7, entre outros. Em nível individual coleciona honrarias. Foi premiada 4 vezes como a Melhor Treinadora do Estado da Bahia pela Emissora Brasil, 3 vezes pela Superintendência de Desportos do Estado da Bahia (SUDESB) e, em 2020, como a Melhor Treinadora das Américas pela Federação Internacional de Futebol 7.

Sua carreira exitosa à frente de equipes resultou no convite para assumir, em 2019, a Seleção de Mulheres do Futebol 7 Brasil, o qual aceitou por identificar nessa modalidade um tratamento igualitário entre as seleções de homens e de mulheres. Outra vez a mulher negra e nordestina se agigantou ao ocupar de modo inédito esse cargo fazendo história ao se tornar Tricampeã da Copa América (Rio de Janeiro, 2019, Belo Horizonte, 2020 e Buenos Aires Argentina, 2022) Campeã da Copa das Nações (Espanha, 2020), Campeã Mundial (Itália, 2020) e Vice-Campeã Mundial (Rio de Janeiro, 2021).

O sucesso de Dilma é extremamente importante não somente para o esporte brasileiro, mas pela representatividade que carrega por ser uma mulher negra, nordestina e oriunda de uma classe de pouco poder aquisitivo. Ela tem plena consciência do quanto isso é significativo em uma sociedade misógina e racista como a nossa, seja porque venceu o combate à indiferença e o descrédito, seja porque sua história pode inspirar a luta de outras mulheres. Sobre a participação das negras no esporte, apresenta uma opinião bem formada: - Eu acho que falta oportunidade porque conhecimento e sabedoria nós temos. A sociedade não acredita na mulher negra. Ponto! Se der oportunidade eu garanto que a gente

agarra com uma competência e com um desenvolvimento igual ou melhor. Eu acho que todos estes títulos que eu conquistei, principalmente o de campeã mundial e de tricampeã das Américas é para dizer às pretas, às negras que é possível sonhar. Eu sonhei muito em ouvir um hino nacional como atleta e não consegui. Eu fui ouvir o hino nacional como treinadora.

A injúria racial, que vivenciei em várias situações de sua vida, nunca a intimidou e do seu modo, todas as vezes que a identificou, reagiu. Em um campeonato oficial, por exemplo, percebeu que uma mulher branca que estava assistindo aos jogos a chamava de macaca e, aos gritos dizia que ela não deveria estar ali. - Eu entrei no campo e disse para os árbitros: ou tira ela de lá ou não tem mais jogo porque eu não quero que ela assista o meu jogo.

Essa é Dilma Maria Mendes, a mulher que não se deixa abater pela discriminação e pela injustiça, mesmo sofrendo a cada episódio de violência. Sua empatia para com os grupos minoritários a fortalece e a estimula, pois desde criança sentiu o peso da opressão. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais é treinadora da Seleção de Amputados de Futebol de 7 e da Seleção de Surdos de Futsal em Camaçari, além de continuar à frente da Seleção Brasileira de Mulheres de Futebol 7. A importância que atribui às relações humanas tem direcionado sua trajetória e nas equipes com as quais trabalhou sempre expressou sua preocupação com a formação das pessoas e com os estudos, porque sabe o quanto ter conhecimento fez diferença em sua vida. Mais do que conquistar títulos, ela tem procurado estabelecer conexões com as jogadoras e os jogadores, priorizando a ética e o empoderamento de quem está sob sua liderança. Em relação ao futebol de mulheres, um dos desejos que a move é ver mais mulheres no comando de equipes e defende, sempre que pode, o protagonismo delas nessa função. - Respeito todos os treinadores, mas tenho lutado para que a pessoa que venha me substituir na Seleção seja uma treinadora. Por que não? Onde está escrito que não pode ser? A gente precisa estar o tempo todo falando, lutando e transformando.

A briga é por um dia, a luta é a vida toda

Em 2020, Dilma assumiu mais uma função, a de gestora, ao tornar-se a Secretária de Esportes, Lazer e Juventude da Prefeitura de Camaçari, cargo que até então foi ocupado apenas por homens, todos brancos. - No momento do convite o Prefeito me fez uma pergunta: “Você está pronta?” Respondi: Lógico! Eu tenho medo, mas o medo não pode ser confundido como covardia.

Essa nova experiência também exigiu a criação de estratégias para aniquilar os preconceitos e violências. Ao circular nos lugares que o cargo demandava, em muitas situações, foi barrada porque as pessoas não acreditavam que ela estava nessa posição, não reconheciam nela a autoridade do cargo. - Então mandei fazer um crachá e entro com ele em todos os locais que vou. Não preciso dizer que é Dilma Secretária. Eu sou Dilma Mendes, e antes de ser Dilma Mendes sou Dilma Maria. Eu sou mais uma Maria que precisa repetir o tempo todo, que o lugar é a gente que escolhe estar. Escolha, mas não escolha qualquer coisa.

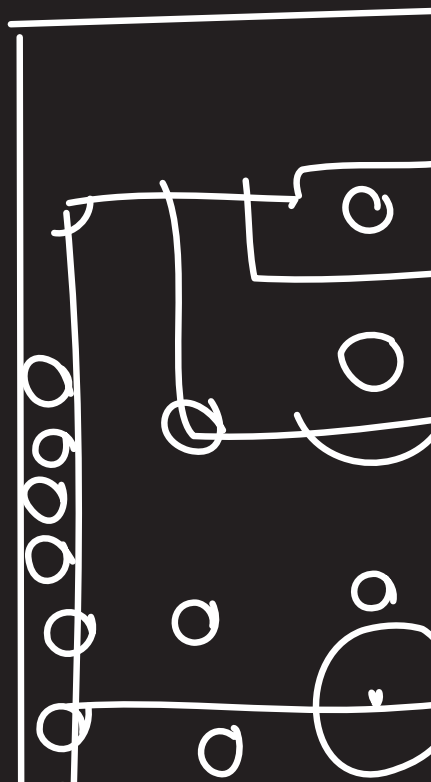
Esse pensamento tem orientado o trabalho que desenvolve na formulação e implementação de políticas públicas de esporte e lazer. Baseada na sua experiência com o futebol, tem realizado ações voltadas para a ampliação de oportunidades para meninas e mulheres no esporte envolvendo escolinhas esportivas e competições. Por reconhecer a importância das pioneiras, criou uma comissão de ex-atletas, cuja atuação está voltada para o desenvolvimento da modalidade que inclui a organização de encontros e seminários. Recentemente essa comissão produziu uma carta de intenções que foi encaminhada à Assembleia Legislativa do Estado, à SUDESB e à Federação Baiana de Futebol solicitando que as mais de 60 ligas filiadas à Federação tenham um departamento feminino, que ele seja composto por, pelo menos, 50% de mulheres e que organizem uma competição para a categoria de base e outra para a adulta.

Essas ações têm como objetivo diminuir as desigualdades de gênero que atravessam o futebol no país, responsabilidade que não se exime de atribuir ao cargo que ocupa: - Implementar

políticas públicas não pode ser só para obter um selo de responsabilidade. Tem que ter ações e acompanhamento dessas ações. As mudanças precisam ser feitas, não tem o tempo dentro de serem feitas, mas precisam ser feitas.

Ao nos aproximarmos de Dilma e conhecermos a sua história, carinhosamente lhe atribuímos o título de “a gigante”, por entendermos que sintetiza a mulher que é: uma fonte de inspiração com a qual aprendemos muito a cada dia. O término desse texto não poderia ser outro senão ressaltando sua própria narrativa, caracterizada por falas potentes e impactantes que nos tira da zona de conforto, nos instiga a olhar para o coletivo e a lutar por uma sociedade mais humana. - Várias vezes eu morri, mas eu consegui no outro dia levantar e dizer para os covardes que a gente está seguindo. Eles seguem covardes e eu sigo renascendo.

Helena
Pacheco



*Euforia é uma sensação
que só quem ganha sabe
(Helena Pacheco)*

O futebol, desde o seu início, foi um esporte pelo qual as mulheres tiveram que lutar para pertencer e resistir para permanecer. Se as jogadoras foram oficialmente impedidas de entrar em campo porque essa prática era considerada “incompatível com a sua natureza”, as mulheres que pretendiam atuar fora das quatro linhas se depararam com um cenário devastador. Treinadoras, gestoras, supervisoras, preparadoras físicas e árbitras, por exemplo, enfrentaram muitas provações para atuar nessas funções porque, além de não serem incentivadas a ocupar esses cargos, tiveram que transpor uma série de barreiras, a maioria delas invisíveis.

Ainda que hoje as mulheres tenham mais representatividade nessas profissões, vale lembrar que isso aconteceu porque algumas desbravaram caminhos, motivadas pelo amor que nutriam pelo esporte e pelo desejo de fazer diferente do que vivenciaram em campo. Para tanto, travaram muitos duelos, o primeiro deles na busca pelo conhecimento: na universidade, não podiam cursar a disciplina de futebol que, por muito tempo, foi ofertada somente para os homens; eram pouquíssimas mulheres nos cursos de formação específica e a todo momento tinham que provar que entendiam de futebol. Passada a etapa da formação, o adversário era outro: a inserção nos clubes e instituições, que raramente contratavam mulheres, e a exigência de um ótimo desempenho.

Ao ocuparem espaços tidos como de propriedade deles, a cobrança que incidia sobre elas era muito mais rigorosa.

O cargo de treinadora, exercido por Helena Pacheco, a protagonista desta história, vem gradativamente se tornando mais acessível para elas, não porque tenha sido concedido por quem gerencia a modalidade, mas pela ação das próprias mulheres que, ao se sentirem capacitadas, têm brigado para assumir a função. Não é de hoje que elas estão à frente de equipes tanto de homens quanto de mulheres, em sua grande maioria, trabalhando na várzea, nas escolinhas esportivas, nas categorias de base, na educação física escolar e no esporte universitário. As que alcançaram o esporte de rendimento, e mais especificamente o clubístico, atuam quase que exclusivamente em times de mulheres e, mesmo assim, em um número muito menor que os homens. Quadro este que se torna mais desolador se pensarmos que ainda está longe do horizonte a esperança de termos mulheres no comando de equipes de homens, mesmo quando reúnem todas as condições para tal.

O fato de visualizarmos mais treinadoras no futebol nacional e internacional não significa que sejam equânimes as oportunidades. Na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, realizada na França, das 24 Seleções participantes, 9 eram comandadas por mulheres: França, Alemanha, Japão, Itália, Escócia, Holanda, Tailândia, África do Sul e EUA. Na primeira edição dessa competição, que aconteceu na China em 1991, houve apenas 1 mulher no cargo, Gunilla Paijkull, que já tinha comandado a equipe sueca no Torneio Experimental de 1988. No Campeonato Sul-Americano de 2022, realizado na Colômbia, dos 10 países participantes, 4 tinham mulheres à frente da Seleção: Pia Sundhage, do Brasil, Pamela Conti, da Venezuela, Rosana Itati Gomes, da Bolívia, e a brasileira Emily Lima, do Equador. Nesse mesmo ano, a série A do Campeonato Brasileiro contou com a presença de 5 treinadoras entre os 16 times que disputaram a competição.

Em termos de títulos, há que mencionar algumas conquistas: em 2019, Tatiele Silveira venceu o Campeonato Brasileiro liderando a equipe do Ferroviária. No ano seguinte, Lindsay Camila foi a primeira mulher a conquistar a Copa Libertadores da América,

também com o Ferroviária e, em 2021, Simone Jatobá se tornou a primeira campeã Sul-Americana no comando de uma Seleção, no caso a sub-17 do Brasil.

Nossa entidade máxima do futebol, a CBF, tardou em contratar uma mulher para estar à frente das Seleções. Emily Lima, a única mulher a vencer o Campeonato Paulista que já tem mais de vinte edições, assumiu as categorias sub-15 e sub-17 nos anos de 2013 e 2014. Foi a primeira mulher a comandar a Seleção principal, onde permaneceu por apenas dez meses entre novembro de 2016 e setembro de 2017. Em julho de 2019, a sueca Pia Sundhage foi apresentada para assumir o grupo que, em 2022, conquistou o oitavo título Sul-Americano, garantindo a classificação para a Copa do Mundo de 2023 e os Jogos Olímpicos de Paris de 2024.

Logo depois da regulamentação, em 1983, algumas mulheres se destacaram nessa função e, como pioneiras, abriram as portas para que outras pudessem vencer obstáculos e visualizar perspectivas de atuação. Magali Fernandes, Maria Cristina de Oliveira e Maria Ivete Gallas fizeram história nas décadas de 1980 e 1990, sendo responsáveis pela formação de grandes nomes da modalidade. Helena Pacheco também integra essa lista e, além de ter descoberto e lapidado vários talentos, foi a primeira mulher a conquistar um título nacional no longínquo ano de 1993, quando o Vasco da Gama se tornou campeão invicto da VII Taça Brasil de Futebol Feminino realizada na cidade de Arceburgo em Minas Gerais. Dos muitos títulos que conquistou, esse talvez seja o mais importante, não pela supremacia da sua equipe que marcou 62 gols e sofreu 1, mas porque concebeu um lugar de representatividade.

“A gente está aqui para te apoiar”

Carioca, nascida no dia 16 de fevereiro de 1958, Helena Maria Filomena da Rocha Ferreira Pacheco é filha única de um casal de portugueses que se estabeleceu no Rio de Janeiro há mais de setenta anos. Seu pai, Fernando, hoje com 95 anos, era comerciante, foi proprietário de uma padaria e, posteriormente, de uma loja

de confecção de couro. A mãe, Maria Virgínia, um ano mais nova que o marido, por um período trabalhou na empresa Kopenhagen, emprego que abandonou quando a filha nasceu. A família ainda mantém um forte vínculo com Portugal, e os três viajam regularmente para a cidade do Porto, onde tentaram residir por duas vezes. Helena tem dupla cidadania e sempre manteve laços com a comunidade portuguesa frequentando clubes e agremiações, dentre elas, o Clube de Regatas Vasco da Gama. O futebol esteve presente em sua vida desde a infância: assistia aos jogos pela televisão, ouvia no rádio e, na companhia do pai e de amigos, ia aos estádios principalmente ao Maracanã e São Januário. - Sempre fui atleta, desde os meus seis anos de idade, então, tudo que me fazia bem a minha família sempre apoiou. A minha mãe ou meu pai nunca se incomodaram de eu estar na rua jogando futebol com meninos, nunca me impediram de nada.

Helena iniciou sua carreira esportiva no voleibol aos 12 anos quando entrou na equipe do Flamengo, fez parte da Seleção carioca na categoria juvenil, jogou no CIB, no Fluminense e pela Universidade Gama Filho, acumulando muitos títulos até encerrar sua carreira nas quadras aos 30 anos. Depois de ter atuado por 18 anos em ginásios, migrou para o vôlei de praia ao lado de jogadoras renomadas como Jaqueline Silva, Roseli Timm, Roseliane dos Santos e Mônica Rodrigues, que foi medalhista de prata nos Jogos Olímpicos em Atlanta.

No início da década de 1980, Helena jogava voleibol no Clube Federal, cuja sede ficava no Leblon e lá tomou conhecimento da organização de um torneio de futebol nas areias de Copacabana. Como tinha conhecimento de que no clube existiam sócias interessadas no futebol, rapidamente espalhou a notícia com a intenção de montar uma equipe. Foi com esse time que participou de seu primeiro campeonato de futebol na areia, que contava com a participação de várias equipes, muitas delas batizadas com o nome de ruas de Copacabana ou de patrocinadores.

Helena relembra alguns detalhes dessas disputas, como o número de jogadoras por equipes, muitas delas com 11 titulares e 9 reservas, os uniformes com os nomes gravados nas camisas,

os aplausos da torcida, a divulgação dos jogos na imprensa e a transmissão de alguns deles na televisão. Por considerarem que a bola de futebol seria difícil de ser conduzida por elas, os organizadores usaram a de voleibol. - Logo que começou o campeonato a gente pediu uma bola mais pesada, porque a de vôlei a gente chutava e ela ia quase até a água. Daí mudaram para bola de futebol normal.

O futebol ainda não era regulamentado nesse momento e as jogadoras nem tinham ideia de que existia uma legislação que as impediam de jogar. - Era um proibido esquisito, eu tenho fotos do futebol de areia em Copacabana, tinha arquibancada e muitas pessoas assistindo ao futebol feminino. Sinceramente, eu nem sabia que era proibido, eu só fiquei sabendo quando fui estudar futebol na faculdade. Nunca aconteceu de alguém nos proibir de jogar. Foram dois anos seguidos jogando na praia, então, é muito louco isso!

Sua presença na areia foi o trampolim para chegar ao Radar, a equipe de Eurico Lira que entrava nos campos mundo afora. Em 1983, Helena integrou o grupo que viajou para disputar três jogos em Santiago, no Chile e, na sequência, enfrentar equipes universitárias e de *high school* em Miami e Orlando.

Na ocasião, ela permaneceu nos EUA por mais cinco meses, tendo a seu favor o domínio do idioma. Lá jogou futebol, morou na casa de jogadoras americanas, conheceu a estrutura que a modalidade tinha no país e ficou impressionada ao ver meninas de cinco, seis anos tendo aula com professores graduados. Essa experiência originou uma vontade gigantesca de fazer a diferença em seu país. - Eu nunca fui uma grande jogadora de futebol, eu sabia correr e cruzar a bola, mais nada. Mas eu sempre soube ensinar, eu era muito observadora e isso me despertou mais.

Apesar de não se enxergar como uma boa futebolista, sua visão não condizia com a opinião de quem a presenciou jogar no salão. Era uma atleta técnica e inteligente, possuía bom domínio de bola, sabia ocupar bem os espaços, tinha uma visão de jogo apurada e marcava muitos gols. Essas capacidades foram reconhecidas por quem escalou a Seleção carioca para participar, em

1983, de um jogo icônico do futebol brasileiro: uma preliminar do clássico São Paulo e Corinthians em pleno Morumbi disputado por equipes de mulheres representando São Paulo e Rio de Janeiro. A partida integrou a programação do 1º Festival Nacional de Mulheres nas Artes, organizado pela atriz e empresária de teatro, Ruth Escobar, que a inseriu no evento como uma estratégia para pressionar as instituições a regulamentar a modalidade. Horas antes de as mulheres entrarem em campo houve a tentativa de impedir a realização do jogo que foi contornada porque a organização do evento lhe atribuiu um caráter de espetáculo e não de competição, diminuindo inclusive seu tempo de duração. - Nós íamos jogar dois tempos de 35 minutos, mas como havia a proibição, a confusão aconteceu ficando 20 minutos de primeiro tempo e 20 minutos de segundo tempo. Assim, não era caracterizado como um jogo de futebol, mas como uma demonstração. A TV Globo fez a cobertura e foi a primeira vez que dois times iam entrar em um tempo, no caso o Morumbi. Foi muito marcante para mim, ganhamos de 4 x 0 e eu fiz dois gols. No domingo a Globo passou meus gols no Fantástico.

Uma das articuladoras desse confronto foi Roseli Cordeiro Filiardo, conhecida como Rose do Rio, protagonista de muitas ações em prol do direito de as mulheres vivenciarem o futebol. Jogadora de campo, areia e salão, técnica e preparadora física, fundou a Associação de Futebol Feminino do Estado do Rio de Janeiro e foi a primeira mulher a obter o registro da Associação Brasileira de Treinadores de Futebol (ABTF) em 1989. Rose foi uma guerreira na luta pela regulamentação da modalidade e sempre que tinha oportunidade denunciava o quanto sua proibição era discriminatória. Sua voz pode não ter sido ouvida por muitos mandatários da modalidade, mas não há dúvidas de que ecoou e contribuiu para que esse ridículo impedimento chegasse ao fim.

Em abril de 1983, o CND regulamentou a prática do futebol de mulheres oficializando as competições e as equipes. Nesse mesmo ano, Helena retornou dos EUA, voltou a jogar futsal no Country Clube, equipe que posteriormente trabalhou como técnica, e deu continuidade aos treinos e competições de voleibol, esporte pelo

qual era apaixonada. Embora já tivesse concluído o curso de Psicologia, o contato com o futebol americano a motivou para, aos 25 anos, iniciar sua formação na área da Educação Física com o objetivo de tornar-se treinadora de futebol. Ao tomar essa decisão, contou novamente com o apoio dos pais: - Quando eu resolvi jogar futebol, para eles, era apenas lazer, eu não ia fazer disso uma profissão. A coisa tomou um rumo maior e eu falei para eles que queria ser técnica de futebol aí eles disseram: “Você não vai conseguir viver disso, mas como você tem outras atribuições profissionais, se você conseguir ter as duas coisas, vai ser perfeito. A gente está aqui para te apoiar”.

Colecionadora de títulos

Filha de uma família de classe média, residente na zona sul do Rio de Janeiro, Helena foi incentivada pelos pais à prática esportiva desde que era criança. Seus pais lhe asseguraram suporte afetivo e emocional e, quando necessário, financeiro. O acolhimento que teve em casa quando decidiu ser técnica não foi o mesmo que vivenciou na Universidade Gama Filho, pois, por ser mulher, não pode cursar a disciplina de futebol. Inteligente e perseverante como era, buscou por si mesma modos de aprofundar conhecimentos sobre os momentos do jogo, os processos de treinamentos, os sistemas táticos, a melhoria da capacidade física das atletas, a preparação específica para goleiras e a gestão de pessoas. - Comecei a me aprofundar, a ver muitos treinos de infante e infantil masculino, para aprender como eu podia adaptar isso para as meninas. Foram anos de aprendizado, sentando em estádios, assistindo treinos de técnicos consagrados para eu poder entender, já que não existia uma formação específica para mim.

Seu primeiro curso como técnica foi concluído na Escola de Educação Física do Exército e, mesmo sendo a única mulher da turma, não se abalou diante do comportamento dos colegas quando percebia que eles achavam “engraçado” ela frequentar aquele ambiente. O futebol era um assunto que ela tinha pleno domínio e, por essa razão, não se incomodava de responder às

perguntas que diariamente lhe eram dirigidas, mesmo sabendo que eram para testar se era ou não merecedora de ocupar aquele lugar. Sua postura e sabedoria cativaram a turma e logo começou a receber convites dos colegas para acompanhar treinos, os quais comparecia com prazer, aproveitando a oportunidade para fazer perguntas e anotar dicas. - Eu não tinha outra forma de aprender, então, eu tirava um tempo e ia lá suprimir minhas dúvidas. Eu queria aprender para poder ensinar.

Nessa altura, não encontrava mulheres nas quais pudesse se inspirar e, dentre os técnicos que observava, tinha grande admiração por Telê Santana, pois apreciava sua visão de jogo e o modo como atuavam os times que ele comandava. De forma quase autodidata, Helena aprofundou sua qualificação por meio de cursos, alguns deles realizados nos Estados Unidos, em Portugal e na Associação Brasileira de Treinadores de Futebol (ABTF), na qual se associou em 1993, sendo uma das primeiras mulheres a integrar o quadro associativo da entidade. Nesse mesmo ano, no mês de dezembro, foi homenageada na cerimônia da entrega da XXI Bola de Ouro, premiação concedida para cronistas, radialistas e dirigentes esportivos e que, pela primeira vez na história, reconhecia a competência de uma mulher em um cargo técnico.

A busca pela capacitação profissional imprimiu um ritmo alucinante à rotina de Helena: além de percorrer a cidade para assistir aos treinos e jogos, ainda frequentava Educação Física, curso que não concluiu, um de seus maiores arrependimentos. - Era uma loucura, eu trabalhava como psicóloga e também na loja do pai e no meio disso tudo apareceu um monte de gente me convidando para dar treino. Dava aula de vôlei, de natação, de futebol, de futsal, enfim, estavam aparecendo muitas oportunidades e eu fazia de tudo.

Pelo destaque que teve no comando da equipe de futsal do Country Club, foi convidada pelo patrocinador, um vascaíno roxo e amigo de Eurico Miranda, a assumir o time de São Januário. Para o clube cruzmaltino a situação era muito confortável, pois, além de receber uma equipe competitiva que ganhava muitos títulos, ainda não teria muitos gastos porque o grupo já contava

com apoio financeiro. O dirigente vascaíno, que era sedento por conquistas, saiu no lucro inclusive porque boa parte desse time de futsal foi convocado para integrar a Seleção brasileira de futebol de campo. Eurico estranhou a convocação e procurou a técnica para saber como isso era possível. - Eu expliquei para ele que a gente não tinha futebol de campo porque era uma coisa muito cara, muito difícil de conseguir. Ele falou: “eu quero ter no meu clube um time de futebol de campo”. Aí abriu uma porta ainda maior para que a gente pudesse fazer não só o salão como também o campo.

Com o aval do cartola, Helena viu diante dos olhos a chance de defender o time do coração, algo que não tinha conseguido como atleta. Com o vôlei, já tinha atuado em outros clubes cariocas de grande representatividade como Flamengo, Monte Sinai e Fluminense, mas em sua trajetória faltava vestir a camisa cruzmaltina, o que vivenciou à beira do campo e com muita emoção. - Quando eu ganhei o campeonato carioca pela primeira vez eu vestida de Vasco e com a torcida dentro do São Januário, foi inesquecível, foi muito marcante.

Antes de vencer esse campeonato, Helena já tinha inscrito seu nome no futebol brasileiro. Foi a primeira treinadora a vencer uma competição nacional, a VII Taça Brasil de Futebol Feminino, feito que repetiu em 1994 ao derrotar o Euroexport e, em 1998, a Portuguesa dos Desportos. No contexto estadual, sagrou-se tetracampeã: em 1996, venceu o Campo Grande, em 1997, o Flamengo, em 1998, o Grêmio de São Gonçalo e, em 1999, novamente o arquirrival Flamengo. Foi também a vencedora do Campeonato de Seleções organizado pela CBF no início de 1994 na cidade mineira de São Lourenço ao comandar a Seleção carioca cuja base era a equipe do Vasco. O grupo fez uma campanha exemplar, não sofreu nenhuma derrota e a cruzmaltina Cebola foi artilheira da competição contabilizando nove gols. Pelo futsal também ampliou a galeria de troféus do clube de São Januário com um vice-campeonato nacional e cinco títulos estaduais.

Para satisfação de Eurico Miranda, Helena levou o Vasco ao topo da modalidade. Entre 1992 e 2001, “o time invencível”,

como era referenciado, acumulou títulos, ganhou prestígio e fama e se transformou em um celeiro de atletas formando jogadoras que brilharam nos campos do Brasil e do exterior, como Pretinha, Kátia Cilene, Cebola, Marta, entre outras. A estrutura inicialmente ofertada pelo Vasco era um diferencial na época, disponibilizando uma comissão técnica composta por nove pessoas com formação específica, entre elas, médica, nutricionista, supervisora e profissionais de Educação Física que atuavam nas funções de preparador de goleiros, preparador físico e auxiliar técnico.

O sucesso da equipe ganhou visibilidade no território nacional e tanto Helena quanto Eurico, que na época era deputado federal, frequentemente recebiam solicitações para que o Vasco testasse jogadoras de diversas regiões do país. Essa foi a oportunidade que a técnica encontrou para criar as categorias de base do clube, indicando como treinador o seu auxiliar, Marcos Gaspar. Nesse processo, ela se dividia entre comandar a equipe principal e participar das peneiras das mais jovens. Em 1996, com a saída da supervisora Carmem Iglesias, a treinadora acumulou mais atribuições e teve que se dedicar às questões burocráticas. - Além de ser um trabalho extremamente chato, levava um tempo enorme porque eu tinha que resolver coisas na Federação, documentação das jogadoras, aí vinha a parte da grana e eu tinha que ficar atrás do Eurico Miranda se quisesse receber, enfim, isso demandava muito tempo e como teve a base, ao invés de ter vinte e cinco jogadoras, passei a ter cinquenta. Era impossível fazer um bom trabalho dentro de campo e comecei a ver que estava me perdendo.

Apesar de toda a sua dedicação, Helena não conseguia viver exclusivamente do futebol. O salário que recebia do clube não arcava com seus gastos, o que era garantido por ser proprietária de uma loja esportiva na qual também trabalhava. Foi nesse contexto que a treinadora abandonou os campos confiando ao técnico da base o comando da equipe principal e à Marta Costa de Freitas as categorias de base. Por mais cinco anos trabalhou no Vasco supervisionando as duas categorias até que, em 2001, viu tudo acabar por falta de grana. Os pagamentos começaram a atrasar e isso a deixou incomodada porque nutria uma relação de

confiança com as jogadoras e sabia da importância que o dinheiro tinha para o sustento de muitas delas. Para evitar o término do futebol de mulheres no clube, propôs a manutenção da base, mas a situação foi declinando até se tornar insustentável.

O cenário financeiro catastrófico do Vasco não impediu que Eurico quisesse contratar três jogadoras de nível de Seleção para que defendessem a camisa cruzmaltina no campeonato brasileiro. Helena, ao tomar conhecimento dessa intenção, entrou em pânico e disse ao cartola: - “Eu não vou dirigir um time que não recebe, eu não me incomodo de não receber, eu assumi um compromisso e vou até o final com ele, mas elas precisam receber”. Ele falou: “Não vou pagar”. Propus então que liberasse as jogadoras e ele disse: eu libero quem quiser ir e quem quiser ficar eu vou pagar meio salário”.

Após cumprir os compromissos com os dois campeonatos previstos para 2001, o brasileiro e o carioca, no qual o Vasco foi vice-campeão, Helena deixou o clube. - Infelizmente as últimas palavras que eu dirigi ao doutor Eurico Miranda foram “estou me demitindo” porque eu não ia ficar sustentando uma mentira.

Na sequência, atuou por cinco anos como técnica de futebol e voleibol na Escola Americana e, posteriormente, por dois anos, esteve à frente de uma equipe judaica que iria disputar uma edição dos Jogos da Macabiáda. Helena também recebeu outros convites como, por exemplo, retornar ao Vasco e coordenar o projeto que resultou na parceria entre o Flamengo e a Marinha, o qual recusou porque, além do valor ofertado ser muito baixo, o projeto sequer tinha sido elaborado.

A competência da treinadora multicampeã era visível e respeitada, no entanto, foi desprezada pela entidade máxima do futebol no país. Ela queria dirigir a Seleção, sabia que possuía capacidade e tinha a seu favor um currículo repleto de títulos e de experiência. Ainda assim, isso não foi o suficiente: - Eu ficava tentando provar o tempo inteiro o que eu poderia ir para a Seleção sendo campeã, mas na verdade não era por isso. Foi por outros motivos que eu não fui técnica da Seleção.

Helena Pacheco saiu do futebol, mas não deixou o esporte. Depois de finalizar sua carreira como técnica e supervisora, seguiu fazendo história nas quadras e areias vencendo competições e acumulando títulos na categoria master no voleibol e em campeonatos de *beach tennis*, modalidades que compete até hoje.

Um conhecimento negligenciado

Com todo o sucesso que Helena alcançou à frente da equipe vascaína, a imprensa esportiva referia o seu nome como o mais provável para assumir a Seleção brasileira no Campeonato Mundial de 1995. Em maio de 1994, o *Jornal do Sports* foi explícito: “Até agora a CBF não escolheu o técnico da seleção. As últimas informações falam que ele será do clube Saad de São Paulo. Custa a acreditar que seja indicado um treinador (homem) com apenas 1 ano de futebol feminino, em detrimento de Helena Pacheco, com 12 anos de vivência e vários títulos conquistados em seu clube, o Vasco, e na seleção carioca. A técnica do clube de São Januário tem um currículo respeitável”.

Para a treinadora, não estar à frente da Seleção foi uma das maiores frustrações de sua carreira e, em sua visão, existiam dois motivos para isso: - Primeiro porque eu era mulher, segundo porque eu não compactuava com as sacanagens que a direção da CBF fazia.

Em 1993, quando disputava a Taça Brasil na cidade de Ubá, em Minas Gerais, na qual foi campeã vencendo o Saad, foi sondada para ser auxiliar técnica de Fernando Pires. - Eu falei: como assim, auxiliar técnica? Disseram: “É porque a gente vai fazer o seguinte: vamos levar ele nessa viagem e quando for para o Campeonato Mundial, a gente puxa o tapete dele e você assume”. Me deu vontade de bater no cara, aliás só faltou eu bater porque xinguei ele de tudo. A partir daquele momento percebi que eu jamais seria técnica da Seleção, porque eu nunca ia aceitar um negócio desses. Já não aceitava a forma com que eles agiam com as meninas, muito menos derrubar uma pessoa que eu ia ser auxiliar.

No ano de 1998, antes de conquistar mais um título como campeã brasileira em Goiânia, outro dirigente da Seleção tentou uma nova abordagem: - Uma sondagem ridícula porque incluía eu sair com alguém da CBF. Foi tão ridículo que até nem me abalou. Graças a Deus eu fui campeã brasileira e joguei isso na cara dele. Desse jeito eu não queria ser técnica da Seleção e a frustração existia até o capítulo dois. Depois que eu vivenciei tudo isso com a CBF eu não podia ficar lá, eu não ia ficar lá, eu não ficaria dez dias, porque não compactuava com o que eles faziam, então, rolou uma frustração total.

Os motivos pelos quais ela imaginava que não estaria à frente da Seleção se confirmaram. Os dois homens convocados foram exatamente aqueles que perderam o título para ela: em 1995, Ademar Fonseca Júnior, o Dema, técnico do Saad e, em 1998, Wilson de Oliveira Riça, o Wilsinho, técnico da Portuguesa.

Eurico Miranda, a quem ela tinha muita consideração e para quem deu notoriedade, também não a apoiou nesse sonho. - Nos Jogos Olímpicos 2000, em Sidney, ele falou: “Você quer ser técnica da Seleção?”. Eu disse: “Sim, gostaria muito”. E ele: “Mas você não vai ser, porque isso vai me custar muita coisa política e eu não vou mexer meus pauzinhos no feminino, mas vou te levar para as Olimpíadas e você vai assistir todos os jogos das meninas. Ele me pediu desculpas, não foi desculpas, porque o Eurico Miranda não pedia desculpa. Ele lamentava muito e como compensação me levou para Sydney.

No mesmo ano que Eurico não quis comprometer sua carreira política para bancar o nome da experiente treinadora, Helena foi convidada para participar de atividades que culminaram na formação da liga americana, a WUSA (Women 's United Soccer Association), uma iniciativa das jogadoras da Seleção que contou com a parceria do Discovery Channel para arregimentar patrocinadores. A Liga foi criada em fevereiro de 2000 e sua primeira temporada aconteceu em abril do ano seguinte com a participação de oito equipes. - Para a sua formação, eles fizeram um apanhado das melhores jogadoras do mundo para fazer apresentações contra a Seleção americana e tivemos quatro brasileiras:

Sissi, Roseli, Pretinha e Kátia Cilene. A ideia foi fantástica porque eles fizeram a propaganda total de como seria os jogos da Seleção juntamente com as jogadoras mais importantes do mundo. Eu fui convidada para ser a assistente do americano, Jim Gavarra, que treinava a Seleção internacional e fiquei alguns meses nos EUA.

Já conhecedora da importância do futebol de mulheres na cultura americana, Helena tinha a expectativa de encontrar treinadoras em ação. No entanto, a realidade foi outra: - Lá também não vi mulheres como técnicas, eram todos homens. Eu tinha pensado em trocar com elas, conhecer suas histórias, mas não encontrei mulheres trabalhando nas equipes.

Mesmo sendo uma pioneira na função de treinadora, o trabalho de Helena não pode ser definido apenas pela conquista de títulos, que aliás foram muitos. Precisa e merece ser lembrado pelos cuidados que dedicava às mulheres com quem trabalhou, seja no direcionamento dentro do campo, seja fora dele. Ela é comumente referenciada como a primeira técnica da Marta, o que é importante, mas não define aquilo que a duras penas fez acontecer no futebol brasileiro. Mesmo reconhecendo a relevância da jogadora que acumula seis títulos como a melhor do mundo, não é nessa reverência que ela se baseia. - Eu não fui só técnica da Marta, eu fui técnica de dezenas de meninas que não foram ícones no futebol e o que importa é reconhecimento que tenho delas e a relação que ainda perdura. Isso é muito mais que um reconhecimento público, porque é tudo o que importa para uma pessoa que dedicou esse tempo todo a ensinar. A Marta por acaso me deixou mais famosa porque ela é ícone, mas o mais gostoso é ver que várias atletas conquistaram um monte de coisas, independente de ser no futebol ou não.

Helena Pacheco é uma grande referência para muitas jogadoras que se tornaram técnicas, no entanto, seu pioneirismo na função ainda é pouco conhecido. A celebração do nome de Tatiele Silveira como a primeira mulher a conquistar um título nacional, em 2019, à frente do Ferroviária, deixa claro o descaso e o silenciamento da mídia e das entidades gestoras do futebol com as mulheres que desbravam caminhos. O apagamento das

conquistas dessa treinadora não tira o brilho nem a magnitude da sua carreira que foi plena de vitórias e de algumas frustrações. A maior delas recai no fato de não ter sido técnica da Seleção brasileira, apesar de ter capacidade e desempenho de sobra para assumir o cargo. Em relação ao futebol de mulheres, ela ainda tem um desejo: escrever um livro partilhando suas experiências e conhecimentos. O título já está definido: “Os vestiários da minha vida”. Se isso acontecer, será uma grande vitória para a modalidade!

Sissi



CBF, cadê a coroa da nossa Imperatriz? (Sissi)

Como escrever um livro sobre as pioneiras do futebol brasileiro sem mencionar Sissi? Ela é a referência dessa geração. Seu nome é recorrentemente mencionado como a jogadora na qual muitas se inspiravam, seja pelo que exibia em campo, seja pela liderança que exercia fora dele. Sua majestade é reconhecida pelas mulheres que viveram o futebol na mesma época que ela e por muitas jovens que não a viram em campo, mas a conhecem pelas imagens e vídeos que circulam nos meios digitais e por meio dos quais podem observar sua técnica, leitura de jogo e cobranças de falta. Para além de ser lenda dentro do campo, Sissi tem a insurgência escrita em seu corpo: o cabelo raspado, para desespero daqueles que queriam “feminilizar” a modalidade, a postura firme, a ironia inteligente, a crítica acirrada e o desejo de fazer seu melhor para valorizar a presença das mulheres no esporte para o qual dedicou sua vida.

Nossa Imperatriz já foi reverenciada por pessoas e instituições mundo afora, menos pela entidade máxima do futebol de nosso país. O silenciamento que recai sobre Sissi pode ser estendido a toda a sua geração. É inadmissível que suas trajetórias não sejam conhecidas nem reconhecidas, inclusive pela CBF, que mantém em sua sede o “Museu Seleção Brasileira” no qual a história do futebol de mulheres é simplesmente ignorada. Esse apagamento é pleno de significados.

Convictas de que toda e qualquer decisão é política, decidimos encerrar esse livro estendendo o tapete vermelho para nossa Imperatriz e ao fazê-lo honramos todas as mulheres que enfrentaram o mundo para estar no futebol e nele inscreveram suas histórias.

Sisleide Lima do Amor, a Imperatriz como é conhecida desde a década de 1980, nasceu na cidade de Esplanada, na Bahia, no dia 2 de junho de 1967. Iniciou no futebol aos 7 anos participando babas na companhia do irmão e do pai que também era jogador. Em 1979 encontrou outras garotas aficionadas pelo esporte o que a deixou feliz pois até então jogava somente com meninos. Felicidade maior foi se deparar com a organização de uma equipe de meninas na escola na qual estudava em Campo Formoso, o que lhe proporcionou disputar jogos na região, ser observada e ter suas habilidades e potencialidades reconhecidas. Em um campeonato disputado na cidade de Senhor do Bom Fim, a moleca que arrancava a cabeça das bonecas para usar como bola, chamou a atenção da proprietária do Grêmio Futebol Clube, que a convidou para integrar a equipe. Foi o primeiro passo para uma longa e bem-sucedida carreira. Mudou-se para Feira de Santana, de lá para Salvador e, posteriormente para o Rio de Janeiro, para integrar a primeira Seleção nacional convocada em 1988 para disputar o Torneio Experimental da China onde conquistou a medalha de bronze. Uma lesão tirou nossa Imperatriz da I Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 1991, competição que disputou em 1995, na Suécia e em 1999 nos Estados Unidos, alcançando a terceira colocação. Sissi, assim como a chinesa Sun Wen, foi a artilheira da competição com sete gols marcados. Eleita pela FIFA como a segunda melhor jogadora do mundo, em janeiro de 2000, recebeu a Bola de Prata da Adidas. Sua atuação no futebol nacional inclui passagem por equipes como o Bahia, São Paulo, Palmeiras, Corinthians e Vasco. Sissi também atuou no futebol de salão, um modo de permanecer atuando diante da escassez

de campeonatos e equipes. Na seleção brasileira fez mais história: em 1996 participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta, quando o futebol de mulheres passou a integrar o programa olímpico e em 2000 foi aos Jogos Olímpicos de Sidney. Ainda disputou duas edições do Campeonato sul-Americano: 1995 em Uberlândia e 1998 em Mar de Plata. Desde 2001 Sissi mora nos Estados Unidos onde defendeu as cores do San Jose CyberRays (clube pelo qual venceu a primeira edição da Liga Americana nesse mesmo ano), do Gold Pride e do California Storm. Depois de deixar os gramados seguiu no futebol exercendo, desde 2004, a função de treinadora de categorias de base.

Homenagens

2022

.....

“Sissi”

Filme produzido pela FIF

Sinopse: Sissi é um documentário sobre a jogadora que encantou com a camisa da seleção brasileira na Copa do Mundo FIFA Feminina em 1999. Depois de vencer a Chuteira de Ouro, ela nunca mais jogou uma partida pela competição. Sua personalidade forte e sua luta como mulher ajudam a entender o porquê.

2021

.....

PorOutroFutebol: Sissi

No dia 14 de março, Sissi foi homenageada no programa PorOutro Futebol Mulheres do Portal Ludopédio com apresentação de Lu Castro, Ju Cabral e Silvana Goellner. “Que proibição que nada, agora é a vez da nossa Imperatriz, Sissi” foi o tema que conduziu o encontro com a jogadora.

CineFoot Mulheres

Sissi foi uma das homenageadas na primeira edição que este festival de cinema realizou com temática específica das mulheres. A apresentação de Sissi, esteve a cargo de Juliana Cabral, ex-capitã da seleção:

“Eu joguei com a Sissi no Saad, no São Paulo, na Seleção, eu era muito nova e ela já era uma jogadora consagrada. Sisleide Lima do Amor: seu nome já diz tudo, por amor ela fez muito pela nossa modalidade. Ela sempre foi ela e demonstrou isso quando jogava de cabelo raspado. Dentro de campo era uma líder, foi a Camisa 10 que nunca quis privilégios, sempre entrou em campo e treinou determinada e nunca disse: “eu não vou treinar, não vou fazer isso.” Sissi era muito presente e combateu tudo e a todos pelo grupo. A imagem que eu tenho da liderança dessa mulher, é ela questionando o grupo por disciplina, cumprir horário, dedicação ao treino, por, às vezes, estarem saindo demais... A Sissi sempre bateu de frente com os diretores dentro da CBF e nos clubes, ela sempre se impôs e sem medo de estar sozinha ou de ter o grupo com ela ou não. Era uma pessoa muito séria, muito profissional, dentro de concentrações não era de muita brincadeira, de muita aparição, mas era uma liderança muito positiva e presente a todos os momentos. Eu tive o privilégio de assistir a Sissi jogar do banco de reservas. Não sei se surgiu outra Camisa 10 com as mesmas características, com a visão de jogo que ela tinha; era uma camisa 10 que, sem a bola lutava muito, corria muito, se esforçava muito. Uma camisa 10 que na década de 1990 era temida pelas goleiras porque fazia gol de falta de onde ela queria. No Mundial de 1999, nos Estados Unidos, eu tenho vivo na minha memória, o reconhecimento dos americanos, eu vi as crianças com a cara pintada escrito Sissi, reverenciando a Sissi e depois dos jogos lembro da Sissi indo a torcida para receber todo esse carinho merecido. Lembro na década de 1990, no Morumbi, quando ela jogava no São Paulo e a torcida gritava: “Sissi melhor que

o Valdir, Ei Muricy coloca a Sissi”. Ela é a representação de uma geração que sofreu muito, que conquistou muita coisa, mas que teve menos incentivo, que teve menos oportunidade e que sofreu demais e que pouco vivenciaram o que hoje as meninas vivenciam (por ser muito longo optamos por editar a fala de apresentação)

Cerveja IPA La Maestra

Bar Sol y Sombra, São Paulo

Sissi foi homenageada com a produção de uma cerveja cujo rótulo exibe sua imagem com a camisa 10 da Seleção

Lucas Pereyra: “O bar se chama Sol y Sombra devido a uma homenagem ao livro do Eduardo Galeano “Futebol ao sol e à sombra” e a ideia era criar uma cerveja que homenageasse uma pessoa do futebol brasileiro e pensamos em alguns nomes, de homens não vou mentir, mas fechamos o nome de um homem um chileno e pensamos agora tem que ser uma mulher. Na hora eu conectei a Sissi. Na hora! Ela jogou num momento que o futebol não tinha visibilidade, ou seja, a gente vê as dificuldades do futebol feminino ainda hoje, mas se não fosse as pioneiras lá atrás o caminho não estava pavimentado, ou semi-pavimentado para o futebol de hoje. E é uma cerveja que vai caju e a Sissi é baiana, a gente pesquisou e viu que o caju é muito consumido no Nordeste em geral e também na Bahia. A homenagem à Imperatriz vem daí porque a ideia era ter uma cerveja que homenageasse um homem e uma que homenageasse uma mulher. Na nossa ideia, que também é um bar que trata bastante de política, não poderia ser outra pessoa senão a Sissi”.

2019

“Salón de la Fama del Fútbol”

Museu do Futebol de Pachuca, México

Em cerimônia realizada no dia 12 de novembro de 2019 Sissi passou a integrar o Hall da Fama, a primeira vez que o Museu incluiu mulheres entre as pessoas homenageadas.

Discurso de apresentação de Sissi, proferido pelo ex-jogador Júlio César:

“Boa noite. Gostaria de agradecer ao grupo Pachuca por estar aqui e por apresentar esta personalidade. Falar desta pessoa é falar de futebol alegre, é falar daquela menina que jogou com seus irmãos, saiu, fugiu de casa para pegar a cabeça de uma boneca e fazer uma bola e se divertir. É muito fácil simplificar o que é esta jogadora que lutou contra o sistema, contra a opinião pública e que conseguiu coisas muito importantes, em 99 uma chuteira de ouro e hoje ela está sendo premiada pelo salão da fama. Estou falando do Sissi. Sisleide Lima do Amor deixou sua marca na história do futebol. A partir dos 6 anos de idade ela tinha amor pelo jogo, ainda que fosse proibido para as mulheres no Brasil, e aos 14 anos de idade ela tinha saído de casa para se tornar uma das pioneiras do futebol feminino brasileiro. Seguindo a tradição, ela vestiu o número 10, daqueles que são capazes de proezas prodigiosas no campo. No Brasil jogou pelo Saad, São Paulo, Palmeiras e Vasco da Gama. Nos EUA, pelo San Jose CyberRays, o California Storm e o Gold Pride. Jogadora indiscutível da equipe nacional. A Copa do Mundo de 1999 nos EUA foi seu ponto máximo, o Brasil ocupou o terceiro lugar e ela compartilhou a Chuteira de Ouro com Sun Wen como as melhores esportistas do torneio, além de ganhar a Bola de Prata como a segunda artilheira da competição. Esta é a história da rainha do futebol brasileiro em poucas palavras.

Discurso de Sissi

“Primeiramente gostaria de dizer que é um prazer enorme estar aqui, não só representando o meu país Brasil, mas também o futebol feminino. Eu gostaria de agradecer a minha família que foi a peça fundamental para que eu conseguisse seguir minha carreira no futebol, aos meus filhos Michael e Madison que estão nos Estados Unidos, aos meus amigos, as minhas companheiras e treinadores de seleção e de clubes. Bom por último, mas não menos importante, quero agradecer ao meu sonho, meu ideal que fica dentro do meu coração que me fortaleceu e me fez levantar de várias quedas que enfrentei durante meu percurso. Meu sonho ainda está vivo, sei que ainda tenho muito a alcançar e o reconhecimento de hoje é sem dúvida um importante degrau dessa subida. Quero ser mentora de meninas apaixonadas pelo futebol, quero ser alguém que faça a real diferença no futebol feminino no Brasil e onde quer que eu esteja. Quero ter a certeza que no final de tudo aquilo que eu fiz e conquistei não foi só para mim e sim para todas as meninas do mundo que são apaixonadas pelo futebol assim como eu. Acredito na minha força e na minha capacidade para estar na frente de um time que seja de crianças ou de mulheres de uma seleção, assim como acredito na força e na capacidade de várias companheiras que fizeram parte do meu percurso e que no fundo também fazem parte dessa premiação que acabo de receber. Muito obrigada.”

“Exposição Contra-Ataque: as mulheres do futebol”

Museu do Futebol, São Paulo

Sissi foi uma das 10 mulheres homenageadas

Descrição: Camisa 10 clássica, é considerada a melhor jogadora da primeira geração de boleiras pós-proibição. Fez parte da primeira Seleção Brasileira convocada pela CBF, em 1988. Foi artilheira da Copa do Mundo de 1999, com sete gols e bicampeã sul-americana (1995 e 1998). Foi para os Estados Unidos em 2001, onde pendurou as chuteiras em 2009, permanecendo como técnica das categorias de base. Desde 2019 está presente na Sala Anjos Barrocos no Museu do Futebol.

“Sala dos Anjos Barrocos”

Museu do Futebol, São Paulo

*Inserção de Sissi na ala do Museu que apresenta
projeções de craques que fizeram história no futebol*

Descrição: Sissi (Esplanada/BA, 2 de junho de 1957) - Sissi não é apenas a jogadora que toda pessoa que ama futebol conhece e lembra. Ela detém o título de Imperatriz do futebol brasileiro. Ela é a camisa 10 clássica, a armadora, a comandante dentro de campo, a liderança é a única jogadora brasileira entre os FIFA Legend. Falar do futebol de mulheres sem exaltar Sissi, é quase um pecado.

2018
.....

She persisted around the world

*Livro escrito por Chelsea Clinton homenageando
13 mulheres que mudaram a história do mundo*

Texto: “Quando Sisleide “Sissi” Lima do Amor era jovem, era proibido por lei que as meninas jogassem futebol no Brasil. Mas Sissi queria jogar, mesmo que tivesse problemas. Então, ela persistiu, primeiro em segredo, transformando outros brinquedos em bolas de futebol e praticando sempre que podia. Até que um dia, seus pais lhe deram uma bola de futebol. Aos quatorze anos, dois anos depois que o Brasil legalizou o futebol feminino, Sissi começou a jogar profissionalmente e depois se juntou à primeira seleção brasileira de futebol. No auge de sua carreira, Sissi foi chamada de “Rainha do futebol brasileiro” e hoje é reconhecida por inspirar uma geração de brasileiras a não ter medo de entrar em campo.

2017
.....

FIFA Women 's Panel

Comissão que elegeu a melhor treinadora e jogadora

Descrição publicada no site da FIFA:

“Sissi: (Brasil) - Jogou pela seleção brasileira desde os primórdios, em 1988, até o ano de 1999. Jogou as Copas do Mundo de 1995 e 1999, quando ficou com o terceiro lugar, e os Jogos Olímpicos de 1996 e 2000, sempre com a camisa 10 do Brasil”.

Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS)

Sissi foi eleita a quinta maior jogadora do século XX

2016
.....

FIFA Legend

Sisi foi a primeira brasileira a integrar o seleto grupo das lendas da FIFA. Na revista publicada na edição de junho de 2016 aparece a seguinte descrição:

“Outro ídolo é Sisleide do Amor Lima, melhor conhecida como Sissi, a jogadora brasileira cujos sete gols marcados na Copa do Mundo Feminina de 1999 lhe renderam o prêmio Chuteira de Ouro Adidas juntamente com a chinesa Sun Wen. A vitoriosa cobrança de falta sobre a Nigéria que levou o Brasil para as semifinais ainda permanece na memória. Sissi é uma lutadora que saiu de casa com apenas 14 anos para seguir sua carreira. Agora residente nos EUA, ela espera que a popularidade de seu esporte nos Estados Unidos seja replicada no Brasil.”

2015
.....

“Exposição Visibilidade para o Futebol Feminino”

Museu do Futebol, São Paulo

Sissi foi uma das 24 jogadoras homenageadas

Descrição: Integrante da primeira seleção brasileira convocada pela CBF em 1988, a atacante baiana foi um dos nomes mais importantes do futebol feminino nos anos 1990. Artilheira da Copa do Mundo de 1999, com 7 gols, e do Campeonato Sul-Americano disputado no Brasil em 1995, com 12 gols

2012
.....

Reconhecimento da Assembleia do Estado da Califórnia

Sissi passa a fazer parte do Contra Costa Women's Hall of Fame “pelo seu histórico exemplar de liderança profissional e cívica”

Reconhecimento do Senado da Califórnia

Sissi é homenageada pelas “suas conquistas atléticas e pelo seu histórico exemplar em atividades cívicas que demonstrou ao longo de sua carreira”

Reconhecimento pelo Conselho da Cidade de Concord

Sissi é homenageada pelo “seu excepcional compromisso como atleta profissional de futebol e como treinadora do Diablo Futbol Club e do Los Positas College, pela expansão do futebol de mulheres na região de Concord e pela promoção do direitos das mulheres no esporte”

2002
.....

WUSA Humanitarian

Sissi recebe o Prêmio Humanitário pelo “seu trabalho comunitário, por ser embaixadora da FIFA e pelo sua atuação como treinadora do Las Positas Colleges e Walnut Creek Soccer Club”

Depoimentos

Formiga

(jogadora)

Eu sou uma pessoa privilegiada, sortuda, vamos dizer assim, de poder jogar com a Sissi, de conhecer um pouco da Sissi, a nossa Imperatriz. Jogar com a Sissi foi uma coisa fantástica, porque era uma época que a gente não tinha tanta visibilidade, então, só quem jogou ao seu lado sabe muito bem o que era esse pé de anjo, ela colocava uma bola, fazia cada gol de falta, sensacional, uma facilidade tremenda. Comandava o nosso meio campo, a nossa capitã. Então eu fico contente de poder ter tido a oportunidade de jogar com esse monstro dentro de campo, e fora também, porque é uma pessoa sensacional e que representa muito para o futebol feminino e muito fez por essa modalidade. É por isso que eu digo, por onde eu passo, que essa mulher merece toda a homenagem do mundo pelo que fez e continua fazendo pelo futebol. Então, eu sou realizada de poder ver essa mulher jogar, e que jogava muito, muito! Para aqueles que não tiveram essa oportunidade, acredite no que eu estou falando, porque essa mulher arrebentou muito. Se tiver a oportunidade de ver um pouquinho da história da Sissi, eu garanto que vocês vão ficar tão maravilhados quanto eu que consegui jogar com essa mulher. (Programa Porutrotebol Mulheres, Ludopédio, 2021)

Ligia do Amor (*irmã*)

Ela até hoje tem uma força na perna esquerda. Ela falava assim: “Se não for jogadora, vou para o convento!” Eu dizia: “Pronto! Vamos ver, mas pelo jeito você não vai ser freira, do jeito que está focada nisso de ser jogadora”. Eu arrumava muita briga porque não gostava que ninguém batesse nela, que desse carrinho nela, mas ela sabia driblar e fazia tudo bonito no campo. Era emocionante ver Sissi jogar, quando ela fazia gol, pronto. E quando era São Paulo e Corinthians era muita felicidade, era bonito, viu. Agora para mim era lindo quando ela estava na seleção. Tem uns que colocam o nome de outras jogadoras com esse nome Imperatriz, eu fico possessa e digo: “Só tem uma, a única, exclusiva, não tem outra, não vem chamar fulana de Imperatriz porque só tem a minha irmã.” (Documentário Sissi, 2022)

Jamie Levoy

(*Diretora Executiva do Califórnia Storm*)

Desde jovem eu tive a honra de ver Sissi jogar. Eu tentava descobrir qualquer jogo que ela estivesse porque ela era minha jogadora favorita, astuta, criativa e com um toque de bola limpo. Além de ser a melhor jogadora na minha opinião e provavelmente na opinião de outras pessoas, ela é muito humilde. No clube ela dedica tempo para ficar com as crianças, com os compromissos, com os fãs ou com qualquer pessoa. Ela tira fotos e não esnoba. É de poucas palavras mas lidera com exemplo e por isso me aproximei dela, por ser quem ela é e por ser a mais talentosa jogadora que já conheci (Depoimento as autoras deste livro)

Pia Sundhage

(*Treinadora da Seleção brasileira*)

Sissi é uma das primeiras jogadoras brasileiras que encontrei. Joguei contra ela em 1991 e 1995, acredito. Mas também atuei como treinadora contra ela na primeira liga profissional nos Estados Unidos. E ela é uma verdadeira jogadora brasileira, técnica e fazia coisas incríveis com a bola. (Programa PorOutroFutebol Mulheres, Ludopédio, 2021)

Maria Cristina de Oliveira

(ex-treinadora da seleção brasileira de futsal feminino)

A Sissi para mim é a melhor jogadora de todos os tempos. Diferenciada, inteligente, dedicada, craque e humilde. E que sempre procurou fazer o melhor pelo seu país. Trabalhei com a Sissi na Associação Sabesp, na Bordon, no Palmeiras e hoje ela ganhou o mundo, é uma cidadã do mundo. Vive e trabalha nos Estados Unidos há muito tempo, então, a finalidade dessa mensagem é para te dizer que não há comparações, Sissi. Deus te privilegiou com um talento que poucas terão igual. Você foi um presente na minha vida. Cuide-se bem e continue espalhando a sua sabedoria para esse mundo de Deus. (Programa Porutrutebol Mulheres, Ludopédio, 2021)

Moya Dodd

*(ex-jogadora da Seleção australiana e
ex-integrante do Comitê Executivo da FIFA)*

Conheci Sissi em campo em 1988 quando disputamos a primeira partida do primeiro torneio organizado pela FIFA. Tenho certeza de que tínhamos os mesmos sonhos - ser a melhor jogadora deste belo jogo e que o mundo pudesse ver a importância do futebol feminino. Sissi realizou o primeiro sonho, tornando-se uma jogadora de referência no cenário global por muitos anos, conquistando muitos elogios para o Brasil. O segundo sonho - que o futebol feminino fosse valorizado - é algo que podemos compartilhar à medida que o tornamos realidade. As atuações de Sissi ajudaram a mostrar para as jogadoras de hoje que nosso jogo era possível e elevaram o seu nível. Ela é uma das maiores jogadoras de todos os tempos do futebol feminino

Fala de Sissi no documentário da FIFA (2022)

“Talvez eu tenha sido uma pedra né, porque eu nunca me calei, procurei falar, procurei debater, procurei brigar pelos nossos direitos e talvez eu virei uma pessoa não... Uma pessoa que eles não queriam ter por perto, não vou dizer que fiquei surpresa, mas eles não entenderam por que eu estava jogando meu melhor futebol. Eu fiz parte de dois All-Stars, quando eles elegem as onze melhores, então, minhas companheiras e o pessoal do clube não acreditaram, eles achavam que era um absurdo eu não estar sendo convidada, eu não tinha sido convidada para fazer parte da Seleção, eu não tive despedida, não tive nada para dizer: “Vamos fechar esse ciclo!” Acho que não é só minha despedida, mas a despedida daquele grupo, acho que a gente merecia muito mais pelo que fez, essa geração que veio depois, acho, é uma geração que tem que agradecer a minha geração, foi lá onde tudo começou, entendeu?”

